

Rev. Portuguesa

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

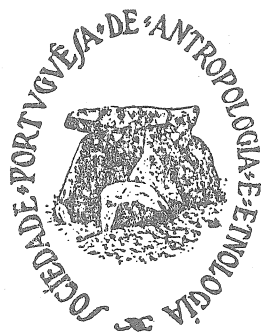
VOL. XII — FASC. 1-2
(NOVA SÉRIE—DA SOCIEDADE E DO CENTRO)



PORTO — 1949

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E
ETNOLOGIA E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR

FLUP - BIBLIOTECA
Periódicos

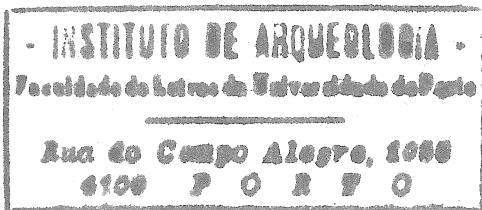


959986

VOLUME XII

(NOVA SÉRIE — DA SOCIEDADE E DO CENTRO)

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA



17. ABR. 1988

PORTO

Sede da Soc. e do Centro: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA — Faculdade de Ciências

39(05)
Tpa.



Morfologia do seio maxilar

POR

CARLOS DE ARAÚJO JORGE

Quando André Vesálio (1) se refere ao «*quartum maxilla os*», que hoje chamamos maxilar superior, faz a descrição da cavidade existente no interior do osso, que mais tarde Highmore designou por antro maxilar e hoje conhecemos por seio maxilar. É esta a designação preferida pela maior parte dos anatomistas. No entanto, segundo Holden, a sua origem vem já desde Galeno, onde se encontra a primeira referência a este seio que só ultimamente tem sido objecto de estudo anatómico mais pormenorizado.

Uma análise rápida do que há escrito na literatura mostra-nos a pobreza das descrições sobre o assunto. Serrano (2) refere-se à forma e dimensões do seio, mas nada mais acrescenta à sua descrição. Santucci (3) apenas o cita, sem designação anatómica, nem qualquer descrição morfológica. Soares Franco (4) diz que o seio maxilar ocupa quase todo o interior do osso, não dando pormenores. Ligeiras referências se encontram nos tratados de Poirier-Charpy (5), Moynac (6), Cruveilhier (7) Sappey (8) e Testut (9), sendo estes dois últimos os mais circunstanciados. Le Double (19) anota variações de dimensão e relação com a idade e ainda variações de forma e estrutura, mas as suas descrições são bastante incompletas. McClellan (10) dá algumas indicações sobre a relação do desenvolvimento com a idade. Piersol (11) e Quain (12) referem pormenores de algum interesse que adiante serão discutidos. Hyrtl (13) e Meckel (14) dão descrições comparáveis às dos autores atrás citados.

Exceptuando o estudo da forma últimamente posto de novo em discussão por Baptista Neto (15) vários problemas continuam ainda por resolver, apesar dos impulsos isolados de um ou outro autor em pequenos artigos. Estão neste caso os seguintes:

- a) Relação do tamanho do seio maxilar com os diâmetros faciais;
- b) Relação do tamanho com a idade e o sexo;
- c) Relação do tamanho com a abertura do orifício anterior das fossas nasais;
- d) Relação do pavimento do seio com o das fossas nasais;
- e) Percentagem do maior seio à direita ou à esquerda;
- f) Falta do seio maxilar;
- g) Relação do tamanho dos seios maxilares com o dos seios frontais.

Para responder a estas perguntas, fez-se o estudo sistemático de 100 crânios, desprovidos de maxilar inferior, dos quais 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino. As idades variaram de 7 meses a 83 anos e estavam repartidas da seguinte maneira:

Até 10 anos	4 crânios,	3 ♂ e 1 ♀
De 10 a 19 anos	11 »	5 ♂ » 6 ♀
» 20 » 29 »	20 »	10 ♂ » 10 ♀
» 30 » 39 »	14 »	9 ♂ » 5 ♀
» 40 » 49 »	16 »	6 ♂ » 10 ♀
» 50 » 59 »	15 »	9 ♂ » 6 ♀
» 60 » 69 »	12 »	5 ♂ » 7 ♀
» 70 » 79 »	5 »	2 ♂ » 3 ♀
» 80 » 89 »	3 »	1 ♂ » 2 ♀

100 crânios

Nestes crânios mediu-se a altura facial superior (entre o násio e ponto alveolar), e a largura da abertura piriforme. O estudo dos seios maxilares e frontais e suas relações com o pavimento das fossas nasais foi feito por meio de radiografia, tirada em posição occipito-nasal. Preferiu-se esta à posição

nariz-mento sobre a chapa, que nos dá a imagem do seio livre da sombra do rochedo, em virtude do desenho radiográfico ser muito mais aproximado da projecção do seio sobre o plano frontal (semelhante a um triângulo de base interna), o que permitiu a medição das alturas e larguras em valores proporcionais aos valores reais, e o estudo da relação do pavimento do seio com o das fossas nasais. Na radiografia estudou-se ainda o tamanho dos seios frontais.

A posição esquemática em que os crânios foram colocados é a seguinte:

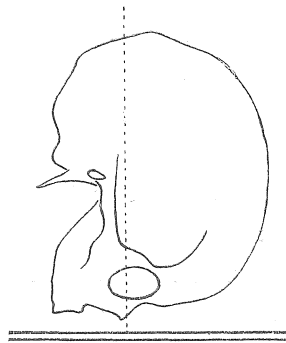


Fig. 1

o que dá uma imagem desta natureza:

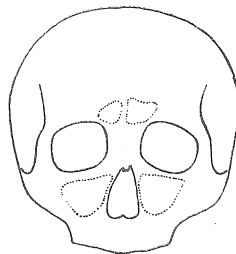


Fig. 2

Nestas radiografias foram medidas as larguras das sombras

dos seios passando respectivamente pelos ângulos externo e inferior:

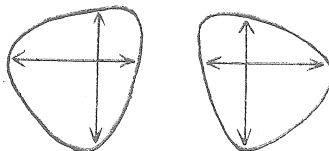


Fig. 3

Resultados

a) *Relação do tamanho dos seios maxilares com as medidas faciais.* — É do conhecimento empírico que as dimensões da face dependem dos seios dos ossos da cabeça e sobretudo da face. No entanto, nenhum dos autores consultados refere qualquer correlação entre aqueles valores. Fizeram-se três correlações para estudar o assunto:

1.º — uma entre a altura facial superior e a altura da projecção frontal do seio maxilar direito;

2.º — outra entre a distância bizigomática e a largura da projecção frontal do seio maxilar direito;

3.º — finalmente, outra entre as somas das áreas (aproximadas) das projecções frontais dos dois seios maxilares e o produto da altura facial superior pela distância bizigomática (1).

(1) Esta relação é estabelecida, em última análise, entre duas figuras geométricas semelhantes. Com efeito, comparando as projecções frontais dos seios maxilares a dois triângulos, como sejam (fig. 4) temos que a soma é idêntica a (fig. 5)

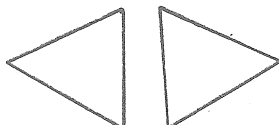


Fig. 4

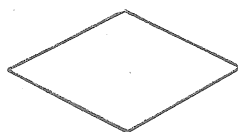


Fig. 5

É o resultado dessas correlações que se apresenta a seguir:

1.º $r = 0,65 \pm 0,0052.$

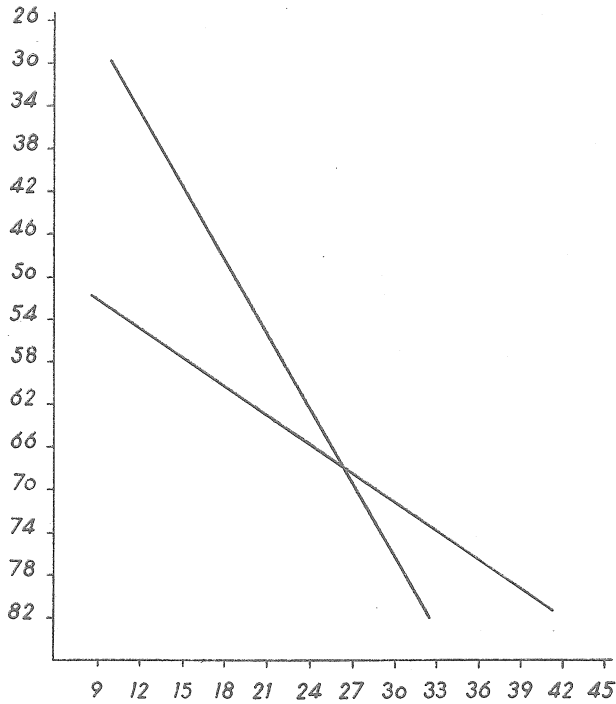


Fig. 6

que é aproximadamente o desenho que nos dá o produto das dimensões faciais consideradas aqui

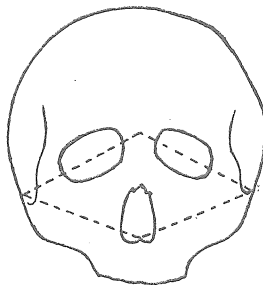


Fig. 7

2.º

$$r = 0,43 \pm 0,055.$$

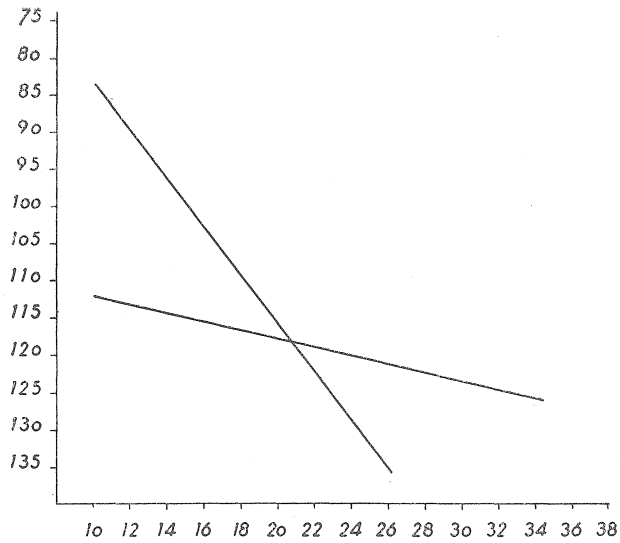


Fig. 8

3.º

$$r = 0,59 \pm 0,043.$$

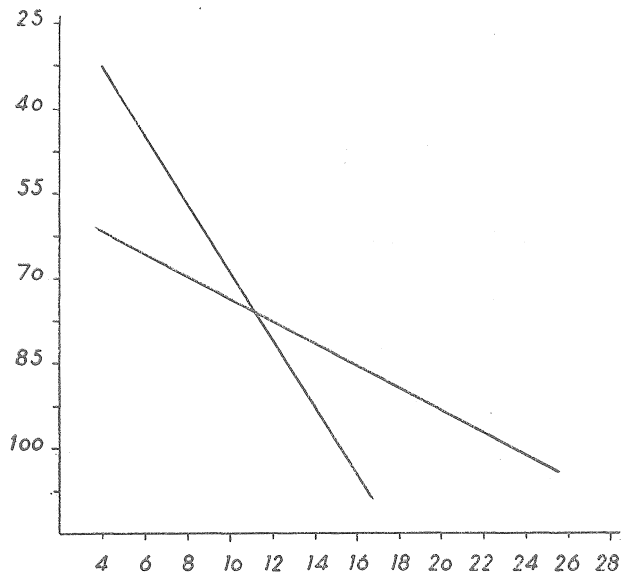


Fig. 9

Como se vê comprova-se matematicamente que há uma correlação positiva entre o tamanho dos seios e o tamanho da face, dependendo as diferenças que aparecem de outros factores (curvatura da arcada zigomática). Assim se explica que na raça negra a face seja mais volumosa que na branca ao contrário dos seios que são mais pequenos (seg. Sappey — 8 —).

b) *Variação do tamanho com a idade e o sexo.* — Sappey (8) diz que o seio maxilar é maior no adulto e ainda maior no velho. Piersol afirma que é maior no homem que na mulher. Paatero (16) admite que o seio maxilar é maior no sexo masculino e que as variações segundo a idade são irregulares havendo predominância, segundo as aparências, de maiores seios nas pessoas idosas.

Nos exemplares examinados verificou-se que, depois de atingirem o desenvolvimento completo, o que se dá entre os 12 e 16 anos (McClellan — 10 — e Blondeau — 17 —), os seios apresentam-se com um tamanho que é independente da idade do indivíduo. Além disso, não se verificou o facto apontado por alguns autores de que é maior nas idades avançadas (fig. 10). Nas variações com o sexo há uma ligeira predominância para maior tamanho nos exemplares masculinos, como se vê nas curvas seguintes:

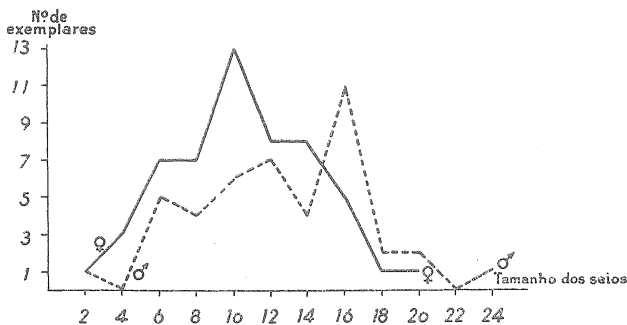


Fig. 10

c) *Relação do tamanho com a abertura piriforme.* — Procurou-se saber se a largura da abertura piriforme estaria depen-

dente da maior ou menor largura do seio. Paatero (16), que estudou a relação entre o índice nasal e a capacidade dos seios, nos finlandeses, não encontrou relação entre estes dois factores. Nos crânios por nós estudados encontrou-se uma correlação pequena, mas positiva, entre a soma das larguras dos dois seios (em projecção frontal) e a abertura do orifício anterior das fossas nasais, embora as dimensões deste último estivessem contidas entre valores muito próximos:

$$r = 0,52 \pm 0,048 .$$

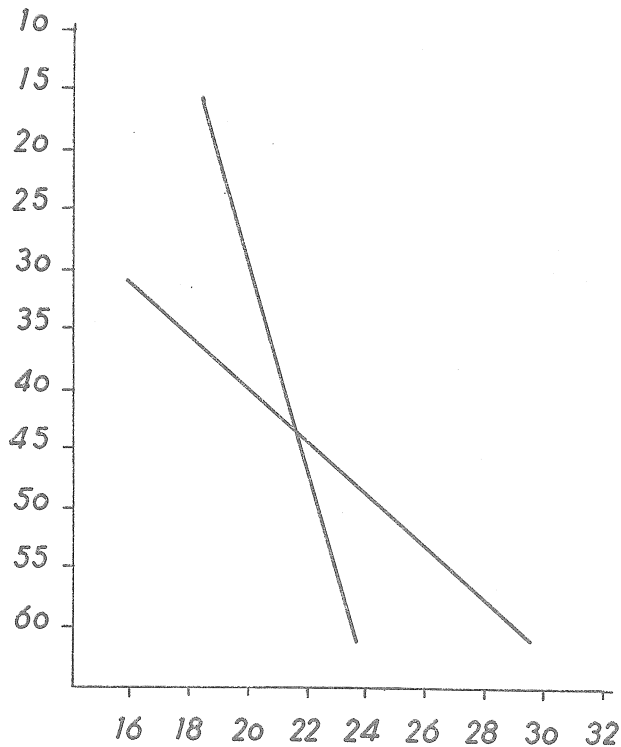


Fig. 11

d) *Relação do pavimento do seio com o das fossas nasais.* — C. Reschreiter (cit. por Piersol — 11) considera uma característica

masculina o facto do pavimento do seio descer abaixo do pavimento das fossas nasais. Piersol (11) considera o facto como constante. Paatero (16) diz que em ambos os sexos o pavimento do seio maxilar está acima do das fossas nasais em 1/5 dos casos e abaixo em 3/5; no sexo feminino estaria mais abaixo que no masculino.

Nas observações feitas encontrou-se constantemente o pavimento do seio numa situação inferior em relação com o das fossas nasais e a situação era tanto mais inferior quanto maior fosse o desenvolvimento dos seios.

e) *Percentagem do maior seio à direita ou à esquerda.* — Paatero (16) não encontrou relação entre o tamanho do seio e a sua situação à direita ou à esquerda. Notou uma assimetria bilateral muito frequente e apenas um volume semelhante em 13 % dos casos.

O estudo da projecção frontal dos seios mostrou que a assimetria é a regra geral. No entanto, parece que, apesar duma percentagem de 11 % de seios sensivelmente iguais em ambos os lados, há ligeira predominância do maior seio à esquerda.

f) *Falta do seio maxilar.* — Em toda a literatura consultada apenas Morgagni (cit. por Serrano — 2) refere um caso de ausência total de seio maxilar. Nos exemplares por nós estudados não apareceu nenhuma anomalia deste género.

g) *Relação de tamanho entre seios maxilares e frontais.* — Para avaliar esta relação, adoptou-se a classificação de Testut que divide os seios maxilares em grandes, médios e pequenos. O mesmo se fez para os seios frontais, no que se seguiu o critério de Silva Pinto e Roberto Carvalho (18). Partindo desta nomenclatura, vê-se que há correspondência entre seios do mesmo tipo

em mais de metade dos casos (57 %); isto faz pensar que o desenvolvimento dos diversos seios da face é proporcional. Há a notar que nem sempre o lado do maior seio maxilar corresponde ao do maior seio frontal. Este facto só se verificou em 46 % dos casos.

CONCLUSÕES

Resumindo os resultados obtidos nestas observações pode-se concluir o seguinte:

a) Há uma correlação positiva entre o tamanho dos seios maxilares e o tamanho da face.

b) O tamanho do seio maxilar, no adulto, é independente da idade do indivíduo. Há uma ligeira predominância de tamanho dos exemplares masculinos sobre os femininos.

c) A largura da abertura piriforme é tanto maior quanto mais desenvolvidos são os seios maxilares.

d) O pavimento dos seios está situado abaixo do das fossas nasais, e tanto mais quanto maior é o seio.

e) Os seios maxilares são desiguais em tamanho à direita e à esquerda, sendo os deste lado com frequência os maiores. Em 11 % dos casos encontraram-se seios sensivelmente iguais em ambos os lados.

f) A falta uni ou bilateral do seio maxilar não foi encontrada nos casos observados.

g) Há correspondência de tamanho entre seios maxilares e frontais em 57 % dos exemplares. O lado do maior seio maxilar não corresponde, com frequência, ao do maior seio frontal.

BIBLIOGRAFIA

- BÉCLÈRE, HENRI et PORCHER et GUEULETTE — *Recherches anatomo-radiologiques sur les sinus de la face*. «Bulletin de la Société Anatomique», 3-12-925.
- BLONDEAU (17) — *L'exploration radiologique des sinus de la face*. Paris, 2.^a ed., 1929.
- CARVALHO, ROBERTO e SILVA PINTO (18) — *Estudo morfológico dos seios frontais*. «A Medicina Contemporânea», n.º 36; 4-9-38.
- CLARK, K. C. — *Positioning in Radiography*. Londres, 1925.
- CRUVEILHIER (7) — *Anatomie Descriptive*. Paris, 1834.
- FRANCO, SOARES (4) — *Elementos de Anatomia*. Tomo I, Lisboa, 1825.
- HYRTL (13) — *Manuale di Anatomia Topografica e delle sue Pratiche Applicazioni Medico-Chirurgica*. Trad. ital., 2.^a ed., 1870.
- LE DOUBLE, A. F. (19) — *Variations des os de la face*. Paris, 1906.
- MCCLELLAN, GEORGE (10) — *Anatomie des régions dans ses rapports avec la Médecine et la Chirurgie*. 2.^a ed., Paris, 1906.
- MOYNAC, LEON (6) — *Manuel d'Anatomie Descriptive*. Tomo I, Paris, 1880.
- NETO, P. BAPTISTA (15) — *Da forma do seio maxilar*. «Revista Médico-Cirúrgica do Brasil», 50:801-812, Julho-Agosto, 42.
- NICEFORO, ALFREDO — *La Methode Statistique*. Paris, 1925.
- PAATERO, Y. V. (16) — *Etudes anatomico-topographiques et radiographiques sur le sinus maxillaire*. «Ann. Acad. Sci. Fenn.», Sér. A. 50 (1939): 1-180.
- Idem — *Relationship between size of maxillary and frontal sinuses* «Duodecim», 57:46-49, Helsinki, 1941.
- PANCOAST, HENRY K. and EUGENE PENDERGRASS and J. PARSONS SCHAEFFER — *The head and neck in Roentgen diagnosis*. Londres, 1935.
- PIERSOL (11) — *Human Anatomy*. Filadélfia, 1907.
- POIRIER, P. et A. CHARPY (5) — *Traité d'Anatomie Humaine*. Tomo I, Paris, 1911.
- QUAIN (12) — *Elements of Anatomy*. 11.^a ed., Londres, 1915.
- SANTUCCI, BERNARDO (3) — *Anatomia do corpo humano*. Lisboa, 1739.
- SAPPEY (8) — *Traité d'Anatomie Descriptive*. 3.^a ed., tomo I, Paris, 1876.
- SEDWICK, H. J. — *Form, Size and Position of Maxillary Sinus at Various Ages Studied by means of Radiographs of Skulls (abst.)*. «Journal of Dental Research», Baltimore, 14:234-35, 1934.
- SERRANO (2) — *Tratado de Osteologia Humana*. Lisboa, 1895.
- TESTUT, L. (9) — *Traité d'Anatomie Humaine*. 8.^a ed., Paris, 1938.
- VESALIUS, ANDRÆ (1) — *De corporis humani fabrica*. Liber primus.

A estação pré-histórica do Alto das Perdizes

POR

J. CAMARATE FRANÇA

Seja pela sua situação geográfica, seja, mesmo, por qualquer outro motivo que, neste trabalho, não é nosso desejo abordar, a margem direita do estuário do Tejo mostra-se-nos particularmente rica em indústrias pré-históricas. Sobre este assunto, tomamos a liberdade de remeter o leitor para a extensa bibliografia elaborada, há poucos anos, pelos Srs. P.^o Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (1).

Em princípios de 1944, durante um passeio de prospecção pela vertente norte da Serra de Monsanto, tivemos a felicidade de encontrar, num sítio conhecido pelo Alto das Perdizes, grande número de peças líticas intencionalmente talhadas. Algumas visitas feitas, dias depois, permitiram-nos a colheita de abundante espólio, verificando, desde logo, que nos encontrávamos perante uma das mais curiosas estações pré-históricas dos arredores de Lisboa.

É sobre o espólio dessas primeiras colheitas que incide, hoje, o nosso trabalho. Porém, observações que, posteriormente, pude-

(1) Eugénio Jalhay e Afonso do Paço — *Páleo e Mesolítico português*, in «Academia Portuguesa da História — Publicações comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal», Lisboa, 1941, vol. IV.

mos fazer com mais pormenor na estação e ainda a recolha de mais alguns milhares de peças, não nos permitem dar por findo o estudo da jazida com esta primeira notícia, esperando referir-mo-nos de novo a ela oportunamente.

*

* *

Sensivelmente a meio da vertente que, para Norte, a Serra de Monsanto lança sobre S. Domingos de Benfica, existe uma pequena elevação no cimo da qual, ainda há pouco tempo, se erguia um moinho arruinado que gente humilde tinha adaptado para sua habitação. Há cerca de um ano, o que restava do moinho foi deitado abaixo e no mesmo lugar mandou-se — creio que a Câmara Municipal de Lisboa — edificar uma casa de alvenaria.

Um pouco mais para Oeste e entre o Alto das Perdizes — assim é designada a elevação a que nos referimos — e o morro principal da Serra inicia-se uma ravina que desce e alarga para Nascente, em direcção do Barcal. Ao lado da ravina corre um antigo e rudimentar caminho que, do Barcal, se dirige para perto da Luneta dos Quartéis. A Norte, uma outra via foi recentemente aberta em direcção do Alto da Boa Vista.

A estação pré-histórica do Alto das Perdizes ocupa todo o alto do mesmo nome, alarga-se pelas vertentes da ravina que atrás mencionamos e estende-se ainda para Este pela encosta da serra, indo, deste lado, a sua zona de expansão quase tocar na da estação do Moinho das Cruzes.

A jazida, de superfície, assenta sobre um afloramento basáltico que alterna, em alguns pontos, com camadas de tufos. Numa pedreira em exploração a N.W. do Alto das Perdizes pode exa-

minar-se o interessante contacto da camada de basalto com o calcário cretácico da base.

A espessura de terra existente sobre a camada de basalto é muito variável, indo, segundo notámos, de mais de um metro a dez centímetros apenas.

Embora a estação seja de superfície, o exame dum corte feito pela estrada recentemente aberta a Norte da jazida faz-nos

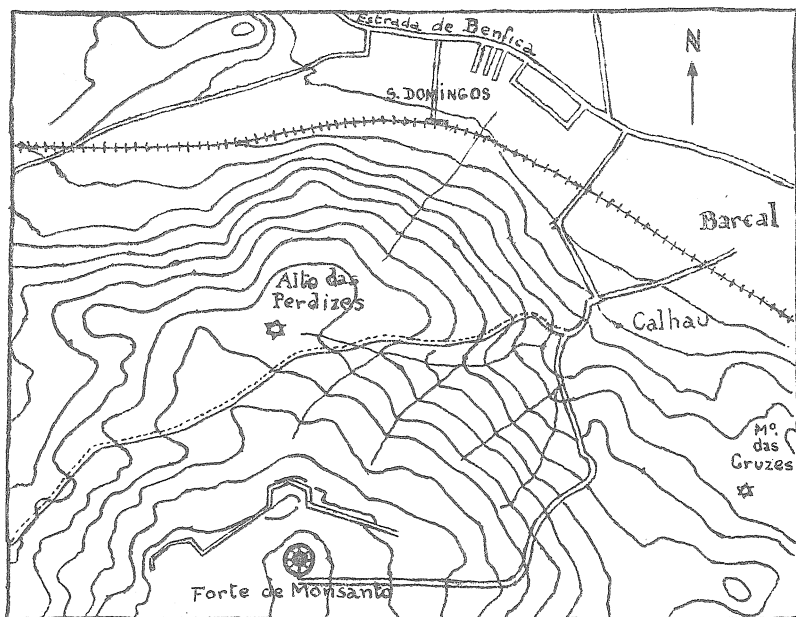


Fig. 1

admitir a possibilidade deirmos a obter alguns elementos de estratigrafia, se bem que rudimentar. Num dos pontos de maior espessura de terras, identificámos quatro camadas, assim dispostas de baixo para cima: *a)* rocha de basalto inalterado; *b)* camada de basalto alterado, facilmente desagregável; *c)* camada de terra, contendo grande número de blocos de basalto e o material paleolítico mais antigo (Pleistoceno?); *d)* camada

holocénica, completamente revolvida pelo arado e abundante em restos do Paleolítico médio e superior e post-paleolíticos (fig. 2).

Temos esperanças nos resultados que nos possam vir a dar alguns cortes que tencionamos efectuar. Porém, até hoje, a jazida

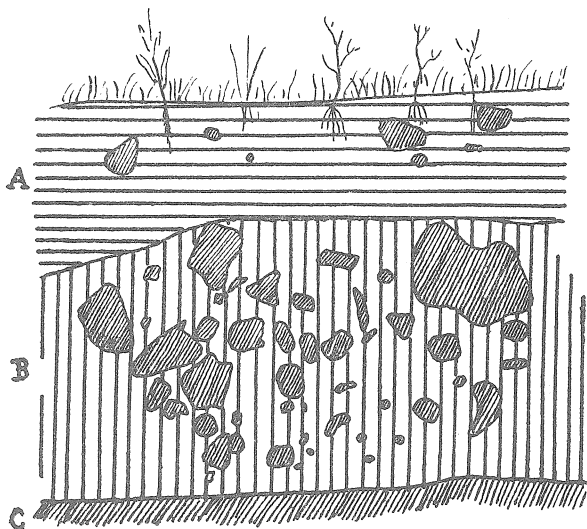


Fig. 2

- A — Camada holocénica.
- B — Camada pleistocénica (?).
- C — Camada de basalto alterado.

pré-histórica do Alto das Perdizes apresenta-se-nos como estação de superfície e, como tal, procedemos ao seu estudo.

Quanto à matéria-prima utilizada no fabrico das peças, o sílex poderá ter origem nos vizinhos afloramentos de calcário cretácico e a quartzite e o quartzo talvez provenham, quer de restos pliocénicos hoje destruídos e que existiriam no local ou perto deste, quer dos depósitos oligocénicos que afloram a N. e NW.

*

* *

Para o estudo do material fornecido por esta estação adoptámos o método de prévia seriação por pátinas e estado de conservação das arestas, preconizado por Breuil ⁽¹⁾ para as jazidas paleolíticas de superfície, não só por nos parecer o mais aconselhável em relação à do Alto das Perdizes, mas também porque a aplicação desse método a outras estações de jazida semelhante nos iria permitir comparações sobre os resultados a que chegássemos.

Não queremos dizer que aceitemos a infalibilidade do método, porém, a simples classificação baseada na técnica ou no tipo dos instrumentos, pareceu-nos, neste caso, insuficiente, pois obteríamos seriações de elementos de técnica ou tipo idênticos mas fabricados em tempo diferente. Não poderíamos, assim estudar a evolução desses tipos e técnicas, o que, para o Paleolítico, se reveste de acentuada importância.

É certo que, somente nas estações onde exista uma disposição regular das camadas estratigráficas, o estudo dessa evolução se poderá fazer com mais probabilidades de rigor. Mas, nas estações de superfície, a falta de estratigrafia aconselha-nos a tentarmos reconstituir, o mais aproximadamente possível, a colocação dos diversos objectos no tempo. E o único elemento de que pudemos lançar mão para tal fim foi o exame ao estado físico exterior dos objectos, deduzindo a sua idade pelos vestígios mais ou menos

(1) H. Breuil et G. Zbyszewski — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire* — in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal» — Tomo XXIII, Lisboa, 1942, págs. 32 e seguintes.

acentuados que as acções física e química externas lhes produziram, desde que esses objectos permaneceram em meio idêntico. Sòmente após havermos obtido, desta forma, as diversas séries, encetámos o seu estudo tecnológico e tipológico.

Seguindo, pois, este método, obtivemos com o espólio das primeiras colheitas no Alto das Perdizes dez séries, a saber :

Série I — Peças com pátina de vento; vários graus de rolamento. Tonalidade castanha ou de amarelo-escuro. Arestas arredondadas.

Série II — Pátina de vento bastante acentuada; desgaste das arestas; superfícies pouco ásperas ao tacto. Sílex, com bastante brilho, amarelo-torrado ou grená escuro.

Série III-A — Pátina de vento menos acentuada do que na série anterior; muito brilho em algumas peças; arestas mais ásperas. Sílex com tonalidades menos carregadas.

Série III-B — Pátina de vento, em alguns exemplares, ainda bastante acentuada. Sílex com menos brilho e predominâncias das cores amareladas.

Série IV — Pátina de vento fraca. Superfícies já um pouco ásperas. Brilho menos intenso no sílex que, de diversas cores, apresenta, porém, no conjunto, uma tonalidade amarelo-acinzentada.

Série V — Brilho oleoso. Superfícies e arestas ásperas. Sílex com uma tonalidade de amarelo-acinzentado.

Série VI — Pouco brilho; arestas vivas; cor natural do sílex.

Séries VII, VIII-A e VIII-B — Brilho quase nulo. Arestas vivas.

No estudo que se segue não nos referimos ao grande número de percutores, sem trabalho especial, que encontrámos.

Seguimos, por ordem, as diversas séries; dentro destas agrupámos as peças por matérias-primas e, seguidamente, por tipos.

Ao referirmo-nos à finalidade da peça, tivemos em atenção o aspecto predominante. Com efeito, ao classificarmos um instrumento, por exemplo, como raspador, não queremos dizer que o tivesse sido unicamente: poderia ser, simultâneamente, raspador, raspadeira, furador, etc. Todos os pré-historiadores têm decerto notado quão complexa se torna a finalidade das peças à medida que nos aproximamos do Paleolítico inferior. Tivemos, pois, de optar por aquela que nos pareceu mais evidenciada.

Posto isto, analisemos em pormenor o material recolhido.

SÉRIE I

QUARTZO

BIFACES

Pequeno biface lanceolado, com as faces acentuadamente planas; verso ocupado pela superfície de separação com pequenas lascas de regularização nos dois bordos laterais; reverso, de superfície primitiva do seixo, apresentando retoques de regularização nos bordos. Nítidos vestígios de utilização. Comprimento: 0^m,045; largura máxima: 0^m,032; espessura: 0^m,014 (5).

LASCAS RETOCADAS

Lasca de forma sub-triangular muito rolada, apresentando a superfície primitiva na base e no reverso com excepção de um grande negativo de lasca tirada do bordo esquerdo; no verso, percorrido por uma aresta longitudinal, encontramos três nega-

tivos de lascas, tiradas do bordo esquerdo, e alguns pequenos retoques de regularização no lado direito. Comprimento: 0^m,056; largura na base: 0^m,038; espessura: 0^m,020 (8).

PONTAS

Pequeno bloco de forma sub-triangular truncado verticalmente na base. No verso, ocupado pela superfície primitiva do seixo, a extremidade oposta à base está afeiçoada em ponta por meio de duas lascas tiradas uma de cada bordo lateral, apresentando o bordo direito mais uma lasca na sua metade inferior; no reverso, também ocupado pela superfície primitiva do seixo, nota-se uma lasca na metade inferior do bordo direito e algumas outras mais pequenas no bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,043; largura máxima: 0^m,037; espessura: 0^m,018.

QUARTZITE

BIFACES

Espesso biface cordiforme, bastante rolado, trabalhado num seixo. No verso, inteiramente trabalhado e correspondendo em parte ao plano de separação, notam-se algumas lascas ascendendo da periferia para o centro, formando-se na extremidade uma ponta mercê de uma grande lasca tirada do terço superior do bordo direito; reverso muito convexo ocupado nos seus dois terços inferiores pela superfície primitiva do seixo, sendo o terço superior trabalhado de pequenas lascas afeiçoando a ponta. Comprimento: 0^m,089; largura máxima: 0^m,069; espessura máxima: 0^m,047.

LASCAS RETOCADAS

Lasca sub-triangular imperfeita. Verso apresentando um negativo que desce obliquamente da parte central até à extremidade esquerda da base; bordo esquerdo com duas facetas e bordo direito com duas outras muito irregulares. Reverso de plano de separação com pequeno bolbo pouco pronunciado junto da ponta, notando-se alguns retoques de regularização do bordo direito. Comprimento: 0^m,052; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,018.

PONTAS

Pequeno fragmento de seixo com a superfície primitiva ocupando todo o reverso e a metade inferior do bordo esquerdo do verso; a metade superior deste bordo talhado dum negativo que afeiçãoou uma das extremidades em ponta; bordo direito do verso apresentando uma faceta longitudinal que ocupa todo o comprimento. Comprimento: 0^m,043; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,015.

LÂMINAS

Lâmina sub-rectangular, de secção sensivelmente trapezoidal. No verso, cujo terço superior é ocupado no centro e lado esquerdo por uma mancha de superfície primitiva, os dois terços inferiores estão separados em duas facetas por uma aresta longitudinal; do lado direito nota-se uma grande faceta longitudinal e alguns retoques verticais no bordo direito; do lado esquerdo duas facetas longitudinais mais pequenas e retoques no bordo; extremidade superior retocada em raspadeira. Reverso de superfície de separação com dois bolbos gémeos na base. Técnica taiacense. Comprimento: 0^m,046; largura: 0^m,029; espessura máxima: 0^m,015 (7).

SÍLEX

NÚCLEOS

Pequeno núcleo poliédrico apresentando numa das suas faces uma pequena mancha de córtex e retocada no resto de pequenas lascas muito irregulares, tendo sido utilizado num dos seus bordos de raspador côncavo. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,018.

PONTAS

Pequena lasca, sub-triangular, afeiçãoada em ponta na extremidade. Reverso de plano de separação. Verso convexo retocado em toda a periferia dos bordos. Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,017 (4).

BICOS

Pequeno bloco de sílex poligonal irregular. Reverso abaulado, ocupado por córtex e retocado em todo o bordo esquerdo. Verso convexo, irregular, retocado no bordo esquerdo. Na extremidade formou-se um largo bico. Comprimento: 0^m,026; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,011 (1).

RASPADEIRAS

Essa lasca triédrica. Face inferior de plano de separação com um pequeno bolbo taiacense perto da base; o plano de percussão que se encontra nesta extremidade foi retocado apresentando por este motivo um pequeno bico ligeiramente mutilado numa época ulterior; notam-se nos outros bordos pequenos reto-

ques da série III-B. Verso muito proeminente percorrido por uma aresta longitudinal mediana, talhado nos seus bordos laterais de lascas muito verticais e no centro de outras lascas mais pequenas destinadas a diminuir a espessura do instrumento; extremidade afeiçãoada em pequena raspadeira *museau*. Comprimento: 0^m,046; largura máxima: 0^m,029; espessura: 0^m,021 (2).

Lasca fusiforme de secção triangular. Verso percorrido por uma aresta longitudinal mediana, os dois bordos laterais apresentando pequenos retoques afeiçãoando-os em raspadores. Extremidade superior afeiçãoada em raspadeira. Comprimento: 0^m,039; largura máxima: 0^m,025; espessura: 0^m,016 (6).

RASPADORES

Pequeno bloco de sílex de forma ligeiramente alongada; a metade inferior do verso está ocupada por uma grande faceta limitada superiormente por uma aresta diagonal encurvada que parte do terço superior do bordo esquerdo para o vértice inferior direito; a outra metade desta face está cuidadosamente retocada de pequenas lascas que lembram o trabalho dos bifaces, apresentando o bordo direito vestígios de uso como raspador e o bordo superior como raspadeira. Reverso de forma triédrica, sendo o lado direito ocupado por uma grande faceta e o lado esquerdo por outra, cujo terço inferior foi mutilado por uma lasca duma época muito mais recente. A base apresenta alguns pequenos retoques muito irregulares. Comprimento: 0^m,044; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,023.

Pequeno bloco triédrico de sílex. Verso e reverso ocupados por múltiplas facetas, sendo a base em córtex. Em alguns bordos notam-se pequenos retoques. O meio do bordo esquerdo do verso foi largamente utilizado como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,018 (3).

SÉRIE II

QUARTZO

BIFACES

Biface ogival, quase cordiforme. No verso a superfície primitiva do seixo ocupa a base e uma pequena porção inferior do bordo direito e sobe no centro até aos dois terços inferiores, havendo sido trabalhado nos dois bordos laterais de pequenas lascas de trabalho tipicamente acheulense; reverso inteiramente ocupado pela superfície primitiva, com excepção de duas pequenas lascas de regularização tiradas do bordo esquerdo e duas outras mais pequenas acidentais. Abundantes vestígios de uso. Bom exemplar. Comprimento: 0^m,75; largura máxima: 0^m,058; espessura máxima: 0^m,027 (12).

UNIFACES

Uniface de forma sub-triangular, lanceolado, com a superfície primitiva do seixo ocupando todo o reverso e a maior parte do verso exceptuando um terço superior do lado esquerdo e dois terços superiores do lado direito; apresenta duas lascas tiradas do bordo esquerdo e três do bordo direito, com uma inclinação sensivelmente de 45°, determinando este trabalho na extremidade uma ponta bem pronunciada. Comprimento: 0^m,072; largura máxima: 0^m,047; espessura a meio: 0^m,024 (16).

NÚCLEOS

Dois núcleos de quartzo, afeiçoados em raspadores nucleiformes por meio de pequenas lascas verticais tiradas, em parte, da periferia da base.

No mais perfeito de entre eles, com a base de forma rectangular ocupada pela superfície primitiva, o trabalho de lascamento está localizado nas duas extremidades e num dos bordos laterais, sendo o outro motivado pela acção de um fogo antigo. Comprimento: 70 cm.; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,034 (14).

QUARTZITE

Lâmina sub-rectangular de secção transversal triangular; verso percorrido no sentido longitudinal por uma aresta, tendo conservado a superfície primitiva do seixo e dividindo esta face em duas grandes facetas longitudinais que na extremidade larga se dividem a partir do centro, formando uma nova faceta triangular com a base assente na extremidade que foi possivelmente utilizada como raspadeira; reverso de plano de separação apresentando ligeiros retoques na periferia, os quais destruíram o plano de percussão e o bolbo. Comprimento: 0^m,051; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,017 (13).

Uma lasca retocada sem características especiais, tendo servido como raspador.

SÍLEX

LASCAS RETOCADAS

Lasca levalloisense de forma quadrangular; verso apresentando três facetas principais completadas com pequenos retoques dos bordos na periferia do exemplar; reverso de plano de separação, mostrando um bolbo proeminente e um plano de percussão com facetas de preparação, sendo este plano mutilado por um acidente recente; retoques na periferia dos bordos. Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,044; espessura: 0^m,015 (9).

PONTAS

Ponta espessa em sílex castanho, com reverso, de plano de separação, apresentando alguns pequenos retoques nos bordos; verso muito proeminente, principalmente na base, trabalhado de pequenas lascas muito verticais nos bordos laterais, com alguns pequenos retoques de regularização e muitos vestígios de uso; extremidade em ponta ligeiramente encurvada para a direita. Comprimento: 0^m,048; largura na base: 0^m,033; espessura: 0^m,021.

Pequena lasca afeiçoada numa das extremidades em ponta aburilada; reverso inteiramente ocupado por córtex, com exceção de uma série de pequenos retoques no bordo lateral esquerdo; verso inteiramente trabalhado de pequenas lascas que sobem da periferia para o centro ligeiramente abaulado. Comprimento: 0^m,027; largura: 0^m,067; espessura: 0^m,011.

Lasca retocada em ponta numa das extremidades, apresentando vestígios de uso.

RASPADEIRAS

Quatro raspadeiras.

Uma apresentando um reverso de plano de separação, ligeiramente côncavo no meio; verso muito proeminente retocado cuidadosamente nas suas duas extremidades para servir de raspadeira e no seu bordo esquerdo para servir de raspador, sendo o resto desta face trabalhado de algumas lascas muito irregulares, com algumas mutilações de origem natural no centro. Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,022.

Lasca sub-quadrangular retocada, no verso, na periferia total dos seus bordos, afeiçãoados em dois dos seus ângulos para servir de raspadeira, estando um terceiro ângulo ocupado por um bico, obtido por um pequeno retoque de um lado e por um «coche» do outro, tendo este serviço de raspador côncavo, bem como outro «coche» situado no bordo oposto; um dos bordos laterais serviu de raspador convexo; reverso de plano de separação. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,039; espessura: 0^m,015 (11).

Lasca, com verso de plano de separação, retocada na periferia dos seus bordos para servir de raspadeira nas duas extremidades; reverso apresentando um grande negativo central de lâmina, dois outros pequenos negativos no bordo direito e pequenos retoques no bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,046; espessura: 0^m,18.

Pequena placa perfeitamente plana nas duas faces, sub-rectangular, retocada cuidadosamente em toda a periferia e principalmente, para servir de raspadeira, na extremidade duma face e na extremidade oposta da outra. Comprimento: 0^m,031; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,007 (15).

RASPADORES

Pequeno bloco de sílex mutilado e retocado num dos seus bordos para servir de raspador.

Pequena lasca retocada para servir de raspador num dos bordos opostos ao bolbo.

Fragmento de grande lasca bem retocada num dos bordos e numa das extremidades, apresentando vestígios de uso como raspador; mutilação devida a acidente recente.

LÂMINAS

Espessa lâmina com reverso de plano de separação mostrando na base um bolbo proeminente mutilado por retoques secundários; verso com quatro grandes facetas principais alongadas, sendo a base menos espessa.

JASPE

Pico proto-asturiense de forma sub-triangular, trabalhado num pequeno calhau rolado de jaspe cuja superfície primitiva ocupa a base do exemplar, todo o reverso e toda a parte central do verso, com excepção dum pequeno acidente triangular recente na extremidade, devido provavelmente à acção do fogo; os dois bordos laterais deste objecto estão trabalhados de uma série de pequenas lascas escamosas características do trabalho dos picos. A técnica deste trabalho é muito semelhante à técnica empregada na fabricação dos picos languedocenses e asturienses, embora o nosso exemplar seja muito mais pequeno e se tenha utilizado uma matéria-prima até agora única nos exemplares de picos do nosso país. O bordo esquerdo sofreu um acidente mais recente. A extremidade aguda do pico mostra vestígios de uso. Comprimento: 0^m,052; largura na base: 0^m,047; espessura máxima: 0^m,021. Podemos, no caso do nosso exemplar, falar dum «micro-pico» (10).

SÉRIE III-A

QUARTZO

NÚCLEOS

Núcleo mustieróide, sub-circular, bi-convexo, bastante espesso, com planos de preparação. Verso, mais convexo que o reverso, completamente trabalhado de várias lascas inclinadas, tiradas da periferia, com excepção duma pequena mancha de superfície primitiva que ocupa o centro e desce sobre um dos bordos; reverso inteiramente trabalhado, como o verso, mas com lascas mais planas; indícios de utilização como raspadeira em alguns dos bordos laterais. Comprimento: 0^m,53; largura: 0^m,48; espessura: 0^m,32 (24).

RASPADEIRAS

Espesso bloco de quartzo talhado num seixo cuja superfície primitiva aparece em todo o reverso e numa pequena mancha na base do verso bastante proeminente; este foi trabalhado em toda a periferia dos seus bordos, com excepção da metade inferior do bordo direito e da base, de pequenas lascas muito inclinadas, havendo sido utilizado na extremidade convexa como raspadeira; centro e base do verso com algumas mutilações ocasionadas por acções térmicas. Comprimento: 0^m,65; largura: 0^m,51; espessura: 0^m,41.

QUARTZITE

BIFACES

Espresso biface piriforme pontiagudo, a superfície primitiva do seixo ocupando uma faixa que parte do ângulo inferior esquerdo do verso, ocupa a base e sobe até ao ângulo oposto do reverso. Verso completamente trabalhado, bem como o reverso, atravessado por uma aresta irregular que parte do meio da base até à ponta, dum e doutro da qual se localiza o trabalho; reverso levemente abaulado. Pequenas lascas de regularização no bordo esquerdo das duas faces e alguns acidentes recentes. Comprimento: 0^m,107; largura: 0^m,074; espessura: 0^m,052 (53).

Biface sub-triangular cordiforme trabalhado num seixo plano; verso inteiramente trabalhado de pequenas lascas tiradas de toda a periferia dos bordos, com excepção duma faixa de superfície primitiva que desce do centro sobre o ângulo inferior direito; reverso igualmente trabalhado com excepção de igual mancha que desce do centro para o lado esquerdo. Comprimento: 0^m,078; largura: 0^m,064; espessura: 0^m,030.

UNIFACES

Calote de seixo de forma hexagonal quase regular, afeiçoada para servir de uniface em uma das extremidades; reverso com o centro convexo ocupado inteiramente pela superfície primitiva do seixo com picotagem de percussão; verso trabalhado de quatro lascas principais e de algumas secundárias para regularização, com excepção da base que sofreu uma mutilação provocada pelo fogo e dos lados inferiores que são ocupados pela superfície pri-

mitiva. Pequeno acidente no vértice superior esquerdo do verso. Comprimento: 0^m,060; largura: 0^m,052; espessura: 0^m,034.

NÚCLEOS

Peça biface sub-triangular bi-convexa, inteiramente trabalhada de pequenas lascas com exceção da base ocupada por superfície primitiva com algumas mutilações superficiais. Comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,063; espessura: 0^m,038.

Calote de seixo cujo reverso, muito proeminente e ocupado pela superfície primitiva, apresenta alguma picotagem de percussão; verso irregular apresentando alguns negativos de lascas e mutilações pela acção do fogo. Comprimento: 0^m,073; largura: 0^m,057; espessura: 0^m,045.

LASCAS RETOCADAS

Lasca sub-rectangular com o plano percussão de superfície primitiva do seixo que ocupa também a base do verso. Reverso de plano de separação com o bolbo a meio do bordo esquerdo e um pequeno negativo no ângulo superior direito; verso, com quatro facetas principais, retocado no ângulo superior direito onde se nota um pequeno «coche» que apresenta indícios de utilização. Comprimento: 0^m,064; largura: 0^m,043; espessura: 0^m,023.

PONTAS

Lasca sub-triangular, irregular, afeiçoada em ponta na extremidade; verso com uma faceta principal, ocupando o centro e o lado direito, e outras duas mais pequenas no lado esquerdo; reverso de plano de separação côncavo com plano de percussão na base ocupada por superfície primitiva. O verso foi retocado

em toda a periferia com excepção do meio do bordo esquerdo, havendo sido os retoques da metade do bordo direito feitos ou avivados numa época muito mais recente; reverso retocado nos bordos laterais. Comprimento: 0^m,065; largura: 0^m,052; espessura: 0^m,020.

SÍLEX

NÚCLEOS

Grande e espesso disco levalloisense, de forma sub-circular, trabalhado nas duas faces de lascas inclinadas e ascendentes até ao centro do verso e do reverso. No verso a faceta central é em córtex bem como uma das facetas laterais do reverso. Apresenta vestígios de utilização em alguns dos seus bordos como raspador nucleiforme. É um bom exemplar, bastante característico. Comprimento: 0^m,082; largura: 0^m,070; espessura: 0^m,049 (21).

Núcleo sub-rectangular irregular levalloisense ou proto-mustierense, com o verso muito saliente, percorrido por uma aresta longitudinal mediana, apresentando alguns pequenos restos de córtex e havendo sido trabalhado de lascas muito inclinadas. Verso, também convexo mas mais plano, inteiramente ocupado por negativos de diversas lascas. Ligeiros retoques e indícios de utilização como raspador nucleiforme na quase totalidade dos bordos laterais. Comprimento: 0^m,071; largura: 0^m,049; espessura: 0^m,037 (22).

Outro núcleo proto-mustierense bi-convexo e fusiforme, lembrando um pequeno biface; verso inteiramente trabalhado, bem como o reverso, de lascas inclinadas, apresentando este uma grande irregularidade na metade inferior do lado direito e sendo a metade inferior esquerda daquele em córtex. Indícios de utilização como raspador em alguns dos seus bordos laterais. Comprimento: 0^m,065; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,030 (18).

Núcleo sub-circular, bi-convexo, com planos de preparação, apresentando o aspecto de um biface imperfeito cuja extremidade é ocupada por um pequeno bico. A base é em córtex que sobe até meio de cada uma das faces numa faceta triangular. Verso trabalhado de pequeninas lascas, provavelmente tiradas numa época um pouco posterior às primeiras que foram tiradas do núcleo. Comprimento: 0^m,055; largura: 0^m,050; espessura: 0^m,035 (23).

FURADORES

Lasca alongada, irregular. O verso, cujos dois terços inferiores da metade direita estão ocupados por córtex, foi retocado no terço superior do bordo direito e na metade superior do bordo esquerdo, afeiçoando a lasca em furador com a ponta inclinada à esquerda. Reverso de plano de separação com o bolbo e plano de percussão destruídos, havendo sido retocado na metade inferior do bordo direito onde se formou um bico. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,011 (25).

Lasca bastante irregular, de forma sub-ogival, afeiçoada em furador na extremidade aguda. Verso convexo-abaulado em córtex, retocado na base e na periferia do bordo direito. Reverso de plano de separação retocado no bordo direito junto à ponta e na base, apresentando uma mancha de córtex na metade inferior do lado direito. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,010 (26).

PONTAS

Bloco alongado de sílex, afeiçoado em ponta numa das extremidades, tendo o aspecto dum uniface imperfeito. Verso trabalhado no terço superior de pequenas lascas, sendo o restante ocupado por três grandes facetas irregulares. Reverso com duas facetas longitudinais separadas por uma aresta rectilínea e for-

mando entre si um ângulo recto; nesta face o instrumento foi retocado nos dois terços inferiores do bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,078; largura: 0^m,044; espessura: 0^m,023 (34).

Outra ponta trabalhada num bloco de sílex sub-ogival, lembrando um pequeno biface. Verso inteiramente trabalhado de pequenas lascas muito planas com excepção duma irregularidade da rocha situada na metade inferior do lado esquerdo. Reverso convexo, percorrido por uma aresta longitudinal mediana, apresentando ligeiros retoques em alguns dos bordos e indícios de utilização como raspador, bem como algumas mutilações provocadas por acções atmosféricas. Comprimento: 0^m,058; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,023.

Outro bloco sub-losângico, muito irregular, afeiçoado em ponta numa das extremidades com o vago aspecto duma *tariere*. Reverso bastante convexo, retocado no bordo esquerdo. Verso também retocado no bordo esquerdo e no lado direito da base. Comprimento: 0^m,054; largura: 0,045; espessura: 0^m,028.

Duas lascas com reverso de plano de separação, mostrando ambas os planos de percussão destruídos, afeiçoadas em pontas aburiladas na extremidade.

Uma delas, poligonal, apresenta o verso convexo retocado na base e no bordo esquerdo, onde se nota um bico no terço inferior bem como dois pequenos retoques no bordo direito. Reverso com ligeiros retoques. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,019 (28).

A outra, a maior, piriforme, apresenta o verso ocupado por múltiplas facetas havendo sido retocado em alguns dos seus bordos como raspador. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Um acidente mais recente, ocorrido junto à ponta, deu a esta um aspecto aburilado. Comprimento: 0^m,063; largura: 0^m,053; espessura: 0^m,019.

BICOS

Lasca sub-triangular, irregular, cujo verso, ocupado por um grande negativo, é limitado superiormente por uma faixa de córtex. Reverso de plano de separação com bolbo muito saliente na base, onde foi retocado. Verso retocado em toda a periferia superior tendo-se formado um forte bico no vértice superior. Comprimento: 0^m,055; largura: 0^m,043; espessura: 0^m,017 (29).

Pequena mas espessa lasca sub-pentagonal com um bico no vértice superior. O verso, ocupado por uma faceta central principal, foi retocado em toda a periferia dos bordos, com excepção da metade inferior direita. Reverso do plano de separação com bolbo pouco definido no vértice inferior esquerdo. Comprimento: 0^m,029; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,011 (27).

RASPADEIRAS

Bloco sub-rectangular de sílex com o verso bastante irregular retocado ligeiramente na periferia do bordo esquerdo e na extremidade superior, ligeiramente convexa, onde foi utilizado como raspadeira.

Lasca ovóide com o comprimento de 0^m,057, largura de 0^m,038 e espessura de 0^m,019. Verso convexo retocado em toda a periferia dos bordos, com excepção da metade inferior esquerda, tendo as duas extremidades convexas afeioadas em raspadeiras. Reverso de plano de separação com bolbo no lado direito, cuja metade inferior é ocupada pelo plano de percussão; apresenta ainda, nesta face, ligeiros retoques no bordo esquerdo (33).

Lasca sub-rectangular com o verso ocupado por quatro facetas principais sub-triangulares. Reverso de plano de separação com plano de percussão e bolbo na base. O verso foi retocado

em toda a periferia, com exceção da base, mas mais cuidadosamente na extremidade superior convexa e na metade superior do bordo esquerdo que foram, respectivamente, afeiçãoados em raspadeira e raspador côncavo. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,015.

Lasca sub-triangular com reverso de plano de separação, apresentando no vértice inferior esquerdo um bolbo taiacense que foi mutilado, bem como o plano de percussão, por uma lasca posterior. Verso levemente convexo retocado na extremidade superior onde se formou um «coche» utilizado como raspador côncavo e limitado por dois bicos. A base, convexa, foi retocada nas duas faces e afeiçãoada em raspadeira. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,012.

Uma lasca sub-triangular com a base convexa que foi retocada no verso e utilizada como raspadeira. Reverso irregular com dois bolbos gémeos taiacenses na extremidade. Verso convexo e também bastante irregular. Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,047; espessura: 0^m,020 (35).

RASPADORES

Dois blocos de sílex retocados e utilizados como raspadores.

Um, cujo reverso de plano de separação apresenta um bolbo taiacense, foi retocado no verso em todo o bordo superior onde foi utilizado como raspador côncavo, sendo a metade inferior em córtex (20).

O outro, muito irregular, apresenta em alguns dos seus bordos ligeiríssimo retoque e abundantes vestígios de utilização como raspador côncavo e convexo.

Essa lasca ovóide cujo reverso, de plano de separação, se apresenta ondulado. Verso convexo ocupado por córtex com exceção duma faixa do lado direito que foi trabalhada de peque-

nas lascas ascendentes e duma concavidade resultante dum negativo de lasca existente na metade superior; esta face foi retocada nos dois bordos laterais para servir de raspador convexo. Comprimento: 0^m,040; largura: 0^m,021; espessura: 0^m,013.

Lasca sub-rectangular com as faces planas. Verso com três facetas, ocupando uma maior todo o centro e metade direita, havendo sido retocado na periferia dos bordos, com excepção da base, e utilizado como raspador côncavo no bordo esquerdo. Reverso retocado nas extremidades superior e inferior. No ângulo superior direito do verso formou-se um bico. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,032; espessura: 0^m,012 (30).

Duas lascas com reverso de plano de separação, numa delas bastante irregular.

Esta última, sub-trapezoidal, bastante espessa, foi retocada, no verso, em raspadeira, nas extremidades, e, em raspador, no bordo esquerdo, e no reverso foi retocado na base e no bordo esquerdo onde foi utilizada como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,019.

A outra, sub-quadrangular, apresenta na base do reverso um bolbo taiacense e a meio do lado esquerdo uma curiosa enclave de quartzo. O verso, convexo, irregular, foi retocado na periferia dos bordos esquerdo e superior mostrando indícios de utilização como raspador. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,013 (19).

LASCAS RETOCADAS

Quatro lascas retocadas.

Uma delas, com o plano de percussão preparado, apresenta um bolbo de tradição taiacense. Tem vagamente o aspecto de ponta, com a extremidade inclinada para a direita, e possui um

bico um pouco abaixo do meio do bordo esquerdo do reverso. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,039; espessura: 0^m,012 (31).

Uma outra, sub-triangular, apresenta indícios de ter sido utilizada como raspadeira no plano de percussão, para tal adaptado e destruído por pequenas lascas e ligeiros retoques. Comprimento: 0^m,039; largura: 0^m,032; espessura: 0^m,009.

Dimensões das outras duas: 0^m,033 × 0^m,030 × 0^m,011 e 0^m,041 × 0^m,035 × 0^m,009.

LÂMINAS

Dois lâminas de secção sub-triangular.

Uma delas, com o verso bastante proeminente e cuja aresta superior mediana foi retocada, tem também retoques nos bordos laterais e na extremidade onde foi utilizada como raspador côncavo. Reverso abaulado com bolbo na base e alguns retoques no bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,059; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,020 (32).

A outra, com o verso bastante irregular, bem como o reverso que é de plano de separação, foi retocada ligeiramente no bordo direito daquele e bordo esquerdo deste. Notam-se duas manchas de córtex no verso, uma na base e outra no terço superior do lado direito. Comprimento: 0^m,066; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,019.

SÉRIE III-B

QUARTZO

BIFACES

Biface cordiforme imperfeito com o comprimento de 0^m,065, largura máxima de 0^m,058 e espessura de 0^m,030. Superfície pri-

mitiva do seixo ocupando a base, o reverso, com uma excepção de duas pequenas lascas das quais uma na extremidade e outra no bordo esquerdo, e toda a metade inferior do verso com excepção de uma pequena lasca no bordo direito; extremidade superior do verso, próxima da ponta, trabalhada duma grande lasca no bordo esquerdo, de duas mais pequenas no bordo direito e de uma triangular no centro; apresenta vestígios de uso na extremidade trabalhada (36).

NÚCLEOS

Pequeno núcleo mustieróide trabalhado, no verso, duma série de pequenas lascas que sobem da periferia para o centro muito proeminente; reverso apresentando uma pequena mancha de superfície primitiva do seixo e duas pequenas lascas de preparação do plano de percussão. Comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,029.

Três pequenos discos sub-circulares, mustieróides, com uma das faces plana ou ligeiramente côncava e a outra bastante convexa, apresentando para dois deles uma pequena mancha central de superfície primitiva; todos os três apresentam retoques nos bordos afeiçoando-os para servirem de raspadores nucleiformes. Dimensões de um: 0^m,042 × 0^m,037 × 0^m,016; dimensões de outro: 0^m,037 × 0^m,034 × 0^m,019; dimensões do restante: 0^m,036 × 0^m,032 × 0^m,014 (46, 41 e 44).

Pequeno núcleo de quartzo, alongado, quase fusiforme, com uma das faces plana e outra mais proeminente retocada no bordo esquerdo de uma série de pequenas lascas verticais, apresentando uma das extremidades um pequeno bico inclinado para o lado esquerdo. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,016 (45).

Pequeno fragmento de quartzo com retoques.

QUARTZITE

BIFACES

Biface lanceolado com o comprimento de 0^m,096, largura de 0^m,061 e espessura de 0^m,032. Verso com dois negativos de lascas inclinadas do lado esquerdo e quatro do lado direito, de sensível verticilidade, tendo sido tirada perto da base e do bordo direito uma outra lasca mais horizontal que ocupou quase toda a metade inferior do instrumento; no reverso notam-se três facetas longitudinais e algumas pequenas lascas de regularização. A superfície primitiva do calhau, muito granuloso, surge-nos numa pequena zona no centro do verso e na base do reverso (40).

Biface em ogiva alongada, com o comprimento de 0^m,095, largura de 0^m,64 e espessura de 0^m,035. Reverso ligeiramente côncavo, inteiramente trabalhado primeiro a grandes lascas e depois com outras mais pequenas de regularização na periferia do calhau, excepto no terço superior onde se notam quatro lascas tiradas da periferia, com um ângulo bastante maior do que as do verso, afeiçoando a ponta (38).

Peça biface sub-losângica com o comprimento de 0^m,095, largura de 0^m,081 e espessura de 0^m,054, trabalhada num espesso calhau de quartzite. As duas faces foram trabalhadas de uma série de lascas características do acheulense, sendo o lado direito da base fendido segundo clivagem da rocha; no bordo oposto a esta clivagem, em que também serviu como machadinha, notam-se abundantes vestígios de reavivagem bem como indícios de uso; notamos no verso uma pequena mancha de superfície primitiva a meio do lado direito (39).

Metade de um biface fendido longitudinalmente pela acção do fogo, tendo actualmente o aspecto dos *coups de poing* em bico

de água; da periferia esquerda do verso foram tiradas cinco lascas, tendo um acidente ocasionado uma mutilação a meio do bordo direito; no reverso notam-se, no bordo esquerdo, inúmeras esquirolas de utilização. Mancha longitudinal de superfície primitiva atravessando obliquamente o verso.

Biface de forma sub-triangular trabalhado numa lasca de técnica clactonense cujo plano de percussão, de superfície primitiva do seixo, pode ser observado na base ligeiramente oblíqua do exemplar; no verso, que é constituído pela superfície de separação da lasca com bolbo no meio da base, foram tiradas secundariamente duas lascas maiores do bordo esquerdo e seis, mais pequenas, de todo o bordo direito; reverso percorrido por uma aresta longitudinal, quebrada ao centro, separando uma grande faceta longitudinal do lado direito de duas outras mais pequenas do lado esquerdo; vestígios de utilização; a ponta apresenta a forma de um pequeno cinzel. Comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,054; espessura: 0^m,028 (37).

Pequeno biface lanceolado muito imperfeito, trabalhado numa lasca. No verso a superfície primitiva do seixo ocupa todo o lado direito de uma a outra extremidade, havendo sido trabalhado no lado esquerdo de três lascas muito imperfeitas onde se vêem algumas pequenas mutilações; a extremidade aguda do objecto tem uma forma ligeiramente aburilada, apresentando a base no reverso alguns pequenos retoques que destruíram em maior parte o plano de percussão. Comprimento: 0^m,074; largura: 0^m,045; espessura: 0^m,021.

Biface imperfeito trabalhado num fragmento de seixo muito espesso, com o comprimento de 0^m,069, largura de 0^m,048 e espessura de 0^m,034. Reverso ocupado pela superfície primitiva do seixo, excepto numa faceta longitudinal que ocupa todo o comprimento do bordo esquerdo; verso com a superfície do seixo ocupando a base oblíqua; o resto do verso é constituído

pelo plano de separação com bolbo clactonense perto da base, havendo sido trabalhado secundariamente com três lascas longitudinais que destruíram a maior parte deste plano de separação; notam-se igualmente pequenas esquirolas de afeiçoamento na extremidade, com vestígios de uso, bem como um acidente na base.

CALHAUS TRUNCADOS

Calhau rolado oval, com trabalho uniface, truncado, numa extremidade, obliquamente e trabalhado na metade superior do bordo direito de uma grande lasca completada por dois pequenos retoques; o gume obtido pelo conjunto deste trabalho apresenta uma forma convexa na extremidade superior do bordo direito, com vestígios de uso. Comprimento: 0^m,096; largura: 0^m,067; espessura: 0^m,052 (58).

Calhau sub-triangular truncado no verso com cinco pequenas lascas oblíquas tiradas do bordo superior largo; metade superior do reverso fendido por clivagem; a parte mais afilada corresponde à base do instrumento, sendo esta de superfície primitiva do seixo. Comprimento: 0^m,069; largura: 0^m,053; espessura: 0^m,028.

NÚCLEOS

Poliedro com face inferior plana de superfície primitiva do seixo; o resto do exemplar apresenta negativos de pequenas lascas irregulares, excepto num dos lados, que é de clivagem da rocha e numa pequena mancha de superfície primitiva na parte superior do exemplar, notando-se ainda em um dos bordos vestígios de uso. Comprimento: 0^m,069; largura: 0^m,057; espessura: 0^m,054.

Núcleo triedro com base sub-triangular de superfície primitiva do seixo, apresentando pequenos acidentes em dois dos seus bordos. Verso, muito proeminente, trabalhado de uma série de

lascas verticais ascendendo da periferia; nota-se igualmente uma mancha encurvada de superfície primitiva que sobe de um dos ângulos do objecto para a parte superior. Comprimento na base: 0^m,077; largura na base: 0^m,061; altura: 0^m,045.

Três calotes de seixo com reverso de superfície primitiva; verso inteiramente trabalhado de pequenas lascas. Uma destas, em oval alongada, apresenta alguns retoques numa das suas extremidades e vestígios de utilização como raspadeira; um bolbo proeminente nota-se na metade superior do bordo esquerdo; a parte mais convexa do reverso apresenta um picotado indicando a sua utilização como percutor. Comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,052; espessura: 0^m,038.

Um segundo foi truncado numa das suas extremidades apresentando um gume rectilíneo que foi utilizado como raspador; dimensão mais ou menos igual à do anterior (49).

O terceiro, de forma ogival, foi truncado numa das suas extremidades.

Metade de núcleo mustieróide mutilado pelo fogo, apresentando um trabalho biface sumário num dos seus bordos e um bolbo na extremidade da base; mesmas dimensões dos exemplares anteriores.

Núcleo poliédrico de forma sub-ogival, mostrando na sua extremidade pontiaguda um pequeno bico que mostra vestígios de uso, bem como o bordo esquerdo do exemplar. Comprimento: 0^m,068; largura: 0^m,056; espessura: 0^m,039 (47).

LASCAS

Seis lascas retocadas nos bordos e apresentando vestígios de utilização. Duas têm o plano de percussão preparado com duas facetas. Uma das lascas é retocada para servir de raspador no bordo esquerdo do verso: comprimento: 0^m,042; largura: 0^m,027.

Uma outra de forma lanceolada, retocada para servir de ponta ou de pequeno biface; o verso apresenta uma mancha de superfície primitiva na metade inferior e o reverso mostra vestígios de um bolbo na metade inferior do bordo esquerdo. Trabalho tipicamente do Acheulense superior. Comprimento: 0^m,065; largura: 0^m,043; espessura máxima: 0^m,015.

SÍLEX

NÚCLEOS

Núcleo mustieróide bi-convexo, de forma ovóide, com pequena mancha de córtex na face dos planos de preparação; a outra face, inteiramente trabalhada, apresenta uma aresta longitudinal mediana que separa esta face em dois lados. Ainda esta face foi posteriormente regularizada com pequenos retoques bifaciais no bordo esquerdo que apresenta também vestígios de utilização. Trabalho lembrando o dos pequenos bifaces. Comprimento: 0^m,053; largura: 0^m,041; espessura máxima: 0^m,031 (42).

LASCAS RETOCADAS

Lasca sub-losângico irregular; verso convexo percorrido de uma extremidade a outra por uma aresta saliente mediana que separa esta face em duas partes, localizando-se o bolbo no ângulo direito; o reverso apresenta um grande negativo côncavo no centro provocado por uma lasca tirada da parte superior do bordo direito, havendo sido retocado em três dos seus bordos de pequenas lascas de regularização. As duas extremidades pontiagudas do objecto apresentam vestígios de utilização, havendo a extremidade superior sido utilizada como um bico muito acentuado.

Acidentes de uso numa época posterior. Comprimento: 0^m,065; largura: 0^m,041; espessura: 0^m,20.

Duas pequenas lascas retocadas nos bordos bi-facealmente em forma de ponta, apresentando vestígios de uso. Uma delas apresenta na extremidade larga um forte bico ligeiramente inclinado para a esquerda e vestígios de uso. Comprimento: 0^m,050; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,015. A lasca mais espessa parece ser a metade de um núcleo que foi seccionado segundo uma clivagem. Comprimento: 0^m,057; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,017.

RASPADEIRAS

Duas lascas alongadas, de secção triangular, retocadas numa das extremidades em raspadeira e apresentando pequenos e cuidadosos retoques nos outros bordos.

Dimensões da maior: comprimento: 0^m,059; largura: 0^m,039; espessura máxima: 0^m,019 (48).

Dimensões da menor: comprimento: 0^m,039; largura: 0^m,014; espessura: 0^m,014.

Cinco raspadeiras com reverso ocupado pelo plano de separação; verso inteiramente trabalhado, sendo retocadas num dos seus bordos em raspadeiras.

Quatro destes instrumentos apresentam bicos laterais; três apresentam pequenos bolbos no reverso, sendo o plano de percussão em parte destruído por retoques; uma das lascas mostra um pequeno «coche» num dos bordos tendo servido de raspador côncavo; dimensões desta; 0^m,038 × 0^m,031 × 0^m,012. Dimensões das outras: 0^m,040 × 0^m,034 × 0^m,018; 0^m,031 × 0^m,024 × 0^m,012; 0^m,025 × 0^m,019 × 0^m,011; 0^m,028 × 0^m,024 × 0^m,011.

Uma lasca alongada de secção triangular, retocada numa das extremidades em raspadeira e na extremidade oposta em raspadeira *museau*; apresenta igualmente pequenos retoques na

metade inferior do bordo direito. Comprimento: 0,^m039; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,018.

Outra lasca alongada com reverso de plano de separação muito plano cujo bolbo desapareceu; verso inteiramente trabalhado com retoques periféricos, principalmente numa das suas extremidades que foi retocada para servir de raspadeira com um gume transversal, quase rectilíneo, onde se nota uma série de pequenas escamas resultantes de utilização. Comprimento: 0^m,044; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,017.

Lasca muito pequena com reverso de plano de separação inteiramente trabalhado de pequenas lascas e mutilado pela acção atmosférica; verso trabalhado na periferia de pequenos e cuidadosos retoques, tendo servido de raspadeira nas duas extremidades uma das quais apresenta uma ponta fortemente inclinada para a esquerda; bordo esquerdo tendo servido como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,026; largura: 0^m,015; espessura: 0^m,007.

RASPADORES

Pequeno bloco de sílex sub-pentagonal, de secção triangular, retocado em um dos bordos largo e rectilíneo de cuidadosos retoques em raspador. Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,034; espessura máxima: 0^m,016 (43).

Lasca sub-rectangular com o reverso de plano de separação, apresentando um negativo dum bolbo do lado direito da base, sendo o lado esquerdo, ocupado por um negativo de trabalho secundário, aproveitado como raspador côncavo; o verso tem todo o lado esquerdo e base ocupados por uma mancha longitudinal de córtex e está retocado em três dos seus bordos, tendo sido o bordo da extremidade longa e convexa utilizado como raspadeira. Comprimento: 0^m,043; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,14.

PONTAS

Três lascas retocadas em ponta, todas quase da mesma dimensão, com reverso relativamente plano e verso convexo; todas apresentam vestígios de utilização. Dimensões da melhor, que apresenta vestígios de uso nas duas extremidades: Comprimento: 0^m,040; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,012.

LASCAS RETOCADAS

Cinco lascas retocadas, sendo a maior retocada na periferia dos bordos, no reverso, de pequenas lascas destinadas a transformar os bordos laterais em raspadores e as duas extremidades em raspadeiras. Dimensões desta: comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,053; espessura máxima: 0^m,025.

Uma outra lasca muito mais pequena de secção sub-triangular, pouco espessa, retocada numa das extremidades em raspadeira e na extremidade oposta em pequeno bico aburilado; os bordos laterais apresentam vestígios de uso, um como raspador convexo, outro como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,011.

Uma outra lasca, com reverso de plano de separação, apresentando dois bolbos gémeos na base espessa; o verso acentuadamente abaulado apresenta uma pequena mancha de córtex na metade inferior do bordo direito, sendo os outros bordos cuidadosamente retocados de pequenos retoques; extremidade superior do objecto retocada para servir de raspadeira e o bordo lateral esquerdo para servir de raspador com um bico na parte central. Comprimento: 0^m,046; largura: 0^m,040; espessura máxima: 0^m,019.

Uma pequena lasca com plano de percussão e bolbo taia-censes, secção sub-trapezoidal, apresentando retoques na perife-

ria dos bordos; um destes, mais convexo, serviu de raspadeira. Comprimento: 0^m,026; largura: 0^m,021; espessura máxima: 0^m,007.

Lasca retocada de forma sub-triangular; reverso de plano de separação; bolbo e plano de percussão na parte inferior mais estreita do exemplar, quase inteiramente destruídos por retoques secundários; verso inteiramente trabalhado por cinco lascas principais, sendo os bordos do exemplar retocados para servir como raspadores. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,038; espessura: 0^m,010.

Lasca muito espessa, sub-triangular, irregular, retocada numa das extremidades em ponta muito inclinada para o lado direito, bem como na periferia dos bordos da base de pequenos retoques transformando-os em raspadores; o bordo direito, mais longo, apresenta um bico central com pequenos e cuidadosos retoques, limitado por dois «coches» laterais, largamente abertos. Comprimento: 0^m,060; largura: 0^m,038; espessura máxima: 0^m,025.

Fragmento de lasca sub-losângico com duas faces laterais planas e paralelas, sendo uma delas de plano de separação, apresentando a superfície de fragmentação, na extremidade, alguns retoques e vestígios de uso como raspadeira.

SÉRIE IV

QUARTZO

LASCAS

Lasca de secção sub-triangular, piriforme, espessa, afeiçãoada em ponta ligeiramente inclinada para o lado esquerdo numa das extremidades; verso apresentando uma aresta longitudinal, ligeira-

mente convexa para o lado direito, sendo esta mais proeminente no terço superior; bordo direito convexo com duas lascas nos dois terços inferiores e pequenos retoques no terço superior; o bordo esquerdo, retocado na totalidade do comprimento, apresenta um forte bico lateral na metade inferior, entre dois pequenos «coches», um dos quais serviu de raspador côncavo. Acidente mais recente na base. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,023; espessura máxima: 0^m,016.

QUARTZITE

BIFACES

Biface fusiforme, pouco espesso, com o comprimento de 0^m,111, largura de 0^m,064 e espessura de 0^m,035. Verso com superfície primitiva ocupando a parte inferior, excepto do lado esquerdo, notando-se dois negativos de lascas do lado direito e um do lado esquerdo que o ocupa quase inteiramente, além de pequenas lascas de regularização no vértice e no lado esquerdo junto à base, aqui com retoques muito perpendiculares, onde serviu de raspador; no reverso, notam-se pequenas lascas em quase toda a superfície, excepto numa estreita faixa do lado direito ocupada pela superfície primitiva, e pequenas lascas periféricas de regularização, especialmente do lado esquerdo junto à base. Trabalho típico do Acheulense superior (52).

Biface fusiforme com a ponta inclinada para a esquerda. Verso, convexo, parcialmente ocupado por uma mancha de superfície primitiva do seixo que sobe da parte inferior até ao centro, tendo sido no restante cuidadosamente trabalhado de pequenas lascas inclinadas. Reverso, mais plano, trabalhado duma grande lasca principal, que ocupa a metade inferior do lado direito, e de

pequenas lascas pouco inclinadas. Belo exemplar do Micoquense. Comprimento: 0^m,076; largura: 0^m,051; espessura: 0^m,026.

UNIFACES

Calote de seixo alongado afeiçãoada em uniface de forma sub-ogival, com a extremidade ligeiramente arredondada; verso, ligeiramente côncavo, quase inteiramente ocupado por três lascas, uma das quais tirada do bordo esquerdo, atingindo o bordo direito, e por duas lascas mais pequenas tiradas do bordo direito; a extremidade, correspondente à base, mais espessa, foi truncada por uma série de pequenas lascas inclinadas destinadas a reduzir a sua espessura. Apresenta vestígios de uso e alguns pequenos retoques de regularização dos dois bordos na metade superior. Comprimento: 0^m,085; largura: 0^m,054; espessura: 0^m,027 (50).

Uniface imperfeito, fusiforme, trabalhado numa lasca caracteristicamente acheulense. Superfície primitiva do seixo ocupando, no verso, os três quartos do bordo esquerdo e quase toda a parte central, sendo o resto desta face inteiramente trabalhado de pequenas lascas inclinadas ocupando todo o bordo direito convexo e a parte superior do bordo esquerdo; a extremidade superior está afeiçãoada em ponta. Reverso com plano de percussão constituído pela superfície primitiva do seixo ocupando quase inteiramente o bordo direito convexo, sendo o resto do reverso inteiramente ocupado pelo plano de separação, com excepção duma pequena lasca accidental na metade superior do bordo esquerdo; bolbo situado a meio do lado direito. Se não fosse a ponta assinalada na extremidade, deveríamos considerar este exemplar como um calhau raspador. Vestígios de utilização nos bordos trabalhados e algumas picotagens na parte convexa da superfície primitiva do seixo indicando o uso como percutor. É um bom exem-

plar. Comprimento: 0^m,081; largura máxima: 0^m,059; espessura máxima: 0^m,032 (55).

CALHAUS TRUNCADOS

Dois calhaus truncados numa das extremidades, sendo o maior trabalhado de três lascas tiradas do reverso para o verso com uma inclinação de 45 graus e apresentando numerosas esquírolas de percussão no gume assim constituído, mas de uma época muito posterior e que esmagou o referido gume. Comprimento: 0^m,096; largura máxima: 0^m,078; espessura: 0^m,045 (59). Dimensões do segundo: Comprimento: 0^m,056; largura: 0^m,075; espessura: 0^m,046 (56).

Outro calhau de faces planas fendido intencionalmente ao meio e depois trabalhado com três lascas na extremidade oposta, onde se notam vestígios de utilização como percutor; nos bordos da base foi aproveitado como afiador. Comprimento axial: 0^m,065; largura transversal: 0^m,099; espessura: 0^m,036.

Seixo de reduzidas dimensões truncado obliquamente com duas pequenas lascas, estilo micro-lusitano. Vestígios de uso no gume. Comprimento: 0^m,024; largura máxima: 0^m,018; espessura: 0^m,008.

NÚCLEOS

Calote de seixo sub-triangular, cordiforme, afeiçoada em ponta numa das extremidades; verso inteiramente trabalhado de uma série de lascas de técnica acheulense tiradas da periferia para o centro proeminente; reverso convexo inteiramente ocupado pela superfície primitiva do seixo, com excepção de duas lascas tiradas do bordo esquerdo e que possivelmente seriam preparações de plano de percussão de um núcleo mustieróide primitivo. Comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,065; espessura: 0^m,032 (54).

Núcleo poliédrico utilizado posteriormente como percutor, sensivelmente das dimensões duma laranja.

Calote de seixo; reverso apresentando a superfície primitiva com picotagem de percussão numa época mais recente e mutilações pelo fogo num dos seus bordos; verso inteiramente trabalhado de pequenas lascas muito irregulares. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,054; espessura: 0^m,055 (57).

LASCAS RETOCADAS

Lasca de forma sub-triangular com base arredondada, sendo o reverso inteiramente ocupado pela superfície primitiva do seixo com excepção dum escame accidental no bordo direito; verso constituído pelo plano de separação com a extremidade superior arredondada retocada para servir de raspadeira e os dois bordos laterais ligeiramente côncavos apresentando numerosos retoques. Técnica lembrando o trabalho languedocense.

Quatro lascas retocadas nos bordos:

Uma de técnica taiacense com plano de percussão liso.

Uma outra mustieróide, com o plano de percussão preparado com duas facetas.

Uma, muito maior, com plano de percussão de superfície primitiva, com pequeno bolbo plano, quase invisível.

E a última retocada em ponta numa das extremidades e apresentando no bordo esquerdo do verso um pequeno bico aburilado. Comprimento: 0^m,040; largura: 0^m,029; espessura: 0^m,012.

SÍLEX

NÚCLEOS

Quatro núcleos mustieróides com planos de preparação.

Um disco mustieróide oval, bi-convexo, trabalhado na periferia das duas faces, mas principalmente no verso, onde notamos

uma série de pequenas lascas de regularização no bordo direito e na extremidade superior. Foi utilizado como pequeno biface. Comprimento: 0^m,062; largura: 0^m,046; espessura: 0^m,029 (70).

Um outro, sub-circular, com os diâmetros de 0^m,042 e 0^m,036 e espessura de 0^m,024. Verso convexo com pequenas manchas de córtex; reverso quase plano. Foi posteriormente afeiçoado na periferia e utilizado como raspadeira e raspador (72).

O terceiro, poligonal, plano-convexo, apresenta num dos bordos indícios de utilização como raspadeira. Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,039; espessura: 0^m,018 (74).

O último, também poligonal e plano-convexo, apresenta num dos bordos do verso uma série de pequenos retoques que o transformaram em raspadeira nucleiforme. Comprimento: 0^m,051; largura: 0^m,048; espessura: 0^m,023.

TARIÈRES

Bloco sub-triangular, alongado, de sílex, afeiçoado numa típica «tarière» na extremidade. Verso bastante convexo com três facetas inclinadas, retocado nos bordos laterais. Reverso plano, apresentando alguns retoques nos bordos laterais e na base a cujo meio se nota um bico bem pronunciado e um outro um pouco à direita deste. Comprimento: 0^m,051; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,018 (67).

PONTAS

Ponta sub-triangular alongada, com o comprimento de 0^m,048, largura de 0^m,027 e espessura de 0^m,011. No verso, notam-se duas lascas no bordo direito e três no bordo esquerdo tiradas, alternadamente dos dois bordos, da periferia até ao centro do instrumento; ainda pequenas lascas na ponta e na base. Reverso com uma aresta longitudinal formando duas facetas; alguns pequenos retoques na periferia e de afeiçoamento na extremidade (69).

Lasca sub-pentagonal afeiçãoada em ponta numa das extremidades. Verso ocupado numa faixa longitudinal e quase a meio por córtex, sendo o resto desta face trabalhado de uma série de pequenas lascas tiradas dos dois bordos laterais; estes últimos, bem como a base convexa, apresentam uma série de pequenos e cuidadosos retoques, alguns dos quais mais recentes. Reverso ocupado pela superfície de separação e retocado na metade inferior do bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,043; espessura: 0^m,013 (77).

Ponta sub-triangular talhada numa lasca. Verso retocado no bordo direito, na metade esquerda da base e, mais verticalmente, no bordo esquerdo constituído pelo plano de percussão da lasca que, assim, foi parcialmente destruído. Reverso de plano de separação retocado na base, notando-se no lado direito dois pequenos bolbos gémeos. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,018.

Placa de sílex afeiçãoada em ponta aguda numa das extremidades, retocada, no verso, nos bordos direito e esquerdo muito perpendicularmente; ligeiros retoques também na base. Reverso de clivagem. Este instrumento poderia ter servido quase de furador. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,012 (63).

Bloco pentagonal com o comprimento de 0^m,057, largura de 0^m,036 e espessura de 0^m,023, retocado em ponta. Verso com três facetas, sendo a inferior constituída por uma superfície de córtex; as outras duas facetas estão separadas por uma aresta longitudinal, sendo a esquerda de talhe e a direita de clivagem; esta face foi retocada no bordo superior esquerdo. Reverso plano cuidadosamente retocado nos dois bordos superiores formando a ponta (73).

Lasca sub-triangular retocada, no verso, no bordo esquerdo, base e bordo direito junto à extremidade em ponta. Reverso ocupado na metade inferior por córtex sendo o resto ocupado

por pequenas lascas tiradas da periferia para afeiçãoamento da ponta. Verso de plano de separação irregular. Comprimento: 0^m,45; largura: 0^m,032; espessura: 0^m,012.

Lasca sub-ogival em cuja extremidade se nota uma ponta inclinada à esquerda. Verso retocado na base, semi-circular, e no bordo esquerdo, côncavo, notando-se no lado direito lascas muito planas tiradas da periferia até ao centro, com vestígios de utilização como raspador no bordo direito; reverso abaúlado de superfície de separação com dois bolbos gémeos no lado esquerdo, um deles parcialmente destruído. Comprimento: 0^m,042; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,013.

Bloco alongado, de secção triangular, com a forma duma espessa lâmina. Base em córtex. Extremidade apresentando uma ponta irregular e proeminente, limitada dos lados por duas pequenas concavidades cujos bordos apresentam indícios de utilização. Comprimento: 0^m,064; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,019.

Lasca trapezoidal. Verso com três facetas transversais, sendo a do centro, a maior, formada pelo negativo duma lasca tirada do bordo esquerdo até ao bordo direito. Retoques no verso, na extremidade e no bordo esquerdo, e no reverso, de plano de separação com bolbo taiacense, no bordo esquerdo e na base, existindo na extremidade uma ponta aburilada. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,010 (61).

Lasca de forma sub-triangular alongada, irregular, afeiçãoada em ponta na extremidade. Reverso de plano de separação retocado na base e nos dois terços inferiores do bordo direito, a meio do qual se formou um «coche» utilizado como raspador côncavo e limitado inferiormente por um bico. Verso ocupado por uma faceta principal ligeiramente côncava e mais proeminente no lado direito, retocado no terço superior do bordo esquerdo e no bordo direito junto à ponta. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,021; espessura: 0^m,009.

Pequena lasca sub-ogival, afeiçãoada em ponta na extremidade superior. Verso, convexo, apresentando três facetas, duas ocupando os lados e a terceira, em córtex, ocupando a base; reverso de plano de separação ligeiramente côncavo e irregular. O verso foi retocado nas metades superiores dos seus bordos laterais. O reverso foi retocado na metade inferior do bordo direito onde se formou um pequeno bico. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,009.

BICOS

Lasca sub-quadrangular, com o comprimento de 0^m,021, largura de 0^m,019 e espessura de 0^m,009. Verso com três facetas retocado em toda a periferia, excepto na base, existindo um bico, pequeno mas bastante acerado, no bordo superior. Reverso ocupado pela superfície de separação, notando-se de cada lado da base um negativo de lasca.

Lasca sub-rectangular, com bicos em três dos seus ângulos. Verso com várias facetas resultantes de negativos muito planos de lascas, havendo sido retocado nos bordos direito e inferior. Reverso ocupado pela superfície de separação, com bolbo na metade inferior do bordo esquerdo, notando-se ligeiros retoques nos bordos laterais do verso e, muito perpendicularmente, na base e bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,030; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,009.

Lasca rectangular, com o comprimento de 0^m,040, largura de 0^m,032 e espessura de 0^m,013. Verso convexo, com várias facetas longitudinais, retocado nos bordos esquerdo e direito, na base e na extremidade onde se formou um bico no ângulo superior direito. Reverso ocupado pela superfície de separação com algumas lascas periféricas de regularização. Plano de percussão, na base, destruído (65).

Lasca sub-rectangular, irregular com as faces planas, retocada no verso em toda a periferia dos seus bordos, com excepção da metade inferior do bordo direito e da base que, como todo o reverso, são em córtex. À meio do bordo superior formou-se um pequeno bico bem como outro um pouco à sua esquerda. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,012 (64).

Lasca sub-pentagonal com um bico afeiçoado na extremidade. Verso com três facetas radiais sendo a base e os dois terços inferiores do lado esquerdo em córtex. Reverso de plano de separação com bolbo taiacense a meio do bordo superior esquerdo que foi retocado. O verso foi retocado em toda a periferia com excepção do bordo superior direito, tendo o bico vagamente o aspecto duma « tariere ». Comprimento: 0^m,030; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,009.

Pequenina lasca sub-circular e muito mutilada por retoques que, quer do verso quer do reverso, se localizam em toda a periferia. Notam-se indícios de utilização como raspador e apresenta um pronunciado bico limitado inferiormente por um « coche ». Comprimento: 0^m,016; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,006.

Outra pequenina lasca sub-ogival com o plano de percussão preparado a duas facetas. Reverso de plano de separação com bolbo a meio da base. Verso plano com um bico no terço inferior direito que foi afeiçoado mercê de alguns pequenos retoques no verso e no reverso. Comprimento: 0^m,020; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,006.

Placa de sílex sub-triangular vagamente afeiçoada em ponta na extremidade do verso que foi retocado na metade superior do bordo esquerdo e nos dois terços superiores do bordo direito; o reverso, levemente côncavo, apresenta alguns ligeiros retoques na base e no bordo esquerdo. Os dois vértices inferiores são ocupados, cada um, por um bico. Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,008.

Lasca fusiforme, irregular, com reverso de plano de separação retocado na metade inferior do bordo direito. O verso, convexo, com um bico bastante pronunciado e lembrando quase um furador na extremidade superior, apresenta mutilações devidas a acções atmosféricas. Nesta face, a lasca foi retocada em toda a periferia dos bordos e utilizada como raspadeira na metade superior convexa do bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,010 (60).

Fragmento de lasca vagamente sub-circular. Verso com duas facetas separadas por uma aresta mediana. Reverso de plano de separação. O verso e o reverso foram retocados na quase totalidade da periferia dos bordos, formando-se um pequeno e agudo bico na extremidade. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,008.

RASPADEIRAS

Pequena e espessa lasca de sílex afeiçoada em bonita raspadeira em forma de quilha. O verso, com uma faceta central bastante proeminente, foi trabalhado em toda a periferia de algumas lascas muito pequenas, algumas em forma de minúsculas lâminas, que ascendem até ao centro. É um bom exemplar lembrando as formas típicas do aurinhacense. Comprimento: 0^m,024; largura: 0^m,019; espessura: 0^m,010.

Lasca alongada, cujo reverso, de plano de separação, foi trabalhado na base e na metade inferior dos dois lados de pequeninas lascas. O verso foi retocado em toda a periferia, com excepção da base e metade inferior do bordo esquerdo, havendo sido afeiçoado em raspadeira na extremidade convexa e tendo-se formado um bico entre dois «coches» no bordo direito. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,029; espessura: 0^m,010.

Lasca sub-triangular, irregular, com reverso, de plano de separação, retocado no vértice inferior direito afeiçoado em ras-

padeira. O verso é ocupado, no centro, por uma faceta triangular para a qual ascendem pequenos retoques feitos na quase totalidade da periferia dos bordos, onde foi utilizado como raspador, havendo também sido afeiçoado em raspadeira no ângulo superior. Comprimento: 0^m,052; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,010 (68).

Fragmento de lasca com reverso de plano de separação abaulado, onde se nota um minúsculo bolbo no terço inferior direito. Verso afeiçoado em raspadeira na extremidade superior por meio de pequenas lascas e posteriores retoques. A metade inferior do verso e a base do reverso foram também retocados, formando-se um bico no ângulo inferior direito desta face. Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,029; espessura: 0^m,010 (76).

Dois pequenos blocos afeiçoados em raspadeiras.

Um, sub-circular, foi trabalhado no verso de pequenas lascas ascendentes, afeiçoando a metade superior do bordo em raspadeira. No reverso, onde se nota uma faceta principal motivada por um negativo de lasca, foi retocado no bordo direito. Comprimento: 0^m,027; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,010.

O outro, irregular, em forma de cunha, com o verso proeminente, foi afeiçoado em raspadeira no ângulo superior esquerdo, apresentando ainda alguns ligeiros retoques na base em grande parte ocupada por córtex. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,021.

Estes dois exemplares apresentam ainda alguns pequeninos bicos na periferia limitando «coches» com indícios de utilização.

Uma lasca sub-ogival afeiçoada em raspadeira na base e na extremidade do verso, notando-se ainda um «coche» de utilização no terço superior direito e indícios de utilização como raspador convexo no bordo esquerdo. Reverso de plano de separação, sendo uma faceta ondulada do lado esquerdo ocupada pelo plano de percussão. Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,015.

RASPADORES

Três blocos de sílex em forma de meia ogiva, espessos, retocados no bordo direito e convexo do verso proeminente, afeiçãoando-o em raspador. Todos apresentam manchas de córtex que num, o maior, ocupa os dois terços inferiores do verso. Dimensões deste: Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,020.

Um outro foi retocado também em raspadeira na extremidade. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,029; espessura: 0^m,026.

Dimensões do terceiro: Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,016.

Pequenina lasca piriforme retocada na base e bordo esquerdo do verso e no bordo oposto do reverso, apresentando indícios de utilização como raspador. Comprimento: 0^m,024; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,006.

Duas lascas irregulares apresentando alguns retoques nos bordos e indícios de utilização como raspadores. Dimensões da maior: Comprimento: 0^m,059; largura: 0^m,042; espessura: 0^m,021.

Dimensões da outra, cuja base do verso é ocupada por uma faceta triangular de córtex e onde se notam algumas mutilações pela acção do fogo: Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,018.

Pequena lasca alongada, irregular, bi-convexa, retocada no bordo direito e terço superior do bordo esquerdo do verso e ainda junto à extremidade no reverso. A metade direita do verso é ocupada por córtex e no respectivo bordo apresenta indícios de utilização como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,014.

Duas pequenas lascas com reverso de plano de separação.

Uma delas, com o aspecto de lâmina, em forma de crescente, foi retocada, no verso, nos bordos laterais e utilizada como raspador côncavo e convexo, notando-se um ligeiro bico na extremidade. Reverso com bolbo vagamente taiacense. Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,008.

A outra, em forma de semi-círculo, está bastante mutilada pelo trabalho. Foi retocada, no reverso, na base e bordo direito afeiçoando na sua junção um pequenino bico. O verso, convexo, apresenta também alguns retoques. Notam-se indícios de utilização como raspador em alguns dos bordos. Comprimento: 0^m,029; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,009.

LASCAS RETOCADAS

Onze lascas retocadas, das quais duas possuem bolbo taiacense. Cinco mostram pequenos bicos.

Uma apresenta o plano de percussão preparado a duas faces. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,008.

Uma outra, piriforme, tem o verso convexo percorrido por uma aresta longitudinal e apresenta indícios de utilização como raspador na extremidade e no bordo direito. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,016.

Uma outra, ovóide, com um conchóide proeminente, apresenta o verso ocupado por córtex. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,032; espessura: 0^m,010.

Outra, muito pequena, rectangular, com o verso convexo, foi retocada na base e no bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,022; largura: 0^m,016; espessura: 0^m,009.

Uma outra, poligonal, irregular, com o verso proeminente no meio para onde ascendem diversas facetas e cuja metade inferior esquerda é ocupada por uma irregularidade, foi retocada

em toda a periferia dos bordos, quer do verso, quer do reverso. Comprimento: 0^m,053; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,018.

LÂMINAS

Fragmento de lâmina de secção sub-trapezoidal, retocada na totalidade da periferia. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,008.

Lâmina de secção triangular junto à base e trapezoidal na extremidade larga oposta, com retoques em toda a periferia do verso cujo centro é ocupado por uma mancha triangular de córtex. A extremidade larga apresenta um bico lateral no vértice superior direito e indícios de utilização como raspadeira. Comprimento: 0^m,061; largura máxima: 0^m,036; largura mínima: 0^m,014; espessura: 0^m,014 (71).

Lâmina de secção triangular retocada perifêricamente no verso, notando-se um bico a meio do bordo direito entre dois «coches» que apresentam indícios de utilização. A extremidade convexa foi utilizada como raspadeira. Comprimento: 0^m,088; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,019.

Quatro lâminas de secção triangular ou trapezoidal, apresentando retoques nos bordos laterais e numa das extremidades onde se notam indícios de utilização como raspadeira.

Dimensões da maior: comprimento: 0^m,062; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,017.

Dimensões de uma outra que tem uma forma encurvada e apresenta um bico numa das extremidades: comprimento: 0^m,067; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,014.

SÉRIE V

QUARTZO

NÚCLEOS

Pequeno disco mustieróide sub-circular. Verso bastante convexo com uma faceta central descaindo sobre um dos bordos em torno da qual se tiraram algumas lascas muito inclinadas; reverso também convexo, mas não tanto como o verso, inteiramente trabalhado de lascas tiradas de toda a periferia. Indícios de utilização como raspadeira nos seus bordos. Diâmetro A: 0^m,038; diâmetro B: 0^m,034; espessura: 0^m,019 (87).

Pequeno poliedro esférico das dimensões duma noz, inteiramente trabalhado de pequenas lascas, notando-se em alguns dos bordos vestígios de utilização como percutor. Diâmetro A: 0^m,040; diâmetro B: 0^m,038.

RASPADEIRAS

Pequena lasca sub-quadrangular com o plano de percussão de superfície primitiva do seixo; reverso de plano de separação; verso levemente abaulado retocado em toda a periferia dos seus bordos com excepção da base, formando um bico sensivelmente a meio do bordo esquerdo entre dois «coches» e um outro, de forma aburilada, no vértice inferior direito. Na extremidade, arredondada, foi afeiçoada em raspadeira. Comprimento: 0^m,032; largura: 0,024; espessura: 0^m,010.

LÂMINAS

Espessa lâmina sub-rectangular de secção triangular; reverso de plano de separação com uma concavidade a meio; verso bas-

tante irregular e percorrido por uma aresta longitudinal mediana que o divide em duas facetas principais, notando-se no bordo direito um acidente que ocupa este quase por completo. Comprimento: 0^m,048; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,015.

QUARTZITE

CALHAUS TRUNCADOS

Calhau fendido longitudinalmente ao meio por clivagem e truncado nas duas extremidades; na extremidade superior, convexa, foi trabalhado de pequenas lascas lembrando a técnica languedocense, tendo-se formado um gume apresentando um bico no vértice superior direito; na extremidade inferior, quase rectilínea, a truncatura deu-se à custa de algumas lascas maiores e muito verticais. A superfície primitiva do seixo surge-nos numa faixa que parte do bordo esquerdo e atinge quase o bordo direito. Reverso correspondente ao plano de clivagem. Comprimento: 0^m,067; largura: 0^m,070; espessura: 0^m,044 (93).

NÚCLEOS

Disco circular com o reverso bastante convexo inteiramente ocupado pela superfície primitiva do seixo, com excepção de duas grandes mutilações devidas à acção do fogo e de dois pequenos acidentes; verso plano inteiramente trabalhado por uma grande lasca e por duas mais pequenas tiradas da periferia, além de algumas outras para regularização dos bordos. Em parte do bordo notam-se indícios de utilização como afiador. Diâmetro A: 0^m,080; diâmetro B: 0^m,080; espessura: 0^m,041.

SÍLEX

NÚCLEOS

Sete núcleos mustieróides com planos de percussão preparados, tendo alguns servido como raspadeiras ou raspadores nucleiformes e apresentando em alguns casos vestígios de uso. Dimensões do maior: Comprimento: 0^m,070; largura: 0^m,057; espessura: 0^m,043 (84).

Dimensões do mais pequeno: Diâmetro A: 0^m,046; diâmetro B: 0^m,037; espessura: 0^m,032.

Dimensões de um outro, discoidal: Diâmetro A: 0^m,048; diâmetro B: 0^m,050; espessura: 0^m,020 (79).

Outros dois: (80 e 83).

Dois discos mustieróides apresentando, um deles, dois bicos num dos bordos separados por um pequeno «coche» e outro, com uma ponta, apresentando ligeiros retoques e vestígios de uso como raspadeira. Dimensões do primeiro: 0^m,055 × 0^m,048 × 0^m,014 (81). Dimensões do segundo: 0^m,051 × 0^m,045 × 0^m,023.

Outro núcleo separado por meio de clivagem de um bloco maior, sendo uma das faces plana e a outra com uma proeminência central, retocado na periferia dos bordos e tendo servido de raspadeira num dos bordos e de raspador côncavo noutro. Comprimento: 0^m,068; largura: 0^m,045; espessura: 0^m,023 (85).

Um núcleo de sílex relativamente plano, mais ou menos fusiforme, trabalhado nas duas faces por meio de lascas muito planas, apresentando retoques no bordo largo e convexo afeiçoado em gume e apresentando vestígios de uso como machadinha. A extremidade mais estreita oposta ao gume apresenta, num dos bordos, um pequeno mas profundo «coche» que tem por correspondente, no outro bordo, uma lasca bastante larga

mas pouco côncava, tendo possivelmente servido esta parte para encabamento (?) (82).

Pequeno disco com face inferior relativamente plana constituída por duas facetas e dois pequenos negativos nas duas extremidades; verso convexo trabalhado de uma série de lascas muito pequenas e pouco pronunciadas e apresentando pequenos retoques num dos bordos laterais; forma lembrando um pouco alguns bifaces mustierenses. Comprimento: 0^m,044; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,015.

PONTAS

Quatro lascas retocadas em ponta de formas muito irregulares. A maior é de forma sub-triangular, com base espessa truncada de duas facetas, separadas por uma aresta; reverso de plano de separação; verso de clivagem antiga trabalhado no lado direito de pequenas lascas de trabalho muito imperfeito, apresentando pequenos retoques nos seus dois bordos; extremidade terminada por uma ponta bem individualizada. Comprimento: 0^m,067; largura: 0^m,057; espessura: 0^m,022 (92).

Uma mais pequena mutilada na base. Comprimento: 0^m,031; largura: 0^m,021; espessura: 0^m,008.

A mais pequena de todas apresenta o reverso de plano de separação; verso convexo cuidadosamente retocado na periferia dos bordos com uma ponta bem individualizada numa das extremidades e base afeiçoada para servir de raspadeira. Comprimento: 0^m,025; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,008.

BICOS

Três lascas com reverso de plano de separação e, para duas destas, com verso inteiramente trabalhado; para a restante verso

de córtex. Todas as três lascas estão retocadas na periferia dos bordos e um destes apresenta, nas três lascas, um bico bem pronunciado.

Uma delas tem o plano de percussão preparado e como dimensões: comprimento: 0^m,042; largura: 0^m,040; espessura máxima: 0^m,013 (89).

Uma outra: comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,014.

A terceira: comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,009.

Uma lasca com o reverso de plano de separação e o verso retocado de quatro lascas, lembrando o trabalho dos discos; bordo inteiramente retocado, notando-se numa das extremidades um pequeno bico. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,010.

Todos os bicos descritos apresentam vestígios de uso.

RASPADEIRAS

Uma lasca com reverso de plano de separação apresentando vestígios de um bolbo que estava situado do lado direito da base do verso; verso retocado na periferia dos bordos, apresentando, no ângulo direito da base, um bico muito saliente e a extremidade oposta afeiçãoada em raspadeira. Bom trabalho. Comprimento: 0^m,039; largura: 0^m,028; espessura máxima: 0^m,013 (88).

Outra raspadeira trabalhada numa lasca cujo reverso é constituído pelo plano de separação; verso percorrido por uma aresta longitudinal situada no lado direito; base muito estreita, apresentando uma pequena trunçatura transversal formando um pequeno gume com vestígios de utilização. A extremidade oposta à base, muito mais larga, está retocada em raspadeira bastante convexa. Comprimento: 0^m,040; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,012 (86).

Duas outras lascas retocadas na periferia dos bordos tendo servido, numa das suas extremidades, para uma delas, e nas duas extremidades, para a outra, como raspadeiras. Dimensões da primeira, que apresenta um pequeno bico: Comprimento: 0^m,029; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,010. Na segunda, cujo bolbo, situado na base do reverso, foi destruído pelos retoques, encontramos as seguintes dimensões: Comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,009.

Outra raspadeira de secção sub-triangular; reverso de plano de separação; verso, com relevo pronunciado, afeiçoado em raspadeira convexa na extremidade mais estreita e num raspador lateral côncavo no meio do bordo direito. Comprimento: 0^m,043; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,015 (91).

Pequeno bloco de sílex com reverso de plano de separação tendo conservado o bolbo e o plano de percussão no terço superior do bordo direito; verso com superfície de córtex no bordo esquerdo e uma pequena mancha no meio e na metade inferior, inteiramente trabalhado no resto desta face e retocado no bordo direito, muito mutilado por acções atmosféricas. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,032; espessura máxima: 0^m,021.

RASPADORES

Lasca, de forma quase quadrangular, retocada numa das extremidades para servir de raspador e no bordo direito para servir de raspador rectilíneo; os outros bordos apresentam também pequenos retoques, sendo o bordo esquerdo, mais espesso, fracturado por um acidente. Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,015.

Outra lasca, com plano de percussão preparado, sem retoques, mas apresentando vestígios de utilização prolongada como raspador num dos bordos.

Um pequeno fragmento de lasca em forma de crescente apresentando numerosos vestígios de uso como raspador convexo num bordo e como raspador côncavo no outro; secção sub-triangular. Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,012; espessura: 0^m,010.

Outro raspador côncavo trabalhado no bordo lateral duma lasca alongada; apresenta, igualmente, um pequeno «coche» numa das extremidades; os dois bicos que limitam o raspador côncavo apresentam pequenos retoques bem como a extremidade oposta ao pequeno «coche». Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,019; espessura: 0^m,013.

Uma lasca com preparação de plano de percussão visível no bordo esquerdo do reverso que apresenta igualmente pequenas lascas de trabalho secundário e dois pequenos bolbos gémeos, sendo o resto do reverso ocupado pelo plano de separação. Verso percorrido por uma aresta longitudinal perto do bordo esquerdo, estando este último afeiçãoado em raspador denticulado; o bordo direito apresenta um grande negativo de lasca, bem como pequenos retoques nas suas duas extremidades. Comprimento: 0^m,057; largura: 0^m,035; espessura máxima: 0^m,011.

LÂMINAS

Uma lâmina de secção trapezoidal retocada nos dois bordos laterais e afeiçãoada numa das extremidades em raspadeira. Comprimento: 0^m,035; largura máxima: 0^m,020; espessura: 0^m,009.

Uma lâmina fusiforme de secção sub-triangular e retocada numa das extremidades para servir de raspadeira; o bordo esquerdo, convexo, apresenta pequenos retoques tendo servido como raspador convexo; o bordo direito, mutilado a meio por uma lasca transversal, possui aí um «coche» que serviu de ras-

pador côncavo. Comprimento: 0^m,052; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,015.

Pequena lâmina irregular, de secção sub-triangular, retocada nos dois bordos laterais; estes retoques afeiçoaram o bordo esquerdo do reverso como raspador côncavo; uma das extremidades da lâmina está afeiçoada em bico e a extremidade oposta em raspadeira. Comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,017.

Uma lâmina fusiforme irregular retocada em todos os bordos, apresentando uma pequena mancha de córtex na base; a extremidade oposta tem no reverso um pequeno bolbo pontiforme, sendo o plano de percussão retocado para servir de raspadeira. Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,008.

LASCAS RETOCADAS

Oito lascas retocadas, tendo sido conservado o bolbo em quatro dentre elas; uma apresenta vestígios de preparação de plano de percussão; todas apresentam vestígios de utilização, tendo algumas servido como raspadores e outras como raspadeiras (90).

SÉRIE VI

QUARTZO

NÚCLEOS

Dois pequenos núcleos poliédricos, que foram posteriormente utilizados como raspador e raspadeira em alguns dos bordos.

LÂMINAS

Lâmina de secção trapezoidal. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,007.

SÍLEX

NÚCLEOS

Essa lasca oval com o reverso de plano de separação apresentando dois bolbos gémeos a meio do plano de percussão inclinado. Verso muito convexo e abaulado inteiramente ocupado por negativos de lascas, mostrando em parte dos bordos indícios de utilização como raspador e raspadeira nucleiformes. Este exemplar lembra ainda um pouco os discos mustieróides que abundam na série anterior. A lasca, pela abertura do ângulo entre os planos de percussão e de separação, lembra a técnica clactonense. Comprimento: 0^m,059; largura: 0^m,048; espessura: 0^m,031 (109).

Fragmento de núcleo de lâminas cujos negativos ainda se notam no verso, em cuja periferia do bordo esquerdo e na extremidade convexa foi retocado e utilizado como raspador e raspadeira nucleiformes. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,040; espessura: 0^m,018 (107).

Núcleo para extracção de lâminas, cujos negativos, em toda a periferia, sobem da base para a extremidade. Apresenta algumas irregularidades e foi, posteriormente, utilizado como percutor. Comprimento: 0^m,068; largura: 0^m,061; espessura: 0^m,046 (105).

PONTAS

Lasca de forma ogival, alongada, afeiçãoada em ponta na extremidade por meio de alguns retoques feitos no quarto superior do bordo direito do reverso; nesta face, ocupada pelo plano de separação com bolbo de tradição taiacense a meio da base, de plano de percussão, ainda se notam alguns retoques a meio do mesmo bordo. Verso com uma grande faceta que ocupa o centro e lado esquerdo e outra longitudinal no lado direito, além de outras mais pequenas na base, sendo uma de córtex; ligeiríssimos retoques no bordo esquerdo desta face. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,019.

BICOS

Pequena lasca com o comprimento de 0^m,026, largura de 0^m,018 e espessura de 0^m,009. Verso ocupado pelo plano de separação que ocupa todo o lado direito, sendo o restante de plano de percussão, apresentando nos três quartos inferiores do lado direito uma mancha de córtex e retoques afeiçãoando um bico na extremidade. Reverso quase completamente em córtex com exceção duma mancha sub-triangular no lado direito e que também ocupa a ponta, havendo sido retocado na metade superior do bordo direito. Comprimento: 0^m,026; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,009.

Lasca sub-pentagonal retocada na metade superior direita do verso ocupado pelo plano de separação, com um pequeno bico na extremidade superior. Reverso ocupado por duas facetas principais e transversais de lâminas. Notam-se dois bolbos gémeos a meio do bordo inferior esquerdo, ocupado pelo plano de percussão, de córtex. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,014.

INSTRUMENTO EM FORMA DE CRESCENTE

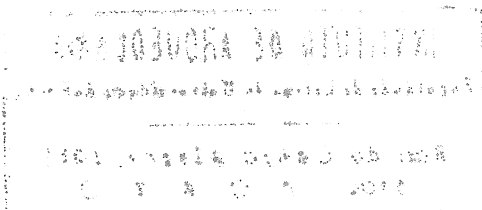
Fragmento de sílex de secção transversal trapezoidal em forma de crescente, afeiçoado em ponta na extremidade superior, com plano de percussão na extremidade inferior onde se notam dois bolbos gémeos. Verso percorrido por uma faceta central e proeminente de córtex, retocado a meio do bordo esquerdo e nos dois terços superiores do bordo direito onde serviu, respectivamente, de raspador côncavo e convexo. Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,010 (131).

RASPADEIRAS

Fragmento semi-circular de lasca retocado no verso de pequenas e cuidadosas lascas, com excepção da base, afeiçoando-o em bonita raspadeira que apresenta indícios de utilização. Reverso de plano de separação. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,009.

Lasca sub-rectangular irregular. Verso convexo com duas facetas longitudinais principais, sendo uma delas resultante dum negativo de lâmina; reverso de plano de separação com pequeno bolbo na base de plano de percussão. O verso foi retocado no bordo direito, a meio do qual se nota um «coche» onde foi utilizado como raspador côncavo, e na extremidade convexa afeiçoada em raspadeira. Reverso retocado em todo o bordo direito. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,008 (100).

Bloco alongado de sílex com o comprimento de 0^m,047, largura de 0^m,027 e espessura de 0^m,015. Verso, convexo-abaulado, inteiramente ocupado por múltiplas facetas irregulares de lascas e retocado na totalidade dos bordos e principalmente na extremidade convexa onde se notam abundantíssimos vestígios de utiliza-



ção como raspadeira, tendo também servido de raspador côncavo na base e no bordo direito na parte inferior deste. Reverso, de plano de separação, retocado numa aresta longitudinal que separa o plano de separação de uma outra faceta lateral esquerda.

RASPADORES

Pequeno bloco de sílex sub-pentagonal irregular; verso muito proeminente ocupado por várias facetas irregulares, apresentando um «coche» na metade inferior do bordo esquerdo e outro mais pequeno na metade superior do mesmo bordo, além de vestígios de utilização nos bordos direitos e na base que foi também retocada. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,018.

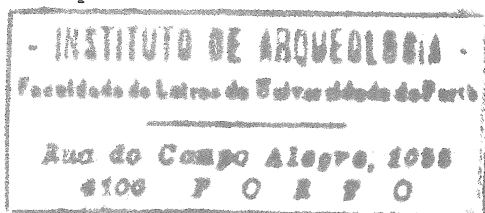
Outro bloco sub-quadrangular, irregular, com retoques periféricos no verso, com excepção da metade inferior do bordo direito, havendo sido adaptado a raspador côncavo no bordo superior. Verso mais convexo que o reverso, mas ambos irregulares. O vértice superior direito foi afeiçoado em ponta. Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,014 (95).

Três pequenas lascas com reverso de plano de separação e planos de percussão lisos, afeiçoadas em raspadores e como tal utilizadas.

Uma, sub-ogival, retocada no bordo esquerdo e extremidade. Comprimento: 0^m,022; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,004.

Outra, muito mutilada, relativamente espessa, sub-trapezoidal, foi retocada nos bordos, com excepção da base, e utilizada num deles como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,020; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,017.

A terceira, sub-rectangular, foi retocada em toda a periferia, com excepção da metade inferior do bordo esquerdo, e utilizada como raspador convexo no bordo direito e como raspador côncavo na extremidade, limitado à esquerda por um bico. Nota-se



ainda um minúsculo «coche» no lado esquerdo da base. Comprimento: 0^m,024; largura: 0^m,016; espessura: 0^m,005.

LASCAS

Pequena lasca sub-pentagonal, relativamente espessa, com o plano de percussão preparado. Reverso de plano de separação com alguns retoques no bordo esquerdo. Verso, percorrido por uma aresta longitudinal, retocado em toda a periferia com exceção dos bordos superiores. Comprimento: 0^m,023; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,008.

Duas lascas com reverso de plano de separação e plano de percussão destruído.

Uma, sub-triangular, está retocada no verso, que é percorrido por uma faceta longitudinal de lâmina, e no bordo direito e extremidade; no reverso, vêem-se retoques no bordo direito e base. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,008 (98).

Outra, irregular, oval e bi-convexa, com bastantes indícios de utilização nos bordos, retocada, no reverso, no bordo direito e base e, no verso, em toda a metade superior, a meio da qual se nota um bico entre dois «coches». Comprimento: 0^m,033; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,012 (99).

Lasca sub-triangular alongada com a ponta inclinada à direita. Reverso de plano de separação. Verso, com quatro facetas, retocado no bordo esquerdo convexo, onde foi utilizado como raspador, e no lado direito da base. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,008.

Dois resíduos de fabricação sem retoques.

LÂMINAS

Seis lâminas retocadas.

Dimensões da maior: comprimento: 0^m,057; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,009 (126).

Dimensões da mais pequena (fragmento): comprimento: 0^m,015; largura: 0^m,012; espessura: 0^m,004.

Dimensões de uma outra, irregular: comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,007 (103).

Uma outra ainda: 0^m,035 × 0^m,015 × 0^m,006 (123).

SÉRIE VII

QUARTZO

PONTAS

Pequena lasca fusiforme afeiçoada em ponta numa das extremidades e com um pequeno bico na extremidade oposta; verso de plano de separação retocado na periferia do bordo direito; reverso com duas facetas longitudinais sendo a maior, do lado esquerdo, de clivagem, notando-se na extremidade superior alguns retoques para afeiçoamento da ponta. Comprimento: 0^m,023; largura: 0^m,014; espessura: 0^m,005.

LÂMINAS

Pequenina lâmina de secção triangular na metade superior e trapezoidal na metade inferior, com algumas mutilações no bordo

esquerdo do plano de separação. Comprimento: 0^m,016; largura: 0^m,009; espessura: 0^m,002.

QUARTZITE

Seixo oval, espalmado, de faces planas, apresentando a meio de cada um dos bordos laterais um «coche». É idêntico aos pesos de rede do Ancorense. Comprimento: 0^m,068; largura: 0^m,049; espessura: 0^m,015.

SÍLEX

NÚCLEOS

Núcleo sub-prismático cujas faces laterais são totalmente constituídas pelos negativos de lâminas que lhe foram tiradas. A face da base, em córtex, tem um acidente recente; a face superior está completamente destruída por acções atmosféricas. Comprimento: 0^m,042; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,035.

Pequeno poliedro, duas faces do qual, diametralmente opostas, são em córtex, sendo todo o restante ocupado por negativos de pequenas lascas e lâminas. Indícios de utilização como raspador e raspadeira em alguns dos bordos. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,027.

FURADORES

Lasca sub-triangular afeiçoada em furador na extremidade aguda; verso de plano de separação com bolbo de tradição taia-

cense a meio da base larga, havendo sido retocado na periferia dos dois bordos laterais, principalmente nas metades superiores, onde se notam alguns indícios de utilização como raspador; na base do reverso, que serviu de plano de percussão, existem negativos de lâminas; foi também retocada e utilizada como raspadeira no bordo mais convexo. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,028; espessura: 0^m,015 (133).

LASCAS

Grande lasca sub-triangular irregular. Verso convexo ocupado por alguns negativos de lascas e lâminas, com excepção de duas manchas de córtex, uma transversal junto à base e outra longitudinal e encurvada que parte do centro para o bordo superior esquerdo; reverso de plano de separação com irregularidades da rocha no lado esquerdo. Esta lasca foi retocada, no verso, em toda a periferia do bordo esquerdo e da base, e, no reverso, no bordo esquerdo onde apresenta indícios de utilização como raspador. Comprimento: 0^m,072; largura: 0^m,053; espessura: 0^m,025 (112).

Quatro lascas retocadas tendo todas o reverso de plano de separação e apresentando uma delas o plano de percussão preparado. Esta última tem o verso em córtex com excepção duma faixa periférica na metade superior do bordo direito e junto à extremidade que foi retocada. Comprimento: 0^m,028; largura: 0^m,025; espessura: 0^m,007.

Uma outra em forma de ponta retocada verticalmente a meio do bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,030; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,010 (96).

Uma outra, a maior, sub-ogival, apresenta na extremidade delgada e convexa, onde existe o plano de percussão, indícios de

ter sido utilizada. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,009.

Três lascas residuais de fabricação, sem retoques.

BICOS

Duas lascas com reverso de plano de separação. Uma, sub-quadrangular, apresenta no vértice superior direito um bico limitado inferiormente por um pequeno mas profundo «coche». Comprimento: 0^m,022; largura: 0^m,019; espessura: 0^m,004.

A outra, retocada na base do reverso e no bordo direito do verso, apresenta a meio deste um pequeno bico bem como outro na extremidade superior. Comprimento: 0^m,020; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,005.

RASPADEIRAS

Bloco de sílex com o verso bastante proeminente e ocupado por uma faceta de onde descem outras duas inclinadas para os bordos laterais e outras para a extremidade convexa; aqui, onde se notam vários negativos de lâminas, foi retocado em toda a periferia adaptando esta extremidade a ser utilizada como raspadeira lembrando as típicas em forma de quilha. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,023.

Fragmento de lasca alongado e bastante espesso com o reverso de plano de separação. Verso proeminente, com várias facetas irregulares, retocado na metade superior em toda a periferia dos bordos e apresentando indícios de utilização como raspadeira na extremidade e no bordo direito. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,015 (97).

RASPADORES

Pequena lasca bastante delgada. Verso, com uma faceta longitudinal mediana de lâmina, retocado profundamente em toda a periferia do bordo direito onde serviu de raspador côncavo. Comprimento: 0^m,025; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,004 (129).

LÂMINAS

Lâmina de secção triangular equilátera com o verso muito irregular na metade direita e retocado, deste lado, na aresta superior mediana. Comprimento: 0^m,052; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,010.

Outra lâmina com o reverso de plano de separação retocado na periferia da extremidade larga; verso ocupado por córtex com excepção duma faixa junto ao bordo esquerdo e duma pequena mancha na metade inferior do lado direito. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,017.

Fragmento de lâmina sub-quadrangular de secção triangular. Verso com duas facetas, sendo a do lado direito em córtex, apresentando um «coche» retocado de cada lado da extremidade. Comprimento: 0^m,023; largura: 0^m,022; espessura: 0^m,017.

Pequenina lâmina de secção sub-triangular, com ligeírrimos retoques nos bordos. Comprimento: 0^m,021; largura: 0^m,011; espessura: 0^m,004.

Minúsculo fragmento de lâmina apresentando indícios de «coche» de preparação para fractura (técnica microlítica). Comprimento: 0^m,015; largura: 0^m,008; espessura: 0^m,003.

Quinze lâminas e fragmento de lâminas de secção triangular ou trapezoidal, sem retoques (116).

SÉRIE VIII-A

SÍLEX

NÚCLEOS

Dois núcleos de lâminazinhas.

PONTAS

Espressa lasca alongada. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Verso proeminente retocado em todo o bordo direito e na metade superior do bordo esquerdo. A extremidade foi afeiçãoada em ponta aburilada. Comprimento: 0^m,034; largura: 0^m,016; espessura: 0^m,013.

FURADORES

Pequena lasca sub-pentagonal. Reverso de plano de separação com bolbo no lado esquerdo. Verso, com várias facetas radiais, retocado em alguns dos bordos. Extremidade afeiçãoada em furador. Comprimento: 0^m,026; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,007.

Lasca triangular retocada em parte dos bordos laterais do verso. Reverso de plano de separação. Extremidade afeiçãoada em furador. Comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,017; espessura: 0^m,007.

« TARIÈRES »

Fragmento de lâmina de secção trapezoidal profundamente retocado nos bordos laterais. A extremidade, bastante gasta pelo

uso, está afeiçãoada em *tarière*. Comprimento: 0^m,027; largura: 0^m,014; espessura: 0^m,005.

RASPADEIRAS

4 raspadeiras trabalhadas em pequenas lascas. Dimensões da maior: 0^m,030 × 0^m,025 × 0^m,009; dimensões da mais pequena: 0^m,019 × 0^m,016 × 0^m,005.

INSTRUMENTO DISCÓIDE

Peça discóide bifacialmente trabalhada de lascas muito planas e retocada em toda a periferia. Possui um prolongamento para possível encabamento. Lembra um pouco as foicinhas (?) do Eneolítico, se bem que seja difícil a determinação segura do seu fim. Comprimento: 0^m,056; largura: 0^m,046; espessura: 0^m,012.

LASCAS

5 lascas retocadas.

3 lascas sem retoques, uma delas com pequeno bolbo de tradição taiacense.

SERRINHAS

Fragmento alongado de sílex, em forma de lâmina, denticulado num dos bordos laterais. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,015; espessura: 0^m,007 (118).

Fragmento de lâmina de secção triangular cuidadosamente denticulado num dos bordos. Apresenta indícios de fogo e algumas mutilações provocadas pelo mesmo.

LÂMINAS

5 lâminas ou fragmentos de lâminas retocadas.

Dimensões de uma: $0^m,042 \times 0^m,015 \times 0^m,004$ (124).

Dimensões de outra: $0^m,021 \times 0^m,011 \times 0^m,004$ (115).

8 lâminas ou fragmentos de lâminas sem retoques.

SÉRIE VIII-B

QUARTZO

Lâminazinha de secção triangular retocada nos bordos laterais. Comprimento: $0^m,015$; largura: $0^m,006$; espessura: $0^m,002$ (114).

SÍLEX

NÚCLEOS

Um espesso calhau de sílex em forma de cunha bastante grosso na base e do qual se tiraram algumas pequenas lascas tanto no verso como no reverso, bastante plano. Notam-se algumas manchas de ferro e uma mancha de córtex que ocupa quase inteiramente o lado esquerdo do verso; nota-se ainda nesta face uma pequena enclave de quartzo. Comprimento: $0^m,087$; largura: $0^m,062$; espessura: $0^m,046$.

FURADORES

Fragmento de sílex sub-triangular alongado, cujo verso é ocupado em toda a sua metade inferior direita por córtex; reverso

de plano de separação. O verso foi retocado em toda a periferia do bordo esquerdo e na metade superior do bordo direito, afeiçãoando este instrumento em furador. Comprimento: 0^m,030; largura: 0^m,015; espessura: 0^m,007 (134).

« TARIÈRES »

Fragmento fusiforme irregular de sílex afeiçãoado em « tarière » na extremidade superior do verso com « coches » laterais e em ponta na extremidade inferior. Alguns indícios de utilização como raspador nos bordos. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,014 (130).

RASPADEIRAS

Uma bonita raspadeira em forma de quilha, decerto o mais belo exemplar que no género conheço. De forma sub-circular, apresenta na base um prolongamento que deveria servir para encabar. O verso, convexo e mais proeminente junto à extremidade, foi inteiramente trabalhado, apresentando múltiplas facetas; na extremidade desta face o trabalho é absolutamente perpendicular apresentando as lascas um aspecto escamoso. Reverso de plano de separação, com plano de percussão e bolbo na base. Nítidos indícios de utilização. Comprimento: 0^m,066; largura: 0^m,057; espessura: 0^m,025 (110).

Outra raspadeira tècnicamente idêntica à anterior mas diferente no tipo. Foi trabalhada numa lasca oval cujo reverso é de plano de separação sem quaisquer retoques. O verso é convexo e foi inteiramente trabalhado de pequenas lascas e posteriormente retocado em toda a periferia dos bordos com excepção da base e da metade inferior do bordo esquerdo. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,017.

Bloco bastante espesso e irregular ligeiramente retocado na extremidade convexa e no bordo direito, onde se notam abundantes vestígios de utilização, respectivamente, como raspadeira e raspador côncavo. Comprimento: 0^m,031; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,021.

Lasca sub-rectangular com o reverso de plano de separação apresentando um bolbo na base levemente retocada. Verso convexo e irregular retocado na extremidade superior convexa afeiçãoada em raspadeira. Comprimento: 0^m,023; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,007.

LASCAS

Grande lasca sub-quadrangular cujo verso, ocupado por três facetas, foi retocado na metade inferior do bordo esquerdo, onde se nota um «coche» de utilização como raspador côncavo, e no bordo superior. Reverso de plano de separação retocado na metade inferior do bordo esquerdo e no vértice superior direito onde se encontra o plano de percussão que foi parcialmente destruído. Comprimento: 0^m,053; largura: 0^m,053; espessura: 0^m,015.

Lasca poligonal irregular com o verso ocupado por múltiplas facetas. Reverso de plano de separação com dois bolbos gémeos a meio do bordo esquerdo. Ligeiros retoques em alguns dos bordos. Comprimento: 0^m,043; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,014.

Quatro lascas de reverso de plano de separação e planos de percussão lisos, tendo uma um bolbo de tradição taiacense. Todas apresentam ligeiros retoques em alguns dos bordos, tendo uma o aspecto de raspadeira (121).

Uma lasca alongada em forma de lâmina com reverso de plano de separação retocado na base em forma de «coche». O verso, irregular, apresenta-se retocado no bordo esquerdo e num «coche» a meio do bordo direito. Comprimento: 0^m,043; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,010 (135).

Dois resíduos de fabricação sem retoques.

SERRAS
(Elementos de foices?)

Dois fragmentos de sílex lembrando pedaços de lâminas, um sub-trapezoidal e outro rectangular, denticulados por retoques em um dos seus bordos, podendo terem servido como elementos de foices.

Dimensões de uma: $0^m,026 \times 0^m,022 \times 0^m,008$ (119).

Dimensões de outra: $0^m,020 \times 0^m,016 \times 0^m,005$ (120).

Um outro fragmento, sub-rectangular (122).

LÂMINAS

Lâmina de secção trapezoidal, com um bico entre dois «coches» a meio do bordo esquerdo e um outro pequeno «coche» no bordo direito, afeiçoada em ponta aburilada na extremidade. Comprimento: $0^m,044$; largura: $0^m,020$; espessura: $0^m,006$ (128).

Vinte e três lâminas e fragmentos de lâminas, de secção triangular ou trapezoidal, retocadas (117 e 136).

Uma delas, de secção trapezoidal, mede: Comprimento: $0^m,058$; largura: $0^m,017$; espessura: $0^m,006$ (132).

Uma outra, de secção triangular e retocada em ponta, tem as seguintes dimensões: Comprimento: $0^m,051$; largura: $0^m,021$; espessura: $0^m,007$ (127).

Catorze lâminas e fragmentos de lâminas, de secção triangular ou trapezoidal, sem retoques (125).

Oito lâminzinhas ou fragmentos de ditas.

DUPLAS PÁTINAS

SÉRIES I + II

SÍLEX

NÚCLEOS

Núcleo poliédrico. Dimensões: $0^m,053 \times 0^m,040 \times 0^m,032$.

LASCAS RETOCADAS

Espessa lasca em forma de crescente. Verso proeminente, com múltiplas facetas, entre as quais uma longitudinal e central de córtex. Reverso de plano de separação com plano de percussão na base, que foi retocada. A extremidade larga do verso foi retocada e afeiçãoada em raspadeira; os bordos laterais desta face foram utilizados como raspadores. Comprimento: $0^m,055$; largura: $0^m,038$; espessura: $0^m,022$.

SÉRIES I + III-A + III-B

QUARTZITE

BIFACES

Espesso biface trabalhado num calhau rolado de quartzite cuja superfície primitiva subsiste em parte do reverso. Verso inteiramente trabalhado, notando-se na metade inferior trabalho da Série I e superiormente da Série III-B. Reverso trabalhado a

grandes lascas da Série III-A, com exceção da base onde se verificam negativos da Série I. Comprimento: 0^m,122; largura: 0^m,077; espessura: 0^m,061 (141).

SÉRIES I + III-B

SÍLEX

LASCAS RETOCADAS

Lasca sub-rectangular da série I e retocada na mesma série, com exceção de alguns pequenos retoques e de dois negativos de lâminas da série III-B. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,019.

SÉRIES I + VI

SÍLEX

NÚCLEOS

Núcleo de sílex da série I aproveitado, numa das faces, para núcleo mustieróide na série VI. Comprimento: 0^m,064; largura: 0^m,054; espessura: 0^m,030.

SÉRIES II + III-A

QUARTZO

PONTAS

Lasca afeiçãoada, nas duas faces, em ponta, lembrando um pequeno biface. Verso trabalhado a pequenas lascas da série III-A

no lado esquerdo, onde se formaram alguns bicos, sendo o restante ocupado pela superfície primitiva do seixo. Reverso de plano de separação da série II. Comprimento: 0^m,037; largura: 0^m,023; espessura: 0^m,012 (143).

SÍLEX

« TARIÈRES »

Pequena lasca sub-trapezoidal de sílex. Verso, parcialmente ocupado por córtex, retocado em toda a periferia, sendo afeiçoado na extremidade em raspadeira e no ângulo inferior direito em «tarière». Reverso de plano de separação. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,024; espessura: 0^m,011.

SÉRIES II + III-A + IV

SÍLEX

BICOS

Lasca sub-rectangular, retocada em toda a periferia do verso, notando-se um grosso bico no bordo superior. Reverso plano. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,21; espessura: 0^m,012 (144).

SÉRIES II + III-B

QUARTZO

BIFACES

Biface cordiforme trabalhado num calhau rolado de quartzo, cuja superfície primitiva ainda se nota na base. Faces convexo-

-arredondadas. Comprimento: 0^m,060; largura: 0^m,059; espessura: 0^m,036 (138).

SÉRIES III-A + III-B

SÍLEX

BIFACES

Pequeno biface sub-pentagonal, espesso na base. Verso convexo, com a extremidade larga afeiçãoada em gume curvo. Reverso ocupado por dois grandes negativos no lado direito e por outros mais pequenos de regularização. Comprimento: 0^m,064; largura: 0^m,055; espessura: 0^m,031 (139).

NÚCLEOS

Núcleo discóide proto-mustierense, em forma de biface imperfeito. Verso ocupado por um grande negativo na metade inferior e por outros mais pequenos que, de toda a periferia, ascendem para o centro proeminente. O reverso, em grande parte ocupado por córtex, apresenta três facetas sub-triangulares e alguns pequenos negativos de regularização, principalmente na extremidade. Comprimento: 0^m,085; largura: 0^m,070; espessura: 0^m,037 (140).

BICOS

Lasca piriforme. Verso ocupado por uma larga faceta que o atravessa em diagonal, resultante do negativo duma lasca. Reverso de plano de separação. Ambas as faces se mostram retocadas nos bordos, existindo um largo bico inclinado à esquerda a meio

da extremidade larga. Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,014.

RASPADORES

Bloco rectangular, espesso na base e retocado na extremidade para servir de raspador. Comprimento: 0^m,051; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,021.

RASPADEIRAS

4 raspadeiras:

2, de forma circular, provêm de duas lascas que foram retocadas na quase totalidade dos bordos. Dimensões: 0^m,029 × 0^m,028 × 0^m,009 e 0^m,030 × 0^m,026 × 0^m,013.

Uma outra, alongada, com bolbo taiacense na base do verso, foi cuidadosamente retocada na extremidade larga, formando um bico no ângulo superior esquerdo. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,011 (145).

Dimensões da última, que apresenta também um pequeno bico. Comprimento: 0^m,039; largura: 0^m,030; espessura: 0^m,017.

LASCAS RETOCADAS

Duas espessas lascas.

Uma, alongada, com o verso de plano de separação onde se nota o bolbo a meio do bordo esquerdo, apresenta o reverso ocupado por córtex, com excepção do negativo resultante duma lasca tirada do lado direito. Formaram-se, com os retoques, alguns «coches» e bicos. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,014.

Outra, também alongada. O verso, ocupado por três facetas principais e por uma mais pequena na extremidade, possui alguns retoques nos bordos. O reverso, de plano de separação com

grande bolbo na base, foi retocado nos bordos laterais (na Série III-B) e na base (na Série III-A). Comprimento: 0^m,050; largura: 0^m,040; espessura: 0^m,017.

SÉRIES III-A + III-B + V

SÍLEX

RASPADEIRAS

Espressa lasca de sílex. Reverso de plano de separação, com dois negativos da Série V. Verso proeminente, retocado para servir de raspadeira em todo o bordo superior. Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,033; espessura: 0^m,018.

LASCAS RETOCADAS

Uma lasca retocada, principalmente nos dois terços superiores do bordo esquerdo do verso, que é ocupado pelo plano de separação. Comprimento: 0^m,047; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,012.

SÉRIES III-A + IV

SÍLEX

«TARIÈRES»

Espressa lasca de secção triangular. Reverso de plano de separação, com bolbo mutilado na base onde se notam pequenas lascas e retoques. Verso percorrido nos dois terços superiores

por uma aresta longitudinal mediana e retocado nos bordos laterais; os retoques do bordo esquerdo, da série IV, deram origem à formação, na extremidade, duma curiosa «tarière». Comprimento: 0^m,044; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,018.

Lasca sub-triangular, de idêntica secção, retocada em toda a periferia do verso proeminente. No ângulo inferior direito formou-se uma «tarière» encurvada. Reverso de plano de separação, com ligeiros retoques na extremidade. Comprimento: 0^m,040; largura: 0^m,034; espessura: 0^m,015 (146).

SÉRIES III-A + V

SÍLEX

PONTAS

Lasca lanceolada afeiçoada em ponta na extremidade. Reverso de plano de separação com bolbos taiacenses gémeos na base. Alguns retoques no bordo direito do reverso originaram a formação dum bico sensivelmente a meio desse bordo. Comprimento: 0^m,058; largura: 0^m,037; espessura: 0^m,014.

BICOS

Lâmina de secção triangular, retocada nos bordos laterais e superior, a meio do qual se nota um forte bico. Reverso de plano de separação com bolbo na base. Comprimento: 0^m,067; largura: 0^m,042; espessura: 0^m,014 (150).

SÉRIES III-B + IV

SÍLEX

PONTAS

Espressa lasca sub-triangular afeiçãoada em ponta na extremidade. Verso proeminente percorrido por uma aresta que parte da base, ocupada por córtex, para a extremidade. O lado esquerdo desta face é ocupado por pequenos negativos ascendentes e por um largo «coche», à esquerda da ponta, com indícios de utilização como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,038; largura: 0^m,027; espessura: 0^m,018.

BICOS

Bloco de sílex em forma de crescente. Verso proeminente com uma mancha central de córtex. Reverso, abaulado, ocupado por múltiplas facetas das séries III-B e IV. A metade superior do verso foi trabalhada, na série IV, a pequenas lascas e posteriormente retocada, do que resultou a formação dum largo bico a meio, limitado por dois «coches». Comprimento: 0^m,060; largura: 0^m,038; espessura: 0^m,025.

Pequena lasca piriforme de secção triangular, cujo verso é percorrido por uma aresta longitudinal mediana que divide este lado em duas facetas laterais. Reverso de plano de separação, retocado no bordo direito e no terço inferior do bordo esquerdo; no terço inferior do bordo direito desta face, existe um bico bem pronunciado. O verso está retocado na extremidade e na base. Comprimento: 0^m,041; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,009.

Outra pequena lasca retocada em toda a periferia e com um bico na extremidade. Comprimento: 0^m,024; largura: 0^m,018; espessura: 0^m,006.

RASPADORES

Lasca sub-triangular espessa, de secção triangular, cujo verso, percorrido por uma aresta do meio da base à extremidade, foi retocado nos bordos direito (série III-B) e esquerdo (série IV); neste bordo foi utilizado como raspador côncavo. Reverso de plano de separação com bolbo no ângulo inferior direito. Comprimento: 0^m,039; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,019.

RASPADEIRAS

Pequena lasca, com plano de percussão possivelmente preparado. O verso é percorrido por uma aresta longitudinal que o divide em duas facetas laterais, e encontra-se cuidadosamente retocado e afeiçoado em raspadeira na extremidade; nesta face, o exemplar foi igualmente retocado nos restantes bordos, existindo um «coche» no terço superior do bordo esquerdo. Reverso de plano de separação. Comprimento: 0^m,032; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,011.

LASCAS RETOCADAS

5 lascas retocadas:

Uma apresenta o plano de percussão preparado. Comprimento: 0^m,035; largura: 0^m,032; espessura: 0^m,013.

Outra, muito pequena, possui um «coche» e vestígios de utilização. Comprimento: 0^m,020; largura: 0^m,014; espessura: 0^m,006.

Dimensões de uma outra, a maior: Comprimento: 0^m,049; largura: 0^m,044; espessura: 0^m,009 (148).

SÉRIES III-B + V

QUARTZITE

LASCAS RETOCADAS

Espessa lasca tirada dum calhau rolado. Reverso de plano de separação, da série III-B. Verso ocupado pela superfície primitiva, com retoques da série V. Alguns retoques desta série também se notam no reverso. Comprimento: 0^m,054; largura: 0^m,041; espessura: 0^m,016.

SÍLEX

RASPADORES

Peça em forma de crescente, trabalhada, nas duas faces, de lascas muito planas e retocada nos dois bordos laterais, nos quais serviu de raspador convexo e côncavo. Comprimento: 0^m,066; largura: 0^m,036; espessura: 0^m,013 (149).

LASCAS RETOCADAS

Lasca alongada, quase em forma de lâmina, de secção triangular. Verso proeminente, retocado nos bordos laterais. Reverso de plano de separação, com plano de percussão na base que foi retocado. Comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,020; espessura: 0^m,012 (147).

SÉRIES III-B + VI

SÍLEX

NÚCLEOS

Um núcleo poliédrico. Comprimento: 0^m,056; largura: 0^m,044; espessura: 0^m,034.

SÉRIES IV + V

SÍLEX

BIFACES

Biface cordiforme, lembrando um pouco os bifaces do Mustierense. O reverso, da série IV, apresenta, nas arestas, bastantes indícios de percussão. O verso, trabalhado na série V, está inteiramente ocupado por pequenas lascas ascendendo da periferia. Comprimento: 0^m,075; largura: 0^m,051; espessura: 0^m,029 (142).

PONTAS

Lasca em forma de crescente com o reverso, de plano de separação, retocado nos dois lados da extremidade, onde se formou uma ponta levemente aburilada. Verso plano, retocado nos restantes bordos, tendo sido utilizado como raspador côncavo a meio do bordo direito. Comprimento: 0^m,067; largura: 0^m,031; espessura: 0^m,015.

BICOS

Pequena lasca de sílex branco, retocado, no verso, na extremidade e, no reverso, de plano de separação, nos dois terços inferiores dos bordos laterais. Em cada uma das extremidades superior e inferior existe um bico. Comprimento: 0^m,030; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,010.

LASCAS RETOCADAS

Duas lascas retocadas. Uma, alongada, tem a metade esquerda do verso ocupada por córtex. Reverso de plano de separação com um bolbo taiacense na base, havendo sido retocado a meio do bordo esquerdo. Verso retocado no bordo esquerdo, extremidade e em parte do bordo direito, onde se formou um pequeno « coche ». Comprimento: 0^m,055; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,011.

A outra, sub-pentagonal, apresenta, no verso, um negativo de lâmina e alguns pequenos bicos nos bordos, provenientes dos retoques. Comprimento: 0^m,029; largura: 0^m,026; espessura: 0^m,008.

LÂMINAS

Uma lâmina irregular com o reverso, côncavo, de plano de separação. Verso proeminente, ocupado por várias facetas e retocado, bem como o reverso, em alguns dos bordos. A meio do bordo esquerdo do verso, foi utilizado como raspador côncavo. Comprimento: 0^m,078; largura: 0^m,038; espessura: 0^m,019 (151).

*

* *

Além dos espécimes cuja descrição acabamos de efectuar, apareceram outros restos arqueológicos que achamos conveniente incluir numa secção à parte. Estão neste caso a cerâmica, tampas de vasilhas, uma enxó de xisto, uma conta de vidro, etc.

Estes restos são de diferentes idades, cuja determinação aproximada alguns deles mais típicos permitiram. No entanto, a associação tão heterogénea em que aparecem os achados do Alto das Perdizes não poderia deixar de suscitar muitas dúvidas quanto à cronologia de grande parte desses restos.

Os fragmentos de cerâmica aparecem em apreciável quantidade, principalmente na parte mais elevada do Alto das Perdizes. Identificámos restos do Neo-eneolítico, do Ferro e mesmo, provavelmente, lusitano-romanos. Outros fragmentos são, quanto à sua idade, de difícil averiguação.

Entre os que atribuímos ao Neo-eneolítico, encontramos fragmentos de taças do tipo de Palmela (156 a 158), outros com pequenos ovais incisos (166), com os bordos denteados (152 e 153) ou com pequenas protuberâncias mamilares. Já, num trabalho recente, emitimos a nossa opinião da sensível contemporaneidade, no nosso Eneolítico, dos vasos ornamentados com ovais, das taças de Palmela e dos vasos que apresentam no bordo, ou junto a este, um denticulado, embora este último ornato pareça ser a primeira fase dum tipo que evolui até ao Ferro.

Outros fragmentos de cerâmica lisa ou ornamentada (154, 155, 159, 162, 163, 164, 168 e 169) pertencem também, possivelmente, ao Eneolítico, como sejam os que ainda conservam asas em forma de grande mamilo (161 e 165). Alguns mesmo poderão pertencer ao Bronze pleno.

Coetâneos do Ferro serão vários fragmentos de asas de secção circular (167) e ainda outros restos cerâmicos de tipo castrejo.

Encontramos algumas tampas de vasilhas, quer de calcário (104) quer de barro, semelhantes a outras que têm aparecido nos castros nortenhos do Ferro. Uma pequena mó de grés (113) é, só por si, de difícil classificação cronológica.

Por toda a estação abundam os percutores, muitos deles esféricos, de basalto, quartzite ou sílex.

Um notável achado foi, sem dúvida, o duma pequena conta de vidro, de forma cilíndrica (170). É de duas cores, notando-se sobre um fundo preto várias listas ondedadas verdes. O furo é cilíndrico. Entre nós, as contas deste tipo, das quais Estácio da Veiga descreve duas encontradas em Milreu ⁽¹⁾, são de certa raridade e certamente produto de importação oriental.

As culturas post-paleolíticas do Alto das Perdizes serão abordadas mais detidamente noutra ocasião.

CONCLUSÕES

A estação pré-histórica do Alto das Perdizes revelou-se, quer pela abundância, quer pela diversidade do espólio, uma das mais ricas e características dos arredores de Lisboa.

Já depois de elaborado este pequeno trabalho, novas colheitas que efectuámos vieram aumentar para alguns milhares as peças pré-históricas desta estação. Um corte no terreno, a que já atrás nos referimos, veio indicar-nos a existência, pelo menos num espaço restrito, duma possível estratigrafia. Tudo isto nos obriga

(1) Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga — *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa, 1891, vol. IV, Est. XXVIII.

a apresentar as nossas conclusões com a mais prudente reserva, até ao momento em que, findos novos estudos, possamos adquirir mais elementos para bases das nossas deduções.

As indústrias posteriores ao Paleolítico, a que nos referiremos a traços largos, serão tratadas circunstanciadamente num trabalho à parte.

Limitar-nos-emos às deduções permitidas por algumas observações estatísticas e à indicação de uma ou outra característica que mais nos feriu a atenção.

As peças que são objecto desta primeira nota distribuem-se, quantitativamente, pelas diversas séries, do modo seguinte:

Séries	Quartzo	Quartzite	Silex	Jaspe	TOTAL
I	3	4	7	—	14
II	4	2	15	1	22
III-A	2	7	30	—	39
III-B	7	22	28	—	57
IV	1	16	60	—	77
V	4	2	44	—	50
VI	3	—	27	—	30
VII	2	1	37	—	40
VIII-A	—	—	34	—	34
VIII-B	1	—	65	—	66

Uma simples análise deste quadro permite-nos notar que o número de peças, reduzido na primeira e segunda séries, tende a aumentar consideravelmente nas seguintes. Demonstra-nos isto que a superfície da estação forneceu maior número de exemplares mais recentes. Pode explicar-se este fenómeno pela acumulação de terras que se verifica em alguns pontos da estação provenientes das vertentes do monte. As indústrias mais antigas rolaram com as primeiras terras e jazem actualmente, na sua maioria, na

base da camada, a profundidades nem sempre atingidas pelo arado que raras vezes as traz à superfície.

A matéria-prima também varia com as séries. No gráfico da fig. 3 temos representada a sua evolução. A quartzite e o quartzo

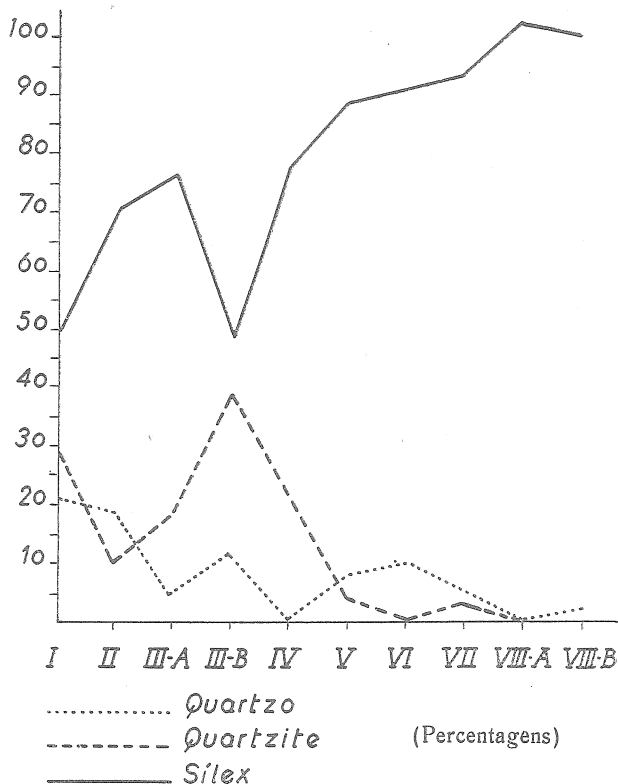


Fig. 3

tendem nitidamente a diminuir de tal maneira que a primeira destas matérias-primas não vai além da série V, exceção feita de alguns calhaus utilizados como percutores nas séries mais recentes ou pequenos instrumentos. Pelo contrário, o emprego do sílex tende a aumentar, quase se tornando finalmente a única matéria-prima utilizada.

Na estação pré-histórica do Alto das Perdizes encontramos grupos de indústrias de lascas e de *coups-de-poing*, mas, como já sucedeu com Casal do Monte, não temos, por enquanto, possibilidade de averiguar se esses grupos de indústrias alternariam. Pelo contrário, a associação da maioria das indústrias do Paleolítico inferior dos arredores de Lisboa permite-nos aceitar a opinião de Breuil, ao referir-se à estação de Casal do Monte, de que nos encontramos perante indústrias mistas (1).

Os *coups-de-poing* estendem a sua cultura desde a série I à série IV. O exame do quadro abaixo dá-nos uma ideia da sua distribuição.

Séries	I	II	III-A	III-B	IV
Quartzo . . .	1	2	—	1	—
Quartzite. . .	1	—	3	7	4
TOTAL . . .	2	2	3	8	4

Deste quadro eliminamos todas as peças que, embora lembrando *coups-de-poing*, não possam abertamente ser consideradas como tais. Verificamos que nenhum destes instrumentos é de sílex; apenas nas duplas pátinas nos aparece um exemplar trabalhado nesse material.

Assim, parece estarmos em presença de uma preferência pela quartzite e quartzo para o fabrico dos *coups-de-poing*, a que, talvez, não seja completamente estranha a nem sempre boa qualidade do sílex da região para o fabrico de tais instrumentos.

Em contrapartida, a diferenciação crescente da instrumentagem e a delicadeza de talhe de algumas peças vão trazendo a

(1) H. Breuil et G. Zbyszewski — *Op. cit.*, págs. 200.

necessidade de uma maior utilização do sílex, que atinge o seu auge a partir do Paleolítico superior. Ora, não só verificamos este fenómeno no gráfico anterior, como já também atrás vimos que, a partir da Série IV, o espólio tende a diminuir. Simultaneamente, curioso é notar que, precisamente a partir do Mustierense (a nossa Série V do Alto das Perdizes), se começa intensificando o povoamento na zona do Cretácico do Monsanto.

Estes factos sugerem-me uma outra explicação para a divisão da arqueologia do Monsanto consoante a zona geológica (1). A par de todas as influências referidas por outros autores (2), há a admitir que, por comodismo, os antigos povoadores da Serra de Monsanto procuraram primeiro os planaltos basálticos onde antigos depósitos pliocénicos lhes forneciam seixos de quartzo e quartzite. No Paleolítico superior e mesmo já no Mustierense são levados a procurar os afloramentos do Cretácico abundantes em sílex, nos quais estabeleceram verdadeiras oficinas que se prolongam por culturas posteriores. No entanto, embora no Paleolítico superior se note esta preferência, ela não é bastante para provocar o completo abandono das zonas do basalto; e notamos, então, um caso singularmente curioso: como já sucedia no Paleolítico inferior, mas agora com mais intensidade, o sílex é transportado para os afloramentos de basalto e aí trabalhado, como ainda o indicam numerosos blocos de várias pátinas, que não chegaram a ser utilizados ou o foram apenas parcialmente, e que por nós foram achados no Alto das Perdizes.

O número de *coups-de-poing* tende a aumentar até à Série III-B, típica do Acheulense superior, e desaparece com a

(1) A. A. Mendes Corrêa — *O Porto e a População de Lisboa* — Porto, 1947; J. Camarate França — *O Paleolítico dos arredores de Lisboa*.

(2) G. Zbyszewski — *La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire du Portugal en 1942* — Porto, 1943 — pág. 75.

série seguinte. Em Casal do Monte observa-se precisamente o contrário: a Série I é a que possui maior abundância destes exemplares, que regularmente decrescem em número até à Série V. Como, porém, se nos tornou difícil a colheita dos elementos mais

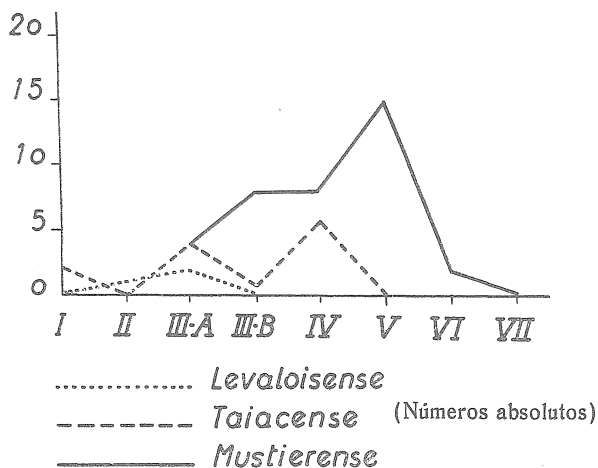


Fig. 4

antigos dado o modo de jazida atrás indicado, nada de positivo, por ora, podemos concluir.

Quanto à distribuição e evolução das técnicas, vejamos o quadro abaixo e analisemos o gráfico da fig. 4.

ALGUMAS TÉCNICAS

	I	II	III-A	III-B	IV	V	VI
Clactonense	—	—	—	2	—	—	—
Lasc. Taiacen.	2	—	4	1	6	—	—
» Leval.	—	1	—	—	—	—	—
Núcl. Leval.	—	—	2	—	—	—	—
Lasc. Mustier.	—	—	1	2	3	4	1
Núcl. Mustier.	—	—	3	6	5	11	1

O Clactonense aparece-nos na série III-B fracamente representado. Uma lasca da série VI apresenta, igualmente, uma tradição clactonense. Curioso é notar que, a pouca distância, na estação do Alto da Serafina, abundam grandes lascas contemporâneas do Paleolítico e de indústrias mais recentes que apresentam esse aspecto.

O Taiacense, bastante típico, surge-nos logo na série I; na série II, por mera anomalia que futuras colheitas poderão desfazer, não se nota; reaparece, porém, na III-A, diminui na III-B e aumenta novamente na IV. As séries dominantes são a III-A e a IV.

Estas duas técnicas aparecem, por enquanto, em discordância com o que foi observado por Breuil em Casal do Monte, pois aqui o Clactonense aparece na série I e o Taiacense somente na série II.

O Levaloisense aparece, na estação do Alto das Perdizes, antes do Mustierense. Apenas na série III-A o Levaloisense (2 núcleos) e o Mustierense (4 peças) surgem a par, para, logo na série seguinte, este substituir aquele completamente.

O Mustierense, representado por algumas belas peças — quer núcleos discóides, quer lascas com o plano de percussão preparados a facetas — aumenta em número e qualidade da série III-A à V, que é a dominante, para diminuir logo na série VI com a qual termina.

O Paleolítico superior, se bem que pouco abundante, não deixa também de aparecer. Já depois de terminada a descrição das peças de nossas primeiras colheitas, tivemos ocasião de encontrar, em companhia do Sr. Prof. Mendes Corrêa que amavelmente nos acompanhou à estação, uma curiosa ponta solutróide em forma de folha de loureiro. Algumas raspadeiras em forma de quilha, lembrando o Aurinhacense, e buris têm sido também por nós colhidos. É na série VI que vamos encontrar a maioria destas peças.

De acordo com as nossas observações e sem nos deixarmos influenciar quer pelos resultados obtidos com Casal do Monte quer pela esperança de modificações de critérios com o estudo das novas colheitas, chegámos aos seguintes resultados, quanto à caracterização das várias séries do Paleolítico;

Série I — Taiaco-Acheulense antigo.

- » II — Acheulense antigo.
- » III-A — Taiaco-Acheulense médio com alguns elementos Levalloisenses.

Série III-B — Acheulo-Mustieróide.

- » IV — Taiaco-Acheulo-Mustierense.
- » V — Mustierense.
- » VI — Paleolítico superior.

Pela análise desta distribuição, apenas duas possíveis anomalias nos ferem a atenção: o aparecimento precoce do Taia-cense e o aparecimento tardio do Clactonense, este já em pleno desenvolvimento daquele.

Para comparação com Casal do Monte, damos a seguir os resultados a que chegaram Breuil e Zbyszewski:

Série I — Abbevillo-clactonense;

- » II — Clacto-acheulense;
- » III-A — Taiaco-acheulense I;
- » III-B — Taiaco-acheulense II;
- » IV — Acheulo-mustierense;
- » V — Mustierense;
- » VI — Paleolítico superior.

Um caso temos ainda a apreciar no Paleolítico do Alto das Perdizes antes que entremos no estudo das culturas seguintes: o

aparecimento de tipos e de técnicas que não são característicos, até agora, desta região (1).

Começemos por nos referirmos ao pico e ao peso de rede.

Duas culturas de picos existem entre nós: a ancorense ao Norte e a mirensense ao Sul (2), que diferem um pouco não só pela associação como por alguns pormenores tipológicos. A do Norte julgo possível dividi-la em dois períodos: ancorense inferior, correspondente ao Paleolítico antigo, e ancorense superior, contemporâneo do Paleolítico superior e de algumas culturas post-paleolíticas e em cuja fase final devemos incluir a fácies chamada Asturiense. Na cultura mirensense não encontramos, até agora, correspondência em relação às mais recentes fases da cultura anterior, parecendo assim que a cultura de picos do Ancorense se prolongou até uma idade não atingida pela do Sul. As duas culturas diferem por os picos mirensenses serem, em geral, trabalhados em eixos mais espalmados, de bordos laterais acentuadamente côncavos, e pelos característicos machados com empunhadura afeiçãoada.

Alguns raros machados, muito mais rudes, aparecem no ancorense. Este distingue-se pelo formato dos seus picos de bordos mais rectilíneos e pelos seixos trabalhados, lembrando pesos de rede e como tais denominados, que nos surgem no ancorense superior.

O pico colhido no Alto das Perdizes, que pode enfileirar ao lado de outro proveniente de Muge existente no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal e de um outro ainda, por nós encontrado perto de Tomar, aproxima-se mais, na forma, do pico mirensense e curioso é notar que a própria matéria-prima de que é

(1) J. Camarate França — *Paleolítico dos arredores de Lisboa* (em publicação).

(2) H. Breuil et G. Zbyszewski — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques des plages quaternaires de l'Alentejo Littoral* — in « Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal » — Tomo XXVII — Lisboa, 1946.

feito, bastante rara nas estações pré-históricas do Norte do país, foi frequentemente utilizada para o fabrico dos instrumentos paleolíticos do Sul. Digno de nota é também a sua inclusão na série II, contemporânea do Acheulense antigo. No entanto, o aparecimento do pico poucas conclusões sérias nos pode permitir e prudentemente devê-lo-emos considerar, por enquanto, um mero caso de convergência.

O aparecimento do peso de rede talvez já mereça ser apreciado com mais cuidado. Realmente, se o pico é um instrumento de utilização relativamente complexa, embora seja característico dos povos do litoral e ainda no século passado a gente de Areosa os utilizasse para a extracção de lapas (1), já o mesmo não podemos dizer dos pesos pois o seu fim parece-nos ser muito mais definido. Apenas o facto de ser, até este momento, a única peça desse tipo encontrada nos impede de ir mais longe, admitindo a utilização de rede ou de meio semelhante por estes povos na pesca. É de notar que esta peça aparece no Alto das Perdizes sensivelmente na mesma época em que as peças análogas do Ancorense têm maior desenvolvimento.

Uma ou outra forma do Languedocense que encontrámos no Alto das Perdizes dever-se-á à proximidade de estações pré-históricas localizadas sobre terraços ou praias das quais, entre nós, essa técnica é característica.

O tipo de cultura lusitana (assim designadas, por Breuil, as indústrias de seixos truncados abundantes no nosso litoral) aparece um pouco disseminado por toda a Serra de Monsanto (2), inclusive no Alto das Perdizes.

(1) Abel Viana — *Paleolítico no Baixo Alentejo*, in « Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — IV Congresso ». Porto, 1943. Tomo XIII, pág. 90.

(2) J. Camarate França — *A estação pré-histórica do Alto da Cabreira (Monsanto)*, in « Trabalhos de Antropologia e Etnologia », t. XI, Porto, 1948.

ESTATÍSTICA GERAL

		Bifaces	Unifaces	Picos	Calhaus truncados	Núcleos	Furadores	Tarières	Pontas	Bicos	Raspadeiras	Raspadores	Lascas	Lâminas	Pesos de rede	Serras
Série I	Quartzo . . .	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—
	Quartzite . . .	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	1	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	1	—	—	1	1	2	2	—	—	—	—
Série II	Quartzo . . .	1	1	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—
	Silex . . .	—	—	1	—	—	—	—	3	—	7	3	1	1	—	—
Série III-A	Quartzo . . .	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—
	Quartzite . . .	2	1	—	—	2	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	4	2	—	5	2	5	6	4	2	—	—
Série III-B	Quartzo . . .	1	—	—	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Quartzite . . .	7	—	—	2	7	—	—	—	—	—	—	6	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	1	—	—	3	—	10	2	12	—	—	—
Série IV	Quartzo . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—
	Quartzite . . .	2	2	—	4	3	—	—	—	—	—	—	5	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	4	—	1	11	10	7	9	11	7	—	—
Série V	Quartzo . . .	—	—	—	—	2	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	12	—	—	4	4	6	5	8	4	—	—
Série VI	Quartzo . . .	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	3	—	—	2	2	3	5	6	6	—	—
Série VII	Quartzo . . .	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	2	1	—	—	2	2	1	8	20	—	—
Série VIII-A	Quartzo . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
	Silex . . .	—	—	—	—	2	2	1	1	—	4	—	8	13	—	2
Série VIII-B	Quartzo . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—
	Quartzite . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	Silex . . .	—	—	—	—	1	1	1	—	—	4	—	9	46	—	3



1



3



2



4



6



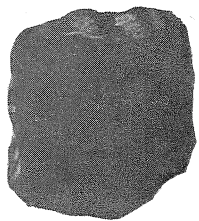
5



7



8



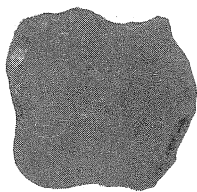
9



10



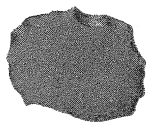
12



11



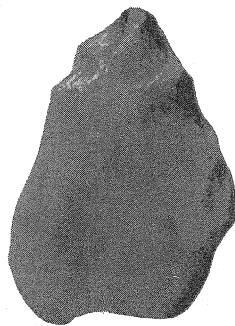
13



15



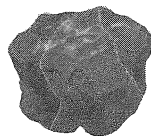
14



16



17



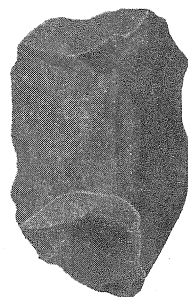
19



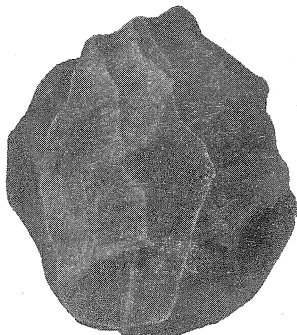
18



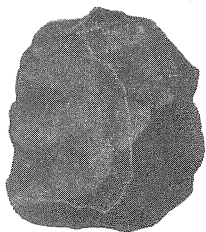
20



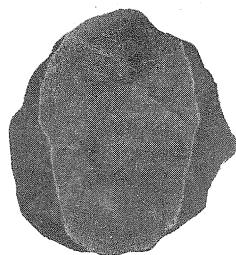
22



21



23



24



25



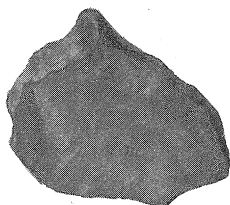
26



27



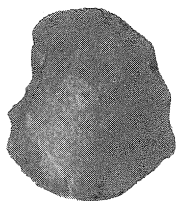
28



29



30



31



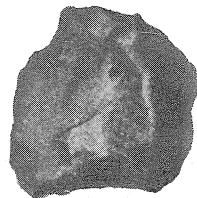
34



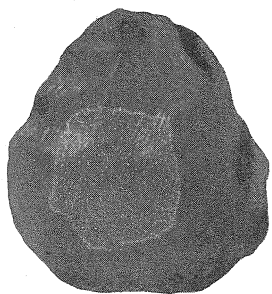
32



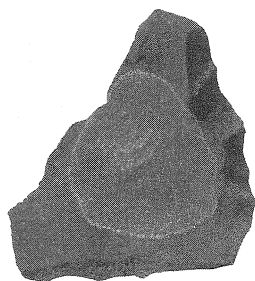
33



35



36



37



39



38



40



41



42



43



44



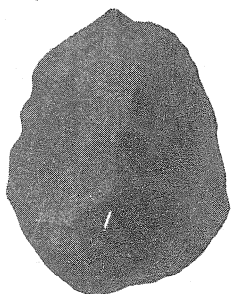
45



46



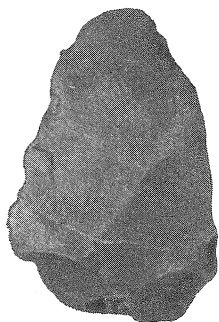
48



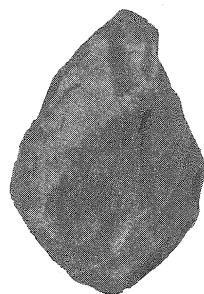
47



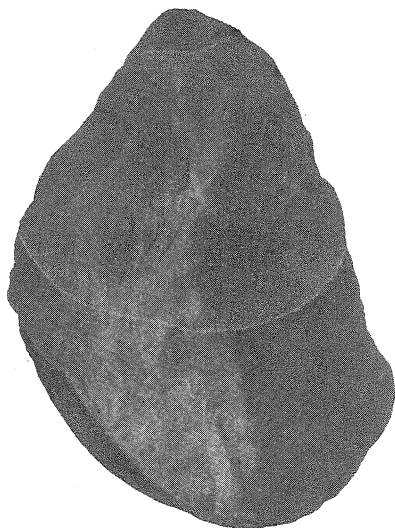
49



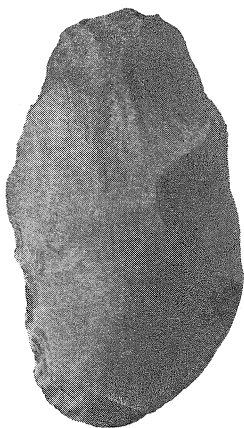
50



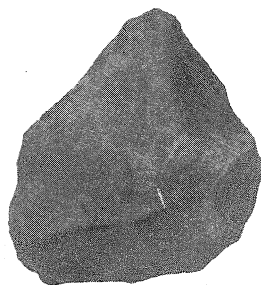
51



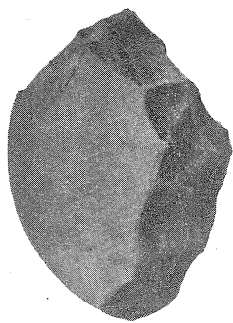
53



52



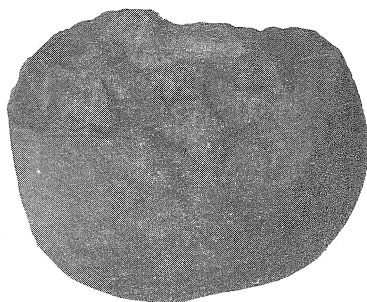
54



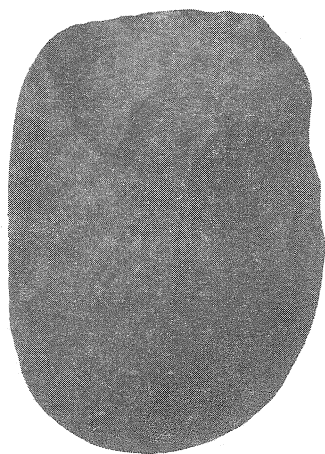
55



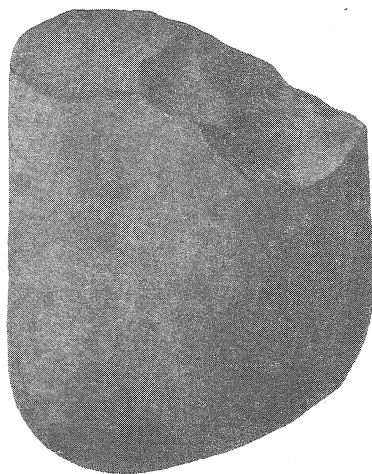
57



56



58



59



60



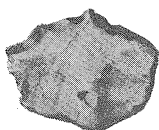
61



62



63



64



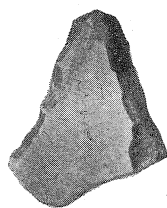
65



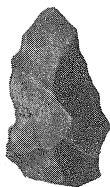
66



67



68



69



70



71



72



74



73



75



76



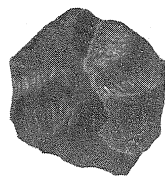
77



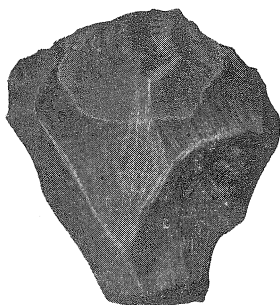
78



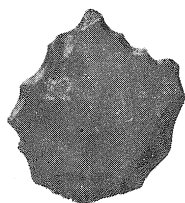
79



80



82



81



83



84



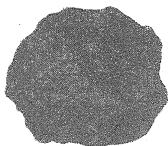
85



86



88



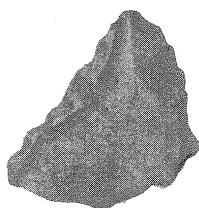
87



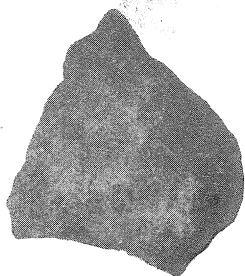
89



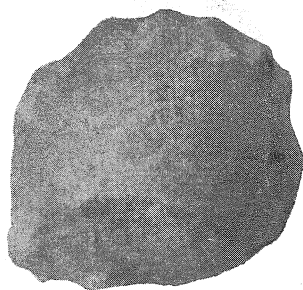
91



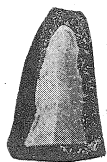
90



92



93



94



95



96



97



98



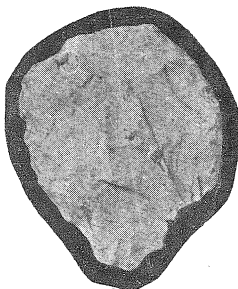
99



100



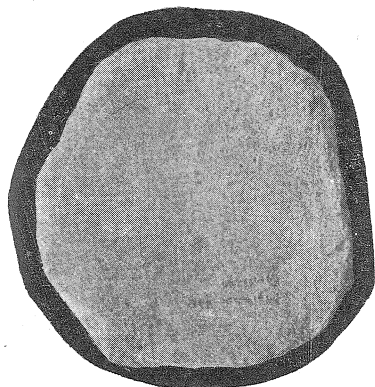
101



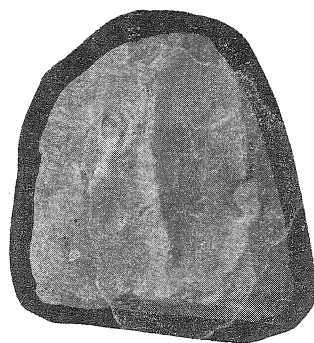
102



103



104



105



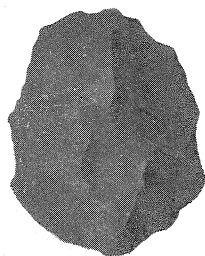
106



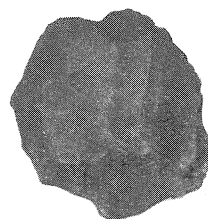
108



107



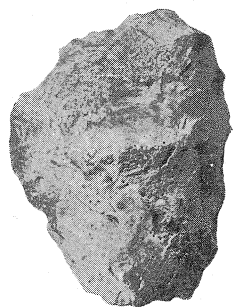
109



111



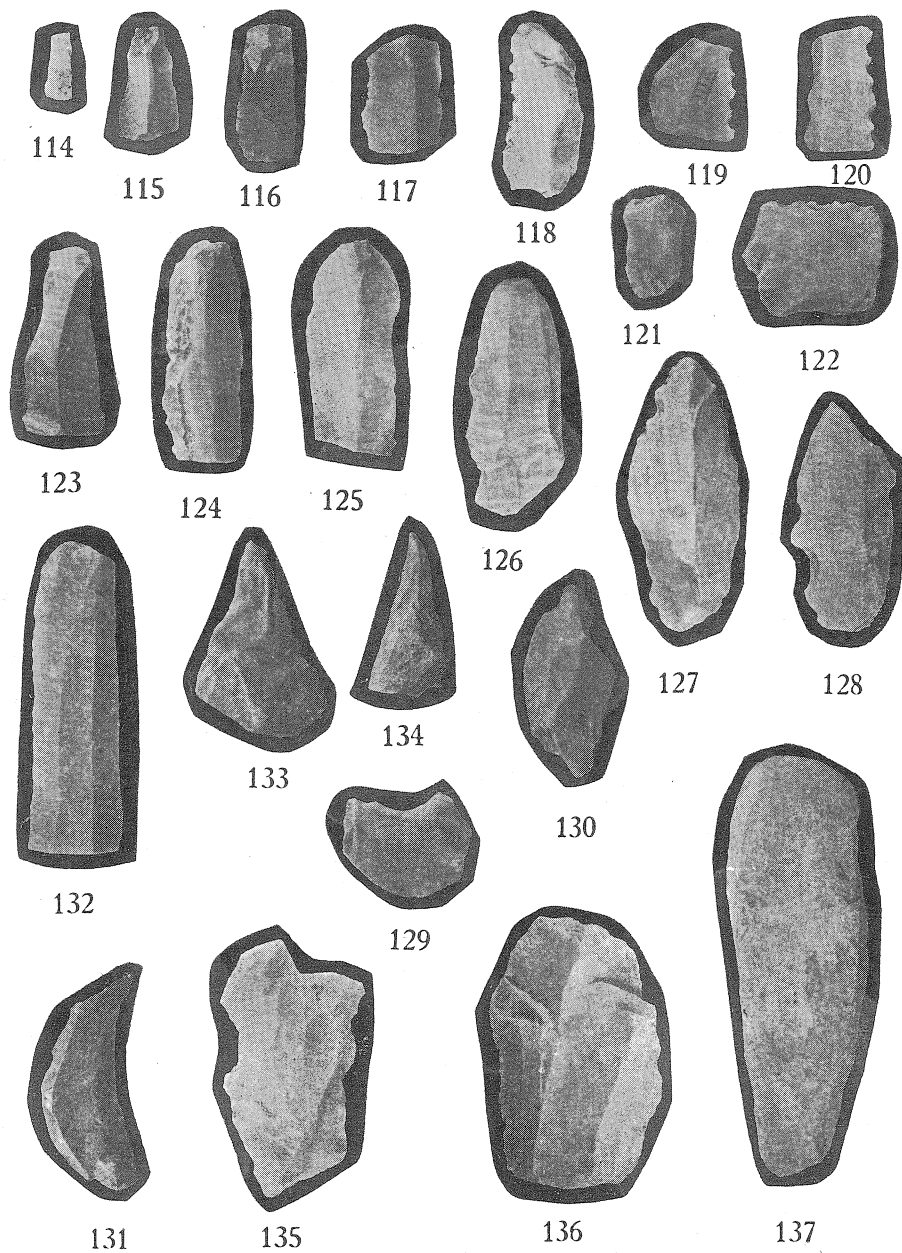
110

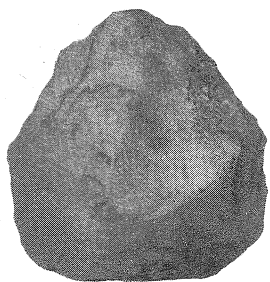


112



113

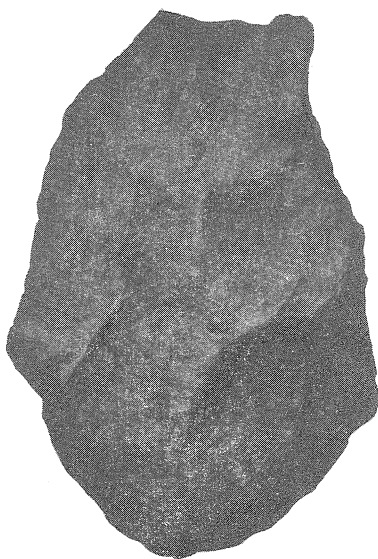




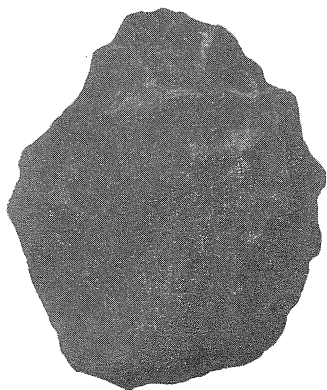
138



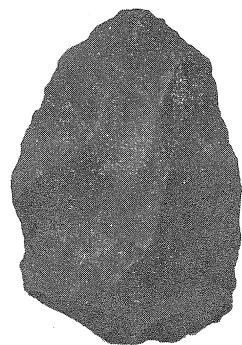
139



141



140



142



143



144



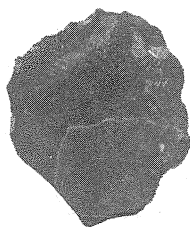
145



146



147



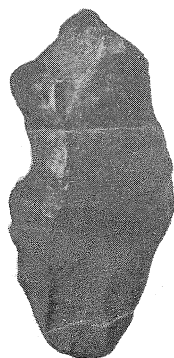
148



149



150



151



152



153



154



155



156



157



158



159



160



161



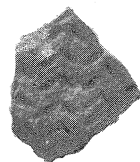
162



163



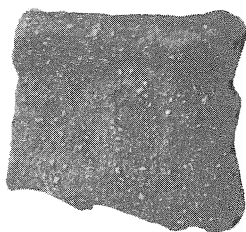
164



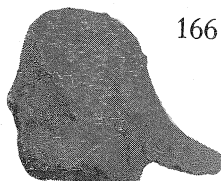
166



167



168



165



169



170

O Mesolítico, que nós colocámos na série VII, está, no seu aspecto típico, fracamente representado. Algumas lâminas, entre elas uma com «coche» de preparação de técnica microlítica.

As séries VIII-A e VIII-B são neo-eneolíticas. Nada há a acrescentar, neste trabalho, à descrição que atrás fizemos.

A enxó lembra algumas colhidas em outras estações eneolíticas dos arredores.

A cerâmica permite-nos averiguar que, pelo menos até à época do ferro, o Alto das Perdizes foi povoado. Com efeito, a par de elementos eneolíticos, como os fragmentos de taça do tipo de Palmela e os de bordos denteados, outros há, com algumas asas — entre as quais as de secção circular —, que são típicas dos nossos povoados da idade do ferro.

E é esta sucessão natural de indústrias, desde o Paleolítico antigo até ao Ferro, na qual não se nota à primeira vista qualquer lacuna apreciável, um dos aspectos bem característicos da estação pré-histórica do Alto das Perdizes, sem dúvida uma das jazidas dos arredores de Lisboa mais dignas de interesse. Causa espanto como, num espaço de terra relativamente pequeno, tal fenómeno se produziu, sendo nós mesmo levados a perguntar que fatalismo, ou imperativas leis naturais, coagiram tantas migrações humanas a fixarem-se naquela zona.

Grutas de Maceira (Vimeiro)

POR

G. Zbyszewski e A. Viana

Uma das colecções arqueológicas deixadas por Nery Delgado no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, até agora ainda não publicada, é a proveniente da exploração feita pelo ilustre geólogo e arqueólogo nas grutas de Maceira (Vimeiro), na freguesia de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras.

Os objectos reunidos no Museu têm a indicação: — «Gruta mais ocidental do Cabeço do Castelo — 200^m a W. do balneário das Águas Santas».

Procurando nos cadernos de campo de Nery Delgado, achamos os seguintes apontamentos, por sorte redigidos em termos de poderem servir para uma notícia definitiva, pelo que os transcrevemos integralmente:

— «6 de Outubro de 1879. Na vertente sul-occidental do Castelo, cabeço penhascoso de calcário jurássico desprendido da faixa que corre pelo Sul da Maceira, pela falha que neste sítio dá passagem à ribeira de Vimeiro, há, a meia encosta, isto é, a 40 metros acima do leito da ribeira e uns 200^m a O. dos banhos das Águas Santas, duas grutas gémeas abertas neste calcário e descendo para o interior da colina, uma para O. e outra para NE., que começaram a ser exp'oradas, pensando-se ao princípio que fossem muito produtivas mas, infelizmente, não sucedeu assim.»

«Ambas as grutas têm uma larga abertura (e especialmente a do nascente) e estavam cheias à entrada, até 1^m,50 do tecto,

pelo depósito arenáceo quaternário ou diluvial, na capa superior de 0^m,20 a 0^m,30 remexido, e até, na parte directamente iluminada pelo sol, tendo recebido cultura.»

«Os tectos das duas grutas são ligados exteriormente por uma espécie de cornija natural, sobressaindo à parte lisa do calcário e sobranceira a uma espécie de longo patamar ou terraço que dá acesso a uma e outra. Foi neste terreno e à entrada da gruta ocidental (e que supomos prolongar-se para a chamada «lapa do sapateiro», mais próxima de Maceira e na extremidade do cabeço) que foram achados os relativamente raros e pouco interessantes objectos de indústria pré-histórica, que se descobriram nesta localidade.»

«Estes objectos consistem principalmente em muitos fragmentos de louça grosseira, rugosa, lisa ou com desenhos simples, impressões feitas com um estilete, e fabricada à mão. Um caco muito notável achado hoje em minha visita, a uns 3^m de distância da boca da gruta ocidental, apresenta estes desenhos em traços feitos com um verniz negro» (1).

«Encontraram-se também alguns ossos de animais, queimados ou não, um único fragmento de faca de sílex, muitos seixos quartzosos de diversas grandezas, alguns estalados e outros com provas evidentes de trabalho. É muito notável um pedacinho de placa de cobre com desenhos e que certo pertencia a um adorno. Achou-se também um maxilar inferior de *canis*, outra peça semelhante, de um pequeno carnívoro e um crânio de... (*ilegível*)... porém como estas grutas serviram em todo o tempo de guarida temporária a animais carnívoros (raposas) que ali fossem devorar a sua presa, e como estes ossos se encontraram na capa superficial da terra solta, é muito arriscado assegurar que todos os objectos coligidos sejam na verdade da época pré-histórica.»

(1) Deve ser o da Est. I, fig. 1.

«As paredes de ambas as grutas são lisas, e como disse ambas mergulham para o interior do cabeço, de forma que podendo-se estar comodamente de pé, a entrada de ambas elas, à distância de uns 8-10^m da boca, estava completamente obstruída.»

«O depósito areáceo quaternário que as enchia e que penetrou em todos os algares do calcário oferece a composição a mais irregular. É numas partes fino e composto de uma areia quartzosa incoerente e parcialmente cimentada por óxido de ferro, noutras, pelo contrário, extremamente grosseiro e carregado de pequenos calhaus quartzosos irregulares.»

«Na gruta ocidental este depósito grosseiro apresentava-se em parte fortemente cimentado por calcário e por óxido de ferro e manganés, apresentando uma certa estratificação ou formando um estrato inclinado para o interior da gruta junto à parede setentrional.»

«As duas grutas são secas. Apenas a água que exteriormente escorre pelo tecto poderia pingar no pavimento e, por isso, falta ali manto estalagmítico e não se vêem estalactites no tecto. Não foi, todavia, sempre assim, e a prova está no estrato calcário, ou antes no carbonato de ferro, que disse cimentar as areias quaternárias, e o achado de algumas grossas estalagmites da mesma natureza, também achadas soltas no meio das areias revolvidas da mesma gruta ocidental.»

«Os calcários estão (*inclinados*) verticalmente na direcção da falha, ou linha de fractura das camadas, a que corresponde este lanço da ribeira, correndo aproximadamente para N. 55° E., segundo pude observar do alto. A superfície dos calcários foi, (*porém*), fortemente denudada, e apresenta-se atravessada de algares mais ou menos fundos e de superfícies lisas, (acusando) a acção dissoluta das correntes diluviais a que estiveram sujeitos.»

«As duas grutas de que falamos não são senão um destes algares de maiores dimensões, e aberto pelas águas, penetrando por uma fenda horizontal da parede do canal. O enchimento das duas grutas... (*ilegível*)... e foi mesmo. Na mais oriental há uma espessíssima camada de conglomerado, formada de abundantíssimos calhaus quartzosos rolados, mas mostrando ainda vestígios das mais primitivas formas angulosas, e alguns seixos envolvidos num grés mais ou menos grosseiro, numa pasta grosseira, cortando-se facilmente a picção, noutras muito fortemente cimentado. Encontram-se neste depósito, que tem perfeitamente o carácter dos depósitos diluviais, alguns ossos petrificados e muito rolados, certamente restos de animais da época quaternária.»

«Na gruta mais ocidental, que parece transpor a montanha, indo ligar com a gruta do sapateiro, este depósito grosseiro forma apenas uma capa superficial de alguns decímetros de espessura, mas que adelgaça gradualmente para o interior da gruta (que, como dissemos, desce para o interior do cabeço), indo terminar no topo entre as paredes laterais deste ramo da gruta. A base desta camada é formada por um estrato irregular de calcário ferruginoso, ou antes, de carbonato de ferro espático, notando-se nesta parte do grés também concentração de óxido de manganés, e por baixo de outra camada rija, de aspecto semelhante às estalagmites, há uma areola pròpriamente solta, mais ou menos grosseira, em parte branca, na qual não se descobriram os mesmos seixos. Por baixo vai outra vez o grés grosseiro.»

«No grés grosseiro desta parte da gruta e à profundidade de 1^m, foi achado um sílex que é, portanto, evidentemente quaternário. A camada de grés grosseiro e um conglomerado da gruta ocidental têm mais de 3^m de grossura; mostra também dois estratos de areia solta, de alguns centímetros em toda a extensão da vala que mandei abrir. Por cima há uma camada de grés mais

fino, remexido, que liga horizontalmente com a camada de terra cultivada do exterior da gruta.»

«À gruta do sapateiro, na face O. do mesmo morro calcário denominado «o castelo» e muito próxima da povoação de Maceira, não difere pela forma nem pelo conteúdo das anteriores. É, porém, mais ampla e mais bela, começando logo à entrada no tecto um manto estalagmítico de 0^m,20 de espessura média, de espato calcário que se desprende do tecto formando um sótão, de pequena altura e onde a custo se poderia penetrar de rojo. Esta gruta era também cheia pelo conglomerado de abundantíssimos, e ainda mais grossos, seixos quartzosos irregulares, que foi extraído pelo proprietário e antigo habitante da gruta, um homem excêntrico e fanático que ainda vive.»

«No fundo a gruta é muito escura, mas vai-se... (*ilegível*)... até o topo, onde o manto estalagmítico liga o tecto com o pavimento da gruta, que naturalmente para o interior se vai aproximando. Este conglomerado e grés grosseiro é o mesmo que se vê em Maceira, cortado na estrada, com a diferença que cá fora parece ser mais raro, formando como manchas ou bolsas no meio dos grés mais finos.»

«A gruta do sapateiro tem a entrada com 8^m de largura e actualmente tem altura bastante para se caminhar dentro dela à vontade. Antes de desentulhada não teria talvez mais de 1^m de altura até ao tecto estalagmítico.»

Passamos à descrição dos objectos recolhidos no Museu dos Serviços Geológicos.

Série paleolítica

— Lasca atípica, de quartzite, do 1.º talhe, com plano de percussão na superfície primitiva do seixo. Reverso plano formado pela superfície primitiva do seixo, com excepção de duas

pequenas facetas, estreitas, ao longo de um dos bordos. Anverso constituído pela superfície de separação, com bolbo à esquerda da base. Uma das extremidades termina em ponta triangular. Tem indícios de utilização em todos os bordos. Será, possivelmente, do talaicense final.

— $0^m,073 \times 0^m,071 \times 0^m,018$ (Est. II, fig. 8).

— Lasca de quartzite, residual. — $0^m,044 \times 0^m,025 \times 0^m,008$.

Série post-paleolítica

— Pequeno fragmento de lâmina, de secção transversal triangular, apresentando pequeníssimos retoques em um dos bordos e em uma das extremidades.

— $0^m,024 \times 0^m,017 \times 0^m,005$ (Est. II, fig. 4).

— Lasca residual, de sílex.

— $0^m,050 \times 0^m,039 \times 0^m,014$.

— Grande fragmento de mó, de grés jurássico. Esta peça, antes das fracturas que mostra aos cantos de uma das extremidades, seria possivelmente rectangular.

— $0^m,260 \times 0^m,176 \times 0^m,094$ (Est. III, fig. 15).

— Quatro fragmentos de seixo, de rocha ofítica, utilizados como percutores muito grosseiros. Dois deles mostram em uma das faces indícios de terem servido também de mós.

— $0^m,126 \times 0^m,098 \times 0^m,077$;

— $0^m,105 \times 0^m,075 \times 0^m,073$ (Est. III, fig. 13);

— $0^m,067 \times 0^m,066 \times 0^m,054$;

— $0^m,057 \times 0^m,036 \times 0^m,042$.

Indústria óssea

— Pequena lasca de osso, alongada, apresentando polido em uma das extremidades. Pode ter sido empregado como estilete para a realização de ornatos incisos na cerâmica.

— 0^m,050 × 0^m,013 × 0^m,025.

Série metálica

— Pequeno fragmento de chapa de cobre, muito delgada e ornamentada. O desenho é formado por alinhamentos de círculos com uma cavidade ao centro. Estes alinhamentos de pequeninos círculos estão ligados por faixas de traços paralelos, oblíquos aos referidos alinhamentos. Estes traços, assim como os que preenchem os triângulos da faixa que se vê em uma das extremidades do fragmento, são incisos e extremamente finos, tornando-se necessários em conveniente incidência de luz para se tornarem bem perceptíveis. O carcomido e o carbonato cúprico da superfície não deixam ver se os círculos são gravados ou se foram obtidos logo na fundição, parecendo, no entanto, mais provável o primeiro caso. O fragmento está partido em dois bocados ajustáveis.

— 0^m,034 × 0^m,026 × 0^m,003. (Est. II, fig. 12 e Est. IV, fig. 21).

— Uma porção de pequeninas esferas de cobre desde o tamanho de um grão de ervilha até metade. Uma delas está solta (Est. II, fig. 7), ao passo que as restantes se encontram ligadas pelo carbonato cúprico resultante da alteração do metal (fig. 6).

Série cerâmica

Grupo A — Cerâmica ornamentada

a) *Cerâmica esgrafitada*: — Dois fragmentos ajustáveis, do bordo e flanco de um pequeno vaso de características argáricas, abrangendo a aresta saliente que divide a parte superior da inferior e em forma de calote esférica, da vasilha. Na parte superior do fragmento, na zona pertencente ao flanco, observa-se um ornato em espinha. Este desenho foi executado por meio de uma ponta fina e romba, a qual produziu, por alisamento da pasta, em fresco, os traços negros e brilhantes que se evidenciam sobre o fundo mate da restante superfície do barro. Espessura do bordo: 0^m,035 (Est. I, fig. 2).

— Fragmento de vaso campaniforme, com desenho esgrafitado, de negro brilhante sobre fundo acastanhado baço. Dimensões do fragmento: comprimento: 0^m,127; largura: 0^m,078; espessura: 0^m,011 (Est. I, fig. 1).

b) *Cerâmica com ornatos incisos*: — Pequeno fragmento do flanco de um vaso. Comprimento: 0^m,081; largura: 0^m,062; espessura: 0^m,012 (Est. II, fig. 5).

— Dois fragmentos de um mesmo vaso, embora se não liguem. Desenho idêntico ao do fragmento anterior, porém com reticulado mais miúdo. Dimensões do fragmento que é triangular: comprimento: 0^m,036; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,011 (Est. II, fig. 9). Dimensões do outro fragmento: comprimento: 0^m,045; largura: 0^m,035; espessura: 0^m,011.

— Quatro fragmentos de um vaso esferoidal, de bordo liso. A uma distância de cerca de 11 milímetros da boca mostra um ornato constituído por três sulcos paralelos entre si e ao bordo, equidistantes cerca de quatro milímetros. Dimensões dos dois

fragmentos que se ajustam — Comp.: 0^m,078; larg.: 0^m,050; espes.: 0^m,009 (Est. II, fig. 3).

Grupo B — Cerâmica lisa

— Fragmentos de um vaso campaniforme, correspondendo a parte do bordo e do flanco, mostrando uma porção da aresta que separa a parte superior da parte semi-esférica da vasilha. Comp.: 0^m,121; larg.: 0^m,080; espessura próximo do bordo: 0^m,007 a 0^m,009 (Est. II, fig. 11).

— Quatro fragmentos de vasilha, todos do mesmo tipo, de barro cinzento-amarelado. Os bordos são ligeiramente encurvados para fora. Dimensões de um deles — Comp.: 0^m,113; larg.: 0^m,090; espessura no bordo: 0^m,012 (Est. IV, figs. 19, 20, 25 e 26).

— Nove fragmentos de bordos do mesmo tipo. Dois deles são ajustáveis. Os restantes devem pertencer a vasilhas diversas. Um deles, de todos o menos espesso, é extremamente negro e brunido. Os restantes são mais ou menos amarelados. Dimensões do menos espesso — Comp.: 0^m,052; larg.: 0^m,042; espessura perto do bordo: 0^m,005 (Est. II, fig. 11; Est. IV, figs. 23 e 24).

— Fragmento de um vaso de tamanho médio e de grande abertura, correspondendo a uma porção do bordo e do flanco. Tem aresta muito boleada e apresenta mesmo sobre o rebordo uma saliência mamilar. Comp.: 0^m,117; larg.: 0^m,096; espessura próximo do bordo: 0^m,012 (Est. II, fig. 14; Est. IV, fig. 27).

— Catorze fragmentos de bordos de vasos esféricos, pertencentes a diversas vasilhas. Todos estes fragmentos apresentam sinais de contacto com o fumo e o fogo. Espessura do mais grosso: 0^m,010; espessura do mais delgado, perto do bordo: 0^m,005 (Est. IV, fig. 18).

— Três fragmentos de bordos de vasilhas, provàvelmente de tamanhos pequeno e médio, porém de paredes muito espessas (Est. IV, figs. 16 e 22).

— Três bordos, dois dos quais ajustáveis, todos pertencentes ao mesmo vaso semi-esférico (Est. II, fig. 10).

— Três fragmentos que pertenceram a vasos em forma de calote esférica, muito baixos e de diâmetro relativamente grande (Est. IV, fig. 17).

— Dois fragmentos de fundos de vasilhas, um deles com brunido negro, caracteristicamente argárico, e o outro, correspondendo bem ao centro do fundo da vasilha, tem no meio uma cavidade, a qual, pela parte interna do vaso, determina uma convexidade com igual desenvolvimento. Na face externa o barro está queimado e enegrecido pela acção do fogo.

Ossos e outros objectos

— *Ossos de animais*: *Bos* (dentes e pequeno osso), *Sus* (falanges e omoplata), *Equus* (três dentes), *Cervus* (astragalo e falange), *Cervus capreolus?* (extremidade de húmero, fragmento de maxilar inferior, etc.), *Canis* (fragmento de mandíbula), *Lepus*, *Chelonia* (fragmentos de carapaça).

— *Conchas*: *Cardium edule*.

— *Ossos humanos*: Fragmentos de crânios, de vértebras, de clavículas, fémures, rádios, cúbitos, falanges, etc., tudo bastante fragmentado.

Conclusões

Os apontamentos de Nery Delgado são perfeitamente claros, quanto à maneira por que estes variados objectos foram vistos

no local e recolhidos, embora as mesmas notas acusem mais a presença do geólogo que a do arqueólogo.

O interior das grutas nada lhe forneceu, mas somente a entrada de uma delas e o terreno fronteiro. A maioria dos testemunhos arqueológicos é formada, como ele o salientou, por fragmentos de cerâmica e, sem dúvida, esta é realmente a parte mais notável do espólio, ainda que não aparecesse qualquer peça inteira ou sequer reconstituível. Apesar disso, revelaram-se ali pelo menos três tipos cerâmicos: o esferoidal liso; o campaniforme, liso, esgrafitado ou com ornatos incisos, dos primórdios, dos metais; o caracteristicamente argárico. Estes são, na realidade, os objectos mais representativos da permanência do homem pré-histórico naquele local.

Segundo a opinião autorizada do Ex.^{mo} Sr. Professor J. Martinez de Santa Olalla o material colhido por J. F. Nery Delgado deve pertencer em maior parte ao Bronze mediterrâneo I.

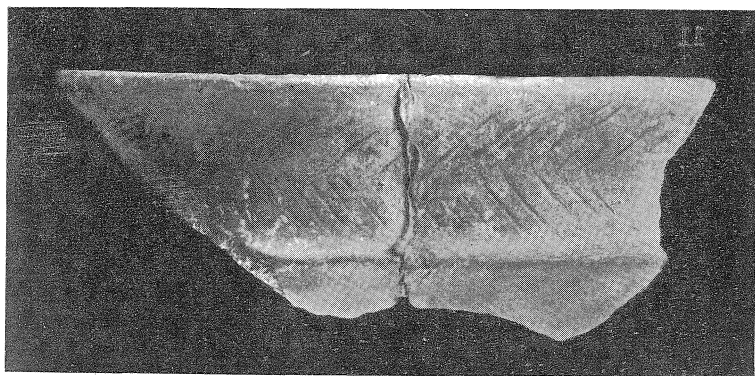
Achamos interessante de transcrever aqui a seguinte passagem da carta que recebemos há tempos do ilustre arqueólogo espanhol:

«Las localidades de Vimeiro y Monge con ceramica esgrafiada o de decoración pulida, de las que V tan amavelmente me facilitó las fotografías pertenecen al bronce mediterráneo I, con los sepulcros de cupula (que no otra cosa son las tumbas rupes-tres), ceramicas lisas de formas iberosaharianas, ceramicas zoomorfias como V mismo tiene en los Serviços, idolos planos y geral quanto caracteriza este ciclo cultural de origen dominantemente mediterraneo oriental, del cual España es centro secundario de irradiación europea occidental, con respecto al foco primario en torno al crecimiento fertil.»

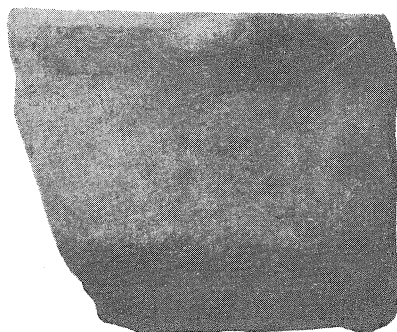
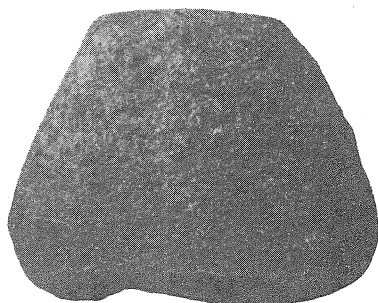
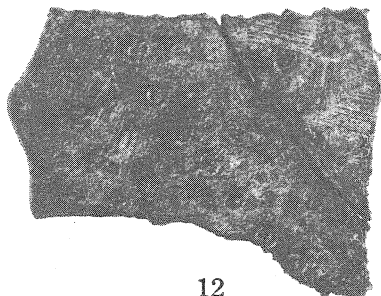
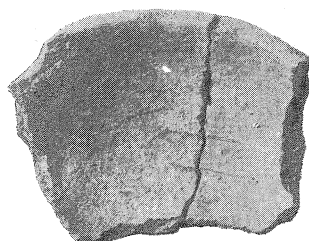
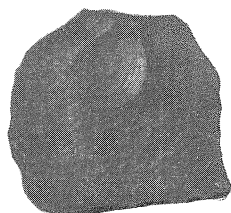
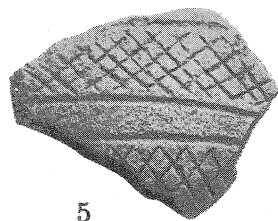
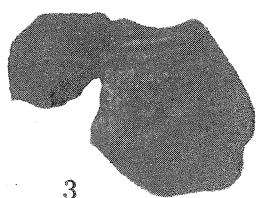
Há, simplesmente, uma lasca atípica, a atestar o Paleolítico —modesto elemento que só por si nada significa, porquanto pode ter ido parar àquele sítio por mero transporte ou por outra causa accidental.



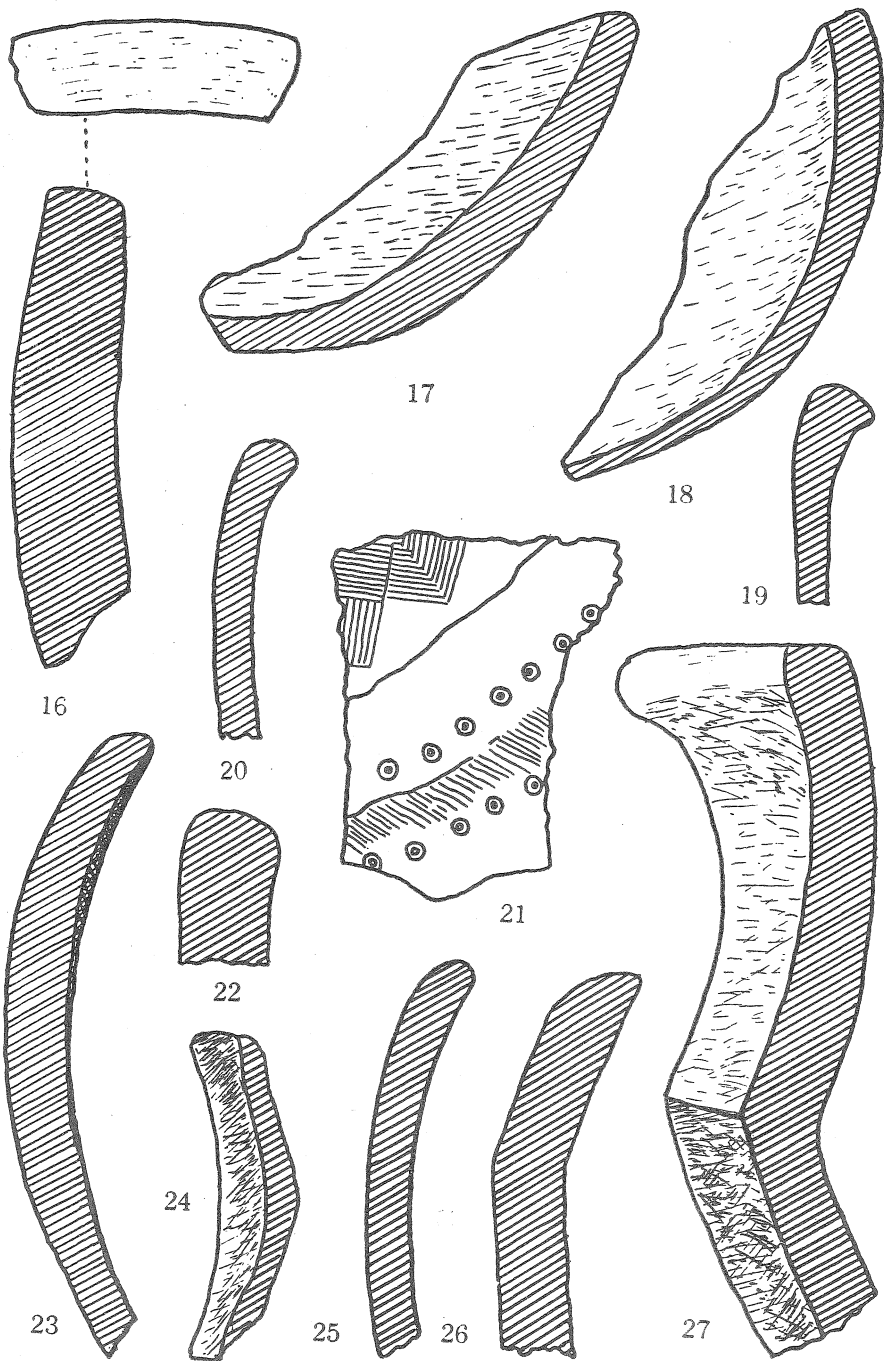
1



2







Os dados faunísticos, pelas razões que Nery Delgado teve o cuidado de salientar, não podem ser atribuídos a época pré histórica, salvo alguns que disse existirem incorporados na formação quaternária, os quais, todavia, não deixou marcados — nem nós achamos, agora, na colecção, qualquer fragmento suficientemente fossilizado ou com as aderências de grés que nos permitam atribuí-los, de certeza, a um estrato quaternário.

O pequeno fragmento metálico, com ornato semelhante ao de algumas cerâmicas e de outros artefactos da idade do Bronze, apresenta-se demasiadamente reduzido para que se possa determinar qual a espécie de objecto a que pertenceu. Admitimos, porém, a atribuição que lhe foi dada por Nery Delgado; pode ser resto de uma pequena placa ornamental de uma arma ou de um cinturão.

É para notar que os referidos apontamentos nenhuma alusão fazem a ossadas humanas, conquanto na colecção as vejamos iniludivelmente representadas. Tais fragmentos foram, com certeza, recolhidos após 6 de Outubro de 1879, ou seja, em data posterior à dos apontamentos por nós transcritos.

Podemos concluir, portanto, que junto das grutas do Vimeiro viveram populações pré-históricas, nomeadamente durante o Neolítico e o Bronze, cujos testemunhos industriais se fragmentaram e baralharam pelos ocupantes das grutas em tempos modernos e actuais, que mais de uma vez as teriam esvaziado, e pelos trabalhos agrícolas exercidos nos terrenos fronteiros para os quais seriam lançados os entulhos das grutas.

O problema da reconstituição das casas redondas castrejas

POR

JORGE DIAS

Contribuição da Etnografia

Já várias vezes abordamos o problema das construções circulares dos nossos dias ⁽¹⁾ relacionando-as com as da antiguidade, pois este é um dos casos em que, como diz Richthofen, se torna indispensável a colaboração estreita entre a investigação pré e proto-histórica e a etnográfica e etnológica ⁽²⁾.

A grande quantidade de novo material que temos acumulado em expedições feitas pelo país, colocou-nos em condições de cumprir a promessa que fizemos há tempos ⁽³⁾, de localizar numa

(1) Jorge Dias — *Las construcciones circulares del Noroeste de la Peninsula Ibérica y las Citanias*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», fasc. II-6, 1946, págs. 173-194.

——— *Construções circulares no litoral português. Contribuição para o estudo das construções circulares do noroeste da Peninsula Ibérica*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XI, fasc. 1-2, 1947, págs. 192-195.

——— *Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias*, in «Archivo Español de Arqueología», Madrid, 1948.

(2) Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*. (Homenagem a Martins Sarmento). Guimarães, 1933, pág. 334.

(3) No primeiro trabalho mencionado na Nota 1 a pág. 194.

carta os diferentes tipos de tais construções que encontramos em Portugal.

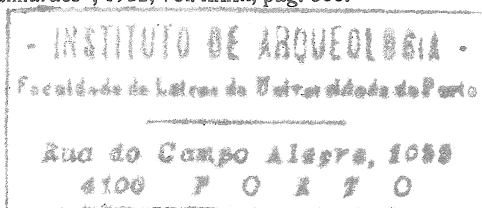
Porém o estudo desse material levou-nos a rever todo o problema e a procurar novas soluções, que por sua vez exigem a consulta de obras estrangeiras que ainda não obtivemos, de forma que não é por enquanto possível pensar na sua publicação (1).

Entretanto, do confronto dos diferentes tipos de construções circulares encontradas por nós, ou por colaboradores do Centro, nos últimos tempos, com outros dados pela bibliografia, surgiram várias considerações relacionadas com o problema da reconstrução das casas circulares castrejas, várias vezes tentada por homens de indiscutível saber. Como a descoberta de novos elementos, ou qualquer sugestão, podem ser de utilidade para a resolução de tão magnos problemas, como os relacionados com os das nossas origens, não queremos deixar de expor aqui os resultados até agora obtidos.

Martins Sarmento, essa grande figura da ciência nacional, disse um dia, referindo-se aos problemas relacionados com os castros: «Parecem-me famosos estes problemas, e (que), se alguém resolvesse metade deles, um canto dos mistérios das nossas origens históricas ficava levantado» (2). Apesar de já se ter trabalhado bastante, e dos resultados obtidos pela ciência nacional e pela estrangeira, sobretudo pela da nação vizinha, que no campo da Arqueologia ocupa hoje um lugar de grande destaque, ainda se não resolveu a tal metade dos problemas a que Martins Sarmento se referia, e bom é que todos nos empenhemos na sua solução.

(1) Parte deste trabalho foi apresentado em comunicação—*Contribution to the study of primitive habitation*—ao Congresso Internacional de Geografia, de Lisboa, 1949.

(2) *Martins Sarmento*, in «Revista de Guimarães», 1922, vol. xxxii, pág. 368.



Vamo-nos ocupar aqui simplesmente dos problemas relativos à reconstrução das casas circulares — materiais de construção, altura das paredes, portas e janelas e formas de cobertura.

A princípio, o conhecimento muito limitado de algumas ruínas castrejas portuguesas, levaram-nos a pensar numa solução comum para todos os casos idênticos deste tipo de cultura do Noroeste peninsular. Porém, estudos ulteriores obrigaram-nos a mudar de opinião, e hoje inclinamo-nos a procurar soluções diferentes, conforme as circunstâncias.

Devemos dizer que a Etnografia nos fornece exemplos curiosos que ajudam a resolver os diferentes casos, assim como confirmam a hipótese da solução múltipla. Se, de facto, encontramos na actualidade tipos de casas circulares espalhadas pelo país, que mais ou menos correspondem às diferentes descrições que os arqueólogos fazem das construções encontradas nas várias estações por eles estudadas, por que não aceitar que na antiguidade já essas diferenças existissem? O próprio material de que dispunham determinava maneiras de construir diferentes, que convém não esquecer.

Vamos começar por dividir as construções conforme o material empregado: *a)* cabanas só construídas com materiais vegetais (troncos e ramos de árvores, giestas calafetadas com barro amassado, ou não, e colmo); *b)* casas de paredes de granito; *c)* casas de paredes de xisto; *d)* casas de adobes; *e)* casas mistas, com parte da parede de pedra e o resto de adobes, ou de madeira, ou ainda de ramos entrançados recobertos de barro amassado. Os outros problemas, como a altura das paredes, portas, janelas e formas de cobertura estão na dependência destes, pois, às vezes podem ter influência neles os materiais empregados.

Construções tipo a) cabanas de materiais vegetais

Começemos pelo tipo a) em que só se empregam materiais de construção vegetais e, portanto, pouco resistentes à acção do tempo. Apareceram vestígios de cabanas deste tipo em várias estações mais antigas que os castros lusitano-romanos (1). Em Sabroso encontraram-se restos destas moradias, a que Alves Pereira chama as primitivas choças de faxina e barro (2). Este investigador teve o cuidado de depositar no Museu Etnológico, fragmentos de barro cozido, com nítidos vestígios das varas finas sobre o qual os antigos moradores o tinham deitado para calafetar (3). Este costume de usar barro sobre o colmo para melhor vedar a entrada da água era muito antigo entre nós, e já Vitruvius o descreve como sendo comum à Galiza, Espanha, Portugal e Aquitânia (4).

Na nação vizinha durante uma expedição científica realizada pelo Seminário de Estudos Galegos (5), no castro de Palmou, na terra de Deza, também apareceram fragmentos de barro com os mesmos vestígios, assim como no castro de Sam Mamede, em Paradela (6). Mas são sobretudo notáveis os abundantes achados deste género, encontrados no Castro de Rio, em Vilamarim, onde

(1) Alves Pereira — *Estudos do Alto-Minho. Habitações castrejas do Norte de Portugal*. Viana do Castelo, 1914, fasc. XIV, pág. 17.

(2) Alves Pereira — *Obra e lugar citados*.

(3) Alves Pereira — *Obra e lugar citados*.

(4) Vitruvius — Livro II, cap. I.

(5) Florentino López Cuevillas y Joaq. Lorenzo Fernandez — *Las Habitaciones de los castros*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», II-5, 1946, pág. 8.

(6) Vázquez Seijas — *Lugo en los tiempos prehistoricos*, pág. 39.

se pode nitidamente observar a técnica usada pelos primitivos habitantes dos castros (1).

Lopez Cuevillas e Joaq. Lorenzo, esses incansáveis arqueólogos a quem tanto devemos pelos estudos valiosíssimos sobre a cultura castreja, descrevem-nos os resultados das escavações levadas a cabo no castro de Cameixa em Boborás, nos anos de 1944 e 1945, que revelam com bastante evidência que as casas circulares de pedra são muito posteriores às choças, que durante longo tempo foram as únicas habitações do recinto estudado (2). Os referidos investigadores deduzem das marcas deixadas no barro que, por vezes, deviam existir autênticas caniças de vime, muito semelhantes às que ainda se usam em alguns canastros (espigueiros) do Noroeste peninsular, concluindo que, pelos materiais empregados, as tais cabanas deviam ser redondas (3).

É certo que se podia pensar, que estes fragmentos de barro fossem das coberturas vegetais, pois, como adiante veremos, era esse com certeza, um dos sistemas usados nas casas de planta circular. No castro de Coaña, por exemplo, apareceram restos de palha carbonizada a atestar tal hipótese (4). Contudo, no caso referido pelos arqueólogos galegos puderam-se determinar vários níveis distintos, nos quais apareciam a lareira de pedra e argila e os tais bocados de barro, mas sem indícios de paredes de pedra, que só no nível superior existiam, como nos demais castros (5). Isto exclui qualquer possibilidade de dúvida, e temos de aceitar que as primeiras habitações deviam ser cabanas de madeira, com

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 9.

(2) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 10 e 11.

(3) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 11.

(4) Antonio García y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, Madrid, 1941, pág. 196.

(5) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 10.

revestimento de plantas maleáveis, como giesta, vimes ou colmo, a que aplicavam, ainda por cima, barro, para as tornar mais eficazes contra as intempéries (1).

Os referidos arqueólogos, em face destes achados, são levados a supor que as primeiras moradias dos habitantes dos castros deviam ser umas cabanas de planta circular construídas com paus, varas e ramagem de diferentes espécies vegetais.

Perante tal reconstituição ideal, pode alguém perguntar se não estaremos em face de fantasias curiosas de homens de ciência, mas sem fundamento indiscutível?

Contudo, se não bastarem os argumentos lógicos deduzidos dos achados dos arqueólogos, a Etnografia vem demonstrar que tais habitações nada têm de fantasioso, visto que as podemos ver ainda em nossos dias. De facto, nós encontramos em Março de 1948, uma série de construções deste tipo, algumas das quais servem de habitação permanente a famílias de agricultores. (Fig. 1).

Perto da estrada de Viseu para Mangualde, no lugar de Prime, freguesia de Fragozela, concelho de Viseu, vêem-se umas curiosas construções cónicas, recobertas de colmo, que uma pessoa pouco observadora facilmente tomará por vulgares medas de palha. Embora sejam aparentemente iguais, há contudo diferenças entre elas que convém estabelecer.

Estas cabanas são armadas com varas de pinheiro assentes no chão, em círculo, e convergindo todas, em cima, para um ponto, de maneira a formar o vértice dum cone. Sobre estes paus colocam rama de carvalho e giestas, que recobrem depois com uma camada de colmo. Em geral estas cabanas servem de palheiros, mas também são utilizadas algumas como casas de habitação. Algumas cabanas são só recobertas de giestas e levam uma

(1) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro — O Crasto (nas vizinhanças da Figueira)*, «Portugália», vol. II, págs. 499-500.

espécie de capucha de colmo em cima, que apertam com um cabo de palha entrançada.

Há, contudo, casos, em que esta armação se não coloca no chão, mas sobre umas paredes circulares de pedra, formando assim uma construção de dois andares, pois sobre a parede assentam uma espécie de sobrado, de maneira a terem os animais por baixo e a poderem guardar a palha milha em cima. (Fig. 4).

Tanto a giesta como o colmo são dispostos às camadas sobrepostas, concêntricas, de baixo para cima, de maneira a não

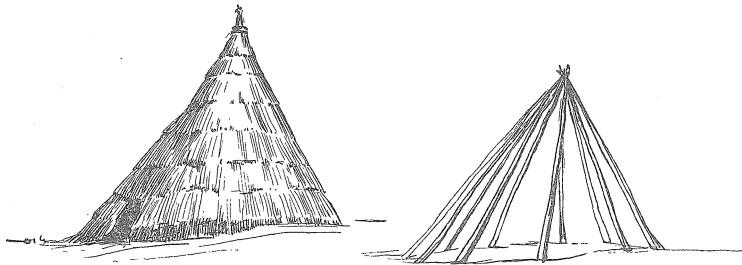


Fig. 1 — Casa e pormenor de construção das cabanas de Prime (Fragozela, Viseu).

(Desenho de Fernando Galhano).

deixar penetrar a água no interior. Às vezes, estas cabanas são encimadas por uma pequena cruz de madeira.

As dimensões são variáveis, havendo-as com um diâmetro da base superior a 5^m e com mais de 4^m de alto.

Os habitantes da região chamam *cabanas* àquelas construções, e *cabanões* a outras rectangulares, de paredes baixas de pedra, feitas com os mesmos materiais, que não costumam servir de habitação ⁽¹⁾.

(1) Nas brañas asturianas existe uma choça grande, entre as outras de dimensões normais, a que chamam «la cabanona» ou «el cabanon» e que não serve de habitação.

Constantino Casal — *Las costumbres asturianas, su significado y sus orígenes*. Madrid, 1931, pág. 105.

Em face disto, quem poderá ter dificuldade em aceitar as reconstruções das cabanas primitivas feitas pelos arqueólogos? Se nos nossos dias há quem viva nessas simples construções de pau e ramagens, ninguém pode duvidar de que os primitivos habitantes dos castros vivessem em cabanas assim, ou em quaisquer outras deste género.

Construções tipo *b*) casas de paredes de granito

A nossa interpretação não pode, infelizmente, abranger todos os casos de construção de casas circulares graníticas, mesmo pela circunstância de nem sempre conhecermos os materiais empregados em alguns castros. Mas não deve ser isso razão para não se procurar estabelecer a distinção entre as construções feitas com granito e com xisto (1).

Basta passar os olhos pela respectiva bibliografia, para ver que na maior parte dos castros portugueses e galegos impera o granito.

Em Sabroso aparecem numerosos fragmentos de placas de xisto juntamente com material granítico muito mais abundante (2).

Uma das características curiosas destas construções circulares de granito é o aparelho. As paredes das casas costumam ser duplas. A parede exterior é formada de blocos maiores e mais regulares e é forrada interiormente por uma parede de pedras mais miúdas e menos trabalhadas. Em geral estas pedras são ligadas por uma espécie de argamassa que lhe aumenta a solidez, mas há casos de construção a seco (San Cibrán de Lás, Troña) (3).

(1) Não falamos de outras rochas porque até hoje só encontramos aquelas duas nos casos que estudámos.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 54.

(3) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 16.

Quanto às formas das pedras da parede exterior e sua disposição, recomendamos o estudo dos arqueólogos galegos, já várias vezes citados, que apresentam um esquema e exemplos dos diferentes tipos até hoje encontrados (1). Para o nosso caso, isso interessa menos, pois nas construções graníticas dos nossos dias, o acabamento das paredes está longe de atingir a perfeição que se verifica em muitas casas castrejas.

O primeiro problema que se nos apresenta, relativo à reconstrução das casas circulares de granito, é o da altura das paredes. As paredes graníticas, encontradas nas diferentes escavações dos castros portugueses e espanhóis, são muito baixas, tão baixas que muitos investigadores nem chegam a mencionar a altura, limitando-se, por vezes, a indicar o diâmetro e a espessura das paredes (2), acrescentando outros a fotografia dessas ruínas tão curiosas e sugestivas (3). Em Briteiros, os restos das paredes raras vezes ultrapassam um metro de altura (4), e pode-se dizer que só por excepção poderão aparecer noutros castros paredes mais altas.

Em face disto, alguns arqueólogos supuseram que só uma parte da parede fosse de pedra, e o resto construído com adobes ou de faxina e barro (5). Martins Sarmiento, que tentou a reconstrução de duas casas de Briteiros, era de opinião que a parede fora toda de pedra, mas deu-lhes uma altura, igual ao diâmetro

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 16-20.

(2) Carlos Teixeira — *Notas arqueológicas sobre o castro de Lanhoso*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», fasc. 1, vol. IX, 1940.

(3) Eugénio Jalhay — *A Citânia de Sanfins*, in «Brotéria», vol. XXXIX, fasc. 5, Nov. 1944.

Ignácio Calvo — *Monte de Santa Tecla, La Guardia (Pontevedra)*, Madrid, 1920.

(4) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 27.

(5) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro (Santa Olaya)*, «Portugália», tomo II, págs. 320-321.

das casas. O próprio investigador reconheceu, mais tarde, que errara, atribuindo tal altura às paredes, que deviam ser mais baixas (1).

Bastante mais tarde, sobretudo depois da descrição que Angel del Castillo nos faz das «pallazas» do Cebrero (2), já se torna mais fácil reconstituir estas construções do passado, e Lopez Garcia chega a aventar a hipótese das padieiras das portas serem formadas pela própria armação da cobertura de colmo (3), não passando daí as paredes.

Pelas construções primitivas deste género, que temos encontrado, e que em tudo se assemelham ao que resta dessas construções do passado, também somos de opinião que muitos restos das paredes das citânias não devem estar longe da sua altura primitiva.

Mas, para não argumentar só com elementos de comparação, gratos à Etnografia, também nos queremos apoiar nos elementos fornecidos pela própria Arqueologia.

Está fora de dúvida que se as paredes fossem muito mais altas, os arqueólogos deviam encontrar no entulho, uma quantidade de pedras talhadas no género das outras, correspondendo ao resto da parede destruída pelo tempo.

Contudo, ainda não vimos referência a tal coisa, a não ser em relação a edificações do castro de Coaña, que é de xisto e que por-

(1) Martins Sarmiento — *Observações à Citânia do Snr. Doutor Emílio Hübner*, Porto, 1879, pág. 14.

(2) Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia — Las casas del Cebrero*, «Boletín de la Real Academia Gallega», año VIII, 1913; Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia, origen y antigüedad de las «Pallazas» del Cebrero*, «Boletín de la Real Academia Gallega», año IX, 1914.

(3) J. Lopez Garcia — *La Citania de Santa Tecla, o una ciudad prehistorica desenterrada. Apuntes arqueológicos*, La Guardia, 1927, págs. 62-64.

tanto será estudado mais tarde (1). Pelo contrário, Santos Rocha faz esta curiosa observação sobre as casas do castro de Santa Olaya: «as paredes de cada uma das casas melhor conservadas eram sensivelmente da mesma altura, e esta chegava a ser quase igual nas três casas» (2). É por esta razão que ele conclui que daí para cima se teria empregado um material diferente, ainda para mais que foi encontrada dentro duma das casas, uma espécie de parede de barro, que um incêndio devia ter cozido. Diz ele que na face inferior era o barro liso em muitos pontos, enquanto que na superior estava corroído e desigual. Outros fragmentos de barro neste género também apareceram em outras casas, mas na primeira mencionada o lanço de barro (suposta parede de adobes) media 2^m,50 de alto.

Podemos daqui concluir que as paredes de pedra não deviam ser de facto, muito mais altas, que as que se encontram nas ruínas. Simplesmente, antes da contribuição de Angel del Castilho de que falamos, não era fácil compreender-se que se pudesse viver dentro duma casa com paredes tão baixas, e daí a necessidade de explicar por qualquer processo, paredes mais altas.

A solução da altura das casas estava afinal na cobertura e não nas paredes. A cobertura cónica, alta permite viver-se dentro dessas cabanas de paredes baixas perfeitamente à vontade.

Isto, pelo menos, para as casas dos castros, cuja cobertura era feita de madeira e giesta ou colmo (clafetada ou não com barro), que, certamente, deviam ser a maioria.

Já vimos, atrás, que vários autores defenderam a cobertura vegetal, e são muitas as razões que levam a aceitar tal hipótese.

(1) Garcia y Bellido — *El Castro de Coaña (Asturias)*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, 1941, págs. 192-196.

(2) Santos Rocha — *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro (Santa Olaya)*, in «*Portugália*», tomo II, pág. 320.

Na coluna de Marco Aurélio estão esculpidas habitações dos germanos que eram deste tipo (1), e Júlio César também no-las descreve como tal ao falar das suas campanhas da Gália (2). Por outro lado, já vimos que Vitruvius se refere à cobertura vegetal das casas de várias regiões, entre as quais inclui aquela de que estamos tratando (3) e não faltam notícias de outras épocas menos remotas, a atestar a continuidade do processo (4), que se manteve vivo até nossos dias (5).

Na Serra de S. Mamede (concelho de Marvão, dist. Portalegre) tanto em Barretos, como na Arranjinha, mas sobretudo nos Cabeçudos, existe grande quantidade de construções de planta circular, com paredes baixas de pedra e cobertura cônica de paus e giesta (6).

Na aldeia dos Cabeçudos é notável a quantidade de tais edificações, pois conta hoje acima de 20, das quais quatro são habitadas por famílias que lá cozinham e vivem, mas não dormem, e duas são vivendas completas, onde decorre toda a vida doméstica de seus donos.

(1) R. Mielke — *Die angeblich germanischen Rundbauten an der Markussäule in Rom*, in «Zeitschrift für Ethnologie», XLVII, 1915, págs. 75-91.

(2) Júlio César — *De Bellum Gallicum*, v, 43, v, 12.

(3) Vitruvius — Livro II, cap. I.

(4) Otero Pedrayo — *Unha impresión de Galicia do sul no derradeiro ano do séc. XVIII*, «Seminário de Estudos Galegos», La Coruña, 1929.

Ver também López Cuevillas e Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, pág. 68.

(5) São ainda frequentes as aldeias portuguesas que usam cobertura de colmo. No Barroso e em Montemuro ainda é esmagadora a maioria das casas assim cobertas.

(6) Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias*, in «Archivo Español de Arqueología», Madrid, 1948.

A aldeia, de uns 76 fogos, fica oculta na encosta dum vale de ligeiro declive, entre os 470 e os 490 metros de altitude (1), numa região pobre, semeada de grandes blocos de granito e sem terrenos de cultivo. As casas encontram-se distribuídas ao acaso, numa ausência completa de alinhamentos, e quase que sem caminhos. Segundo informação, a aldeia há uns 50 anos tinha somente uma ou duas casas rectangulares e toda a gente vivia nas tais choças circulares (2). Hoje, além das casas primitivas que vamos descrever, há vários tipos curiosos de transição, que nos ajudam a compreender os edifícios redondos ou redondeados, e outros primitivos que aparecem com frequência no país.

O tipo mais antigo, pode-se dizer que é inteiramente redondo, se não atendermos às imperfeições duma construção feita um pouco a olho. Aparentemente a casa não tem alicerces e assenta em qualquer superfície plana da rocha granítica, que aflora por toda a parte. Às vezes, apresenta-se tanto ou quanto irregular, sem que isso os incomode demasiado. O maior diâmetro das casas medidas era de 4,90.

As paredes, feitas de blocos de granito, em geral pequenos e toscos, são construídas a seco, sem revestimento interior ou exterior, e têm uns 50^{cm} de espessura. São extraordinariamente baixas, pois oscilam entre 1,30 e 1,50^{cms.}, mas a forma cónica do telhado permite andar à vontade lá dentro. As casas têm uma única abertura, que é a porta, por onde se faz a ventilação e a iluminação. Esta é tão pequena (1,30 × 0,80) que é preciso a gente baixar-se bastante para entrar (Fig. 2).

O telhado cónico é feito de paus de carvalho e sobreiro, assentes sobre a parede, e que vão encaixar uns nos outros na parte superior, pois alguns terminam em forquilha. As constru-

(1) Carta 1 × 25.000.

(2) Informação do negociante do lugar, Sr. Miguel Carrilho.

ções maiores têm um apoio ou coluna de madeira (carvalho) colocada no centro da casa de 3^m,40 e terminando em forquilha. Esta coluna não tem nenhum apoio especial de pedra, e assenta directamente na rocha que forma o chão da choça.

Os paus, que partindo da parede (os tiravões) se vão unir em cima na coluna, formam uma armação cónica, sobre a qual se colocam ramos pequenos de sobreiro, mas bem ramificados, de maneira a servirem de suporte à cobertura vegetal exterior,



Fig. 2 — Casa de habitação dos Cabeçudos (Marvão), com a armação do telhado e a coluna central da mesma casa.

(Desenho de Fernando Galhano).

que aqui é sempre a giesta, visto ser terra pobre de pão e, portanto, sem colmo.

O interior destas casas habitadas é extremamente simples. Ao centro, não longe da coluna central, sob o solo de granito está o fogo, à volta do qual se senta a família em cadeiritas baixas. Ao longo das paredes arrumam-se os poucos móveis de que dispõem.

Como acabamos de ver, a semelhança entre estas choças (1) e as casas redondas das citânias é flagrante, e até hoje não creio

(1) Choças, é o nome que lhe dão os próprios habitantes.

que se tenha encontrado nada que possa ajudar a reconstituir um dos tipos das casas castrejas, tão bem como elas.

Se as pallazas del Cebreiro ⁽¹⁾ e outras semelhantes encontradas e estudadas posteriormente nos Ancares e Astúrias ⁽²⁾, já vieram confirmar a hipótese da cobertura vegetal e do apoio sobre uma coluna central, as choças dos Cabeçudos vêm além disso dar as dimensões exactas dessas construções.

Segundo Crespi, as «pallazas» apresentam uma planta elíptica ou oval, tendo as duas que foram medidas 14^m,50 e 17^m de diâmetro longitudinal interior e 11^m,50 e 13^m de diâmetro transversal respectivamente, enquanto que a altura das paredes oscila entre 1^m,80 a 2^m ⁽³⁾. Em face destes exemplares não era fácil conceber uma parede baixa, e daí a dificuldade de reconstituição exacta que os arqueólogos encontraram. Mas, estas choças com um diâmetro máximo de 4^m,90 e com uma altura de paredes entre um 1^m,30 e 1^m,50 já tornam o problema bastante claro.

De facto, se compararmos estas cabanas, com as ruínas das casas de Briteiros, vemos que a semelhança é enorme. Na Citânia a espessura das paredes oscila entre 40 a 50 centímetros, o diâmetro interior é de cerca de 5 metros, não ultrapassando, em geral, a altura das ruínas um metro ⁽⁴⁾.

(1) Angel del Castillo — *Por las montañas de Galicia, origen y antigüedad de las «Pallazas» del Cebreiro*, «Bol. de la Real Acad. Gallega», año IX, 1914, n.º 82, pág. 245.

(2) L. Crespi — *Contribuciones al Folklore Gallego*, Extracto de las «Conferencias y Reseñas Científicas», de la Real Sociedad Española de Historia Natural, tomo IV, 1929; e Fritz Krüger — *Las Brañas, Ein Beitrag zur Geschichte der Rundbauten im asturisch-galicisch-portugiesischen Raum*, «Congresso Nacional de Ciências da População», Porto, 1940. (Vale a pena ler este trabalho, muito completo e com numerosa bibliografia).

(3) L. Crespi — *Obra cit.*

(4) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, Guimarães, 1948, págs. 26-27.

Comparando a fotografia da reconstrução mandada fazer por Martins Sarmento, com uma das choças dos cabeçudos, vemos que aquele sábio se não enganou quando mais tarde reconheceu que as paredes não deviam ser tão altas (1).

Por sua vez, baixando as paredes e alteando o telhado, a maior inclinação deste dispensa o beiral, que M. Sarmento supôs necessário como remate da pequena chapeleta que apresenta a casa de Briteiros.

De resto, a reconstituição de Sarmento é, para a época, digna de admiração. O grande arqueólogo, partindo do achado duns pilares quadrangulares de pedra, apresentando, às vezes, uma pequena concavidade na parte superior, que se encontram no centro de várias casas, concluiu que estas deviam servir de suporte a umas colunas de madeira usadas para aguentar a armação do telhado cónico. Ora as casas por nós estudadas nos Cabeçudos confirmam a suposição das colunas inteiramente.

Parece fora de dúvida que, pelo menos grande parte das casas redondas castrejas, devia ser como estas que descrevemos.

À observação que fez Santos Rocha, acerca da altura das ruínas mais conservadas do Castro de Santa Olaya ser sensivelmente a mesma (2), acrescentamos nós que isso se repete nas ruínas de muitos outros castros bem conservados.

Qualquer bom observador que tenha visitado Briteiros, Santa Luzia, Santa Tecla, Lanhoso, etc., fica impressionado com a uniformidade da altura das ruínas.

Quanto à suposta parede de barro de que nos fala o mesmo Santos Rocha (3), pode ser que se trate do revestimento de barro da cobertura vegetal que, como já atrás vimos, era frequente

(1) Ver *obra cit.*, nota 1 da pág. 135.

(2) Ver nota 2 da pág. 136.

(3) Ver nota 2 da pág. 136.

naquele tempo e em épocas posteriores (1). É certo que o mesmo investigador, procura estabelecer diferença entre esses achados de barro liso, e outros com impressões de ramos de árvore e outras plantas (2). Mas, é possível que nuns casos se fizesse um revestimento exterior e noutros também um revestimento interior, ficando a face interna desse barro com a superfície lisa. Ou então, podemos admitir que Santos Rocha tem razão, e que no castro de Santa Olaya se alteariam as paredes de pedra com adobes. Isto é neste caso aceitável, visto que aqui as casas não são de planta circular, como as dos castros do Norte.

Contudo, a solução do telhado cónico-piramidal em construções deste tipo, quadradas, encontra-se com frequência no nosso país, e nesse caso não havia necessidade de elevar a parede. Mas, inclinamo-nos a pensar que estas casas quadradas, que hoje se vêem, são derivadas das redondas, pois nos Cabeçudos existe uma destas, entre outras formas de evolução a partir das choças redondas primitivas (3).

Porém, se a cobertura cónica vegetal nos parece indiscutível como solução para um grande número de casas castrejas redondas, não a podemos generalizar a todas as construções, ainda para mais que as citânicas atravessaram muitas gerações, e não só foram sofrendo influência de outras culturas, como também evoluíram pela própria força de progresso de que estavam animadas.

Os inúmeros fragmentos de telha (tegula e imbrex) que aparecem em Briteiros, mas são raros ou faltam inteiramente noutros castros, devem corresponder a uma aquisição cultural posterior e

(1) Ver pág. 137; ver mais Siret — *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, extrait de la «Revue des questions scientifiques, 1888, pág. 11; Cartailhac — *La France Préhistorique*, pág. 133.

(2) Santos Rocha — *Obra cit.*, pág. 322.

(3) Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos*, ver nota 1 da 1.^a página.

talvez só aplicada nos edifícios rectangulares, como muito bem aventa Mário Cardozo (1). É certo que temos encontrado casas circulares, primitivamente baixas e de cobertura cónica vegetal, que mais tarde foram reformadas, apresentando hoje paredes altas e telhado de duas águas, ou duma só água, conforme a inclinação que deram à parede (2).

Excluída a hipótese da telha, como cobertura primitiva e generalizada das casas circulares, que outra cobertura podemos admitir? A Etnografia, que até agora nos auxiliou, fornecendo-nos exemplos de cabanas todas de materiais vegetais e choças redondas de pedra e cobertura cónica vegetal, também nos obriga a pensar nos «fornos cabanas» de pastores e abrigos de pouca permanência, de falsa cúpula e cobertos de torrões, que encontramos na Serra Amarela (3), no Gerês (4), no Soajo e em vários outros lugares. A solução da abóbada de pedra surge sobretudo quando se pensa nas malhadas de porcos do Alto Alentejo ou em construções nesse género frequentes na faixa oriental alentejana. Georg Leisner, fez um estudo pormenorizado de algumas destas construções, que ilustrou com desenhos próprios, de maneira a tornar verdadeiramente fácil o estudo comparativo destas construções, com quaisquer outras do presente ou do passado (5).

A hipótese da abóbada de pedra não é de agora. Quando Martins Sarmiento reuniu em 1877 alguns estudiosos em Britei-

(1) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 29.

(2) Ver Jorge Dias — *Las chozas de los Cabeçudos*, nota 1 da 1.^a página.

(3) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*, nota 1, figs. 1 e 2.

(4) Tude de Sousa — *O abrigo pastoril na serra (Notas do Gerez)*, in «Portugália», n.º 40, Maio de 1925, pág. 74.

(5) Georg Leisner — *Ueberleben megalitischer Elemente in ländlichen Bauten von Alentejo*, in «Congresso Nacional de Ciências da População», Porto, 1940, tomo II, vol. XVIII, págs. 352-367.

ros, já houve quem a aventasse (1). A ideia de que as casas da citânia podiam terminar em abóbada nasceu da observação que alguns fizeram, da curvatura ou inclinação das paredes para o interior da casa.

Mário Cardozo explica esse fenómeno nas casas da encosta, pela pressão exercida numa das paredes pelos detritos arrastados pelas chuvas (2).

Contudo, nas escavações realizadas em 1937, apareceu uma parede nitidamente encurvada para o interior, sem que essa curvatura pudesse ser explicada pelas razões apontadas atrás, o que veio dar força à opinião de um remate em abóbada (3). Outro caso idêntico e ainda mais claro surgiu nas escavações de 1945, porque a casa então desenterrada, além de apresentar a mesma curvatura, conservava as paredes muito mais altas (4).

A curvatura das paredes de certas casas circulares não é privativa da Citânia, e repete-se noutros castros. Em Santa Tecla observou-se o mesmo fenómeno, que foi cuidadosamente estudado por arqueólogos da nação vizinha.

Apesar da evidência da curvatura das paredes de algumas casas, nem todos se inclinam para a solução da abóbada de pedra.

Emílio Hübner, ao reparar que algumas casas se iam estreitando para cima, disse que lhe parecia que elas tendiam para uma solução cónica (5). A esta opinião opôs-se Martins Sar-

(1) Mário Cardozo — *Arquitectura citaniense. O problema das casas com tecto de abóbada*, in «Minia», 1946, fasc. III e IV, n.º 3, pág. 247.

(2) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 245, fig. 2.

(3) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 246.

(4) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 247.

(5) Emílio Hübner — *Citânia*, in «Arqueologia Artística», Porto, 1879, pág. 118.

mento (1), que, como já vimos atrás, foi defensor da cobertura vegetal cónica, com beiral.

Há uns três anos, António de Azevedo, em face das últimas escavações a que atrás nos referimos, defendeu com um ardor, talvez imoderado, a hipótese da abóbada de pedra, que ele pretende ser de cúpula e que generaliza a todas as construções circulares (2).

Como já atrás dissemos, não concordamos com uma solução única para todas as casas castrejas, visto que sobre elas decorreram muitos séculos, em que fatalmente houve evolução arquitectónica própria, assim como influência de outras culturas com que os seus povoadores entraram em contacto. Além disso, temos de considerar que para as mesmas épocas existiam possivelmente grandes diferenças duns povoados para outros.

Mário Cardozo, defendendo a contemporaneidade de Sabroso e da Citânia, observa muito bem que: «é de todos os tempos florescerem sincronicamente, a par de centros de maior progresso, povoados da mais rudimentar cultura».

Partindo deste princípio, que nos parece o mais acertado, vamos analisar a hipótese da abóbada de pedra, que em certos casos podia ter existido sem ser geral, e sem excluir as coberturas atrás estudadas.

Começemos pela hipótese da cúpula que propõe António de Azevedo, baseando-se no facto de se ter encontrado uma parede de 2^m de altura: «em que se acentua a curva dum arco cujo raio é o diâmetro interior da casa, tendo o seu ponto de nascença a 50 ou 60 centímetros acima do nível do chão» (3).

(1) Martins Sarmiento — *Obs. à Citânia do Snr. Doutor Emilio Hübner*, Porto, 1879, págs. 13-14.

(2) António de Azevedo — *Como eram cobertas as casas da Citânia?* in «Revista de Guimarães», vol. LV, n.ºs 3-4, 1945, págs. 172-182.

(3) António de Azevedo — *Obra cit.*, pág. 177.

Ninguém mais abalisado do que Mário Cardozo para refutar tal opinião, não só com argumentos gerais, como o facto da abóbada de cúpula representar uma forma arquitectónica evoluída, que se desenvolveu e expandiu sob o Império Romano (1), mas sobretudo com argumentos locais tirados do estudo das casas em questão. É certo que a abóbada de cunha, muito tosca, já foi empregada nas galerias de Los Millares (Almeria) no Eneolítico, muitos séculos, portanto, antes da expansão romana (2). Mas há um abismo entre as culturas peninsulares do levante, em contacto com velhas culturas mediterrâneas, e a cultura castreja muito mais primitiva e de diferente raiz.

Analisando as ruínas das tais paredes curvas, Mário Cardozo conclui que o sistema dos dois aparelhos (interior e exterior) sem pedras de travamento (juntouras) e a falta duma argamassa forte capaz de dar solidez ao conjunto torna impossível a hipótese da cúpula, pois o arco de aduelas ou cunhas exerceria uma impulsão lateral superior à resistência das paredes. Além disso, tal abóbada exige pedras talhadas em cunha, que deviam aparecer entre as pedras encontradas, mas que ele nunca as achou nas escavações, nem nunca descobriu notícia de tal achado nos papéis de Martins Sarmiento (3).

Os argumentos de Mário Cardozo atiram por terra a hipótese da cúpula, mas não excluem a da *falsa cúpula*, em que sucessivas fiadas de pedras horizontais se vão aproximando até formar a abóbada e que, como já atrás dissemos, são frequentes em construções rústicas actuais.

Uma tal abóbada era admissível mesmo apesar dos aparelhos das paredes não oferecerem muita solidez, pois, como observa

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

(2) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 252.

(3) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

Mário Cardozo, tal abóbada exerce a força principal no sentido da vertical e pouca pressão lateral (1).

Seriam então todas estas casas que apresentam paredes curvas fechadas por abóbada de *falsa cúpula*? Certamente que não! Mesmo Mário Cardozo, que aceita este tipo de cobertura para algumas casas, não a generaliza a todas, e há, de facto, razões importantes para não admitir tal generalização.

Cayetano de Mergelina, ao estudar a curvatura das paredes do castro de Santa Tecla, que parece indicar a existência de abóbada, diz que esta se não pode admitir, porque, de contrário, tinha de aparecer no interior das casas a pedra empregada na sua construção (2). O argumento é de peso e já nos havia ocorrido quando começamos a pensar neste problema. Mas, há mais, na actualidade existem inúmeras construções de pedra terminando em falsa cúpula, sem que as paredes apresentem curvatura alguma. Rohlfis (3), que nos fornece vários exemplares de tais construções em Itália, algumas das quais magnificamente construídas (Alberobello e Locorotondo da Prov. de Bari [figs. 1 e 14]) não apresenta nenhum exemplo de curvatura da parede, sendo todas verticais. Só numas construções do Kurdistão (4) se pode verificar na parede a curvatura da cúpula. A mesma verticalidade se nota em alguns dos exemplos que Richthofen dá de tais cons-

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 251.

(2) Cayetano de Mergelina — *La Citania de Santa Tecla, La Guardia (Pon-tevedra)*, in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», Valladolid, 1943-44, tomo IX, págs. 22-25.

(3) G. Rohlfis — *Problemi Etnografici-Linguistici dell'Italia Meridionale*, separata da «Revue de Linguistique Romane», tomo IX, Halle, 1934, figs. 1, 2, 3, 12, 14.

(4) G. Rohlfis — *Obra cit.*, fig. 15.

truções na Península e em outras regiões (1). Da mesma maneira, as construções terminando em falsa cúpula, que se encontram na faixa oriental alentejana, do tipo das que Leisner descreveu, apresentam quase sempre paredes cilíndricas, e raros vestígios de curvatura (2). O mesmo se dá com o único caso que conhecemos em Portugal de cobertura cônica de pedra (3).

A que se pode então atribuir a curvatura das paredes das citânias, se há elementos para rejeitar a hipótese da abóbada? Lopez García diz que a curvatura era destinada a facilitar o escoamento das águas que escorriam do telhado (4), e também houve quem visse nessa configuração um processo de aumentar a resistência da parede (5).

Mas, seja qual for a razão que levou a construir desta maneira, o certo é que a curvatura não implica abóbada de pedra.

Mário Cardozo apresenta, como novo argumento, o facto de no castro da Póvoa de Lanhoso ter aparecido uma casa de 5^m de diâmetro, de paredes encurvadas que, pela fraca espessura que apresentavam, tornavam impossível a existência duma abó-

(1) Bolko Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neueren kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, págs. 332-341.

(2) Georg Leisner — *Obra e lug. cit.*

(3) Arlindo de Sousa — *O concelho da Feira*, estampa XXXII, representando a Capela de Santo Estêvão do Monte da Mámoa da Arrifana.

(4) Julián López García — *La citania de Santa Tecla, o una ciudad prehistórica desenterrada*, La Guardia, 1927, pág. 54.

(5) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 253, diz que nas construções irlandesas de pedra seca, se dava uma curva à parede por uma questão de segurança, sem que rematassem por cúpula. Referido por A. G. Leask — *The characteristic feature of irish architecture from early times to the twelfth century*, in «North Munster Antiquarian Journal», 1936, págs. 11-13.

bada. Além disso tinha a pedra que devia servir de base à coluna da cobertura vegetal cónica (1).

Mário Cardozo refere-se à abundância de fragmentos de placas de xisto boleadas numa das extremidades, encontradas em Sabroso, que o levam a admitir a hipótese destas casas terminarem em falsa cúpula, sustentada por um esteio, ficando a parte boleada das lajes para o exterior (2).

Acrescenta que ainda hoje existem tais sistemas de cobertura de casas, em algumas das nossas aldeias montesinhas (3).

É pois provável que este tipo de cobertura tivesse existido outrora em casos esporádicos, ou em lugares como Sabroso, mais pobres e arcaicos, juntamente com o telhado cónico de ramagens e giesta ou colmo. Ainda hoje, dentro dos conhecimentos que temos do país, a construção em abóbada parece ocupar um lugar inferior à da choça circular coberta de colmo. De facto, não temos conhecimento de tais construções servirem de habitação permanente ao homem, por muito ínfima que seja a sua situação; ou são abrigos temporários de pastores, ou malhadas de porcos. Ao passo que as cabanas cobertas de palha, como as que atrás descrevemos (Cabeçudos) servem de habitação permanente a famílias.

Como muito bem diz Bellido, referindo-se à construção em abóbada duma suposta câmara funerária: «una solución abovedada en piedra exigió muros más gruesos, alturas más prudentes y ámbitos más reducidos» (4). De facto, nos nossos «fornos-caba-

(1) Mário Cardozo — *Obra cit.*, pág. 253.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 54.

(3) Mário Cardozo — Nota anterior.

(4) Antonio Garcia y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 42, 1941, pág. 196.

nas» das serras Amarela, do Gerês e do Soajo, que servem de abrigo temporário aos pastores das *vezeiras*, bem reduzido é o interior, em que por vezes se tem de rastejar, e quase nunca se pode estar de pé.

Há, é certo, as construções circulares de falsa cúpula, que descreve Leisner, e que são um curioso caso, com problemas ainda por resolver. Nestas casas há altura suficiente e o diâmetro interior da base pode ir além dos 5^m. Mas são construções vigorosas, com paredes que chegam a atingir os 2^m de espessura, 2^m acima do chão (1).

Aceitando como possível tal tipo de construção dentro da cultura castreja, julgamo-la arcaica e de origem diferente da das outras construções descritas (2).

c) Casas de paredes de xisto

Conhecemos poucos castros cujo material empregado nas construções das paredes fosse o xisto. Além de Coaña, Pendía e Borneiro não conhecemos mais, mas com certeza que deve haver outros. Não pretendemos que a diferença entre os castros de xisto e de granito seja fundamental. Com certeza, dentro da unidade cultural que havia, as diferenças que apresentam são mera consequência das propriedades do material que a região lhes fornecia. Isto, que não deve ter interesse arqueológico, é para o etnógrafo um elemento digno de ponderação.

A primeira diferença que se nota entre as construções de xisto e as de granito reside na uniformidade da alvenaria das

(1) Georg Leisner — *Obra cit.*, táboa III.

(2) Perto da Portela do Mesio, no Soajo (Arcos de Valdevez) existe uma *branda* abandonada, com construções todas em pedra semelhantes a estas habitações primitivas e que facilmente se tomarão por monumentos pré-históricos.

primeiras, que não têm outro recurso senão a sobreposição de *lajes tabulares*, e a variedade da alvenaria das segundas, que apresentam três tipos diferentes, entre os quais se destacam o *poligonal* e o *helicoidal* tão característicos destas construções (1).

Não é isto, porém, que nos interessa estudar, mas sim as possíveis diferenças das principais características arquitectónicas, que de certo modo estejam associadas a um material de construção, ou a outro. A primeira que se nos apresenta, é a da altura das paredes.

Enquanto que os castros com habitações graníticas raras vezes apresentam ruínas de paredes superiores a um metro, havendo um único caso em Briteiros numa parede de 2 metros, o castro de Coaña apresenta paredes rectas apuradas com uma altura média de 1^m,50, por vezes mais, e em casos excepcionais as paredes atingem 3^m,50 e 4^m. As próprias paredes dos vestibulos parece atingirem as mesmas alturas, pois uma parede de vestibulo tombada, que Garcia y Bellido pôde medir, tinha também 3^m,50, conservando-se ainda de pé o resto da parede de cerca de um metro (2).

Necessariamente, umas ruínas desta natureza excluem a hipótese de reconstituição que as choças dos Cabeçudos podem oferecer, para as construções dos castros graníticos, de paredes mais baixas.

Não sabemos se tal diferença se pode explicar só por uma questão de material, o que parece improvável. Mas o certo é que na actualidade se notam também diferenças idênticas em construções circulares de granito e de xisto.

O palheiro de Barranco Velho no Algarve, que aqui reproduzimos (fig. 3), sendo tão semelhante às construções de granito dos

(1) López Cuevillas y Joaq. Lorenzo — *Obra cit.*, págs. 16-20.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 194.

Cabeçudos, apresenta as paredes bastante mais altas que as dos primeiros. Esta construção, que hoje é palheiro, não tem coluna central, segundo nos informaram, pois estava tão cheio de palha que não pudemos examiná-lo (1).

Da mesma maneira, uma casa arredondada, de xisto, que fotografamos em Rio de Onor, chega a atingir os 4^m,50 (2). Uma

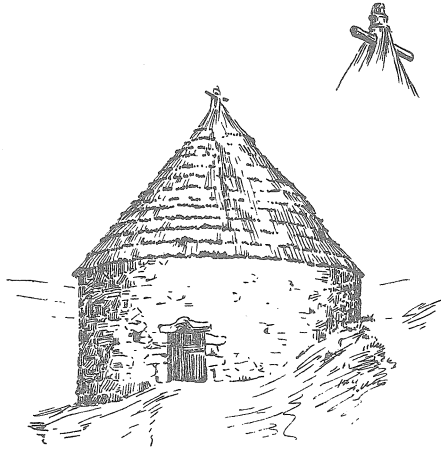


Fig. 3 — Palheiro de Barranco Velho (Loulé). Em cima vê-se um pormenor da construção da cobertura.

(Desenho de Fernando Galhano).

outra do Barroso, também arredondada, mas de granito, já apresenta metade da altura da primeira.

Não queremos com isto concluir nada, porque não temos elementos para tanto, mas há aqui uma sugestão que pode ser

(1) Há muitos destes palheiros por toda a Serra do Caldeirão, e nem todos são assim altos como este. Em muitos lugares, os velhos confessaram que os seus avós viveram em tais barracos. Esta confissão não se obtém à primeira, e é preciso perguntar com habilidade, porque, no fundo, sentem-se diminuídos e envergonham-se disso. (Fig. 7).

(2) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*, nota 1, pág. 186.

aproveitada. Quando se fizer o estudo sistemático da habitação rural em Portugal, é natural que se encontrem elementos valiosos para ajudarem a resolver estes enigmas.

Quanto aos problemas da cobertura, Garcia y Bellido defende a vegetal, cónica. A verticalidade das paredes do castro de Coaña não se presta tanto a pôr a hipótese da abóbada de pedra, que aliás era inadmissível, como diz Bellido, devido à pouca espessura das paredes (1). A opinião deste ilustre Arqueólogo parece confirmada pelos restos de palha carbonizada que foram encontrados nas ruínas das casas por ele estudadas (2).

Contudo, não podemos conceber uma cobertura no género da Casa dos Cabeçudos, pois seria absurda sendo as paredes tão elevadas. Mesmo as paredes das pallazas del Cebrero são bastante mais baixas que as do castro Coaña, o que nos leva a duvidar que estas tivessem coberturas tão elevadas. Mas deviam ser do mesmo género, e é natural que a anaparástasis duma parte do castro Coaña feito por Garcia y Bellido (3) corresponda, mais ou menos, à realidade. Porém, a certeza talvez nos fique sempre vedada.

d) Casas de adobes e e) casas mistas, com parte da parede de pedra e o resto de materiais menos resistentes

Não nos vamos deter a estudar as construções feitas destes materiais, pela simples razão de as não termos encontrado na actualidade. Tudo que até hoje temos visto, construído com tais materiais, apresenta formas rectangulares. Não devemos contudo

(1) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 195.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 196.

(3) Antonio Garcia y Bellido — *El castro de Coaña (Asturias). Nuevas aportaciones*, in «Archivo Español de Arqueologia», n.º 48, 1942, pág. 216, fig. 2.

deixar de as incluir neste ensaio, visto que ainda podem vir a aparecer, pois sabemos que se encontraram restos de tais habitações do passado (1). Garcia y Bellido, é de opinião que a habitação circular devia ter ocupado regiões mais amplas, que a área que lhe é habitualmente atribuída, visto que vários aspectos materiais desta cultura, ultrapassavam tais limites. Pensa este ilustre Arqueólogo que, nas regiões pobres em pedra, as cabanas foram construídas com materiais menos resistentes, que não deixaram vestígios capazes de chamar a atenção do leigo, e que só os olhos do especialista os poderão encontrar (2).

Ficarão, portanto, as construções destes materiais para estudar mais tarde, se se vierem a encontrar casos que tornem tal estudo possível.

Portas e janelas

Falta-nos agora analisar o problema das portas e das janelas, que tem preocupado bastante os investigadores, pelo facto de muitas paredes baixas de vários castros não mostrarem vestígios de tal coisa.

Nos casos actuais, por nós estudados, não existem janelas. Só em alguns palheiros da Serra do Caldeirão se vê uma espécie de fresta, como um postiguito que, de certo modo, desempenha funções de janela rudimentar. Nas choças dos Cabeçudos, que

(1) C. Serrano y J. Barrientos — *La estación arqueológica del Soto de Medinilla*, «Boletín del Seminario de Arte y Arqueología de la Univ. de Valladolid», fasc. v, pág. 222, 1934. Citado por Garcia y Bellido, pág. 243. Bellido diz que apareceu uma construção circular de adobes neste castro.

A. Schulten — *Castros Prerromanos de la Region Cantabrica*, in («Archivo Esp. de Arq.», n.º 46, 1942, pág. 12). Diz-nos que o castro do Monte Bernorio, ao N. da província de Burgos, devia ter tido «cabañas de planta circulares hechas con lajas y pedazos de caliza sin labrar».

(2) Antonio Garcia y Bellido — *Obra cit.*, nota 84, págs. 243-244.

servem de habitação permanente, e em outras (Pedralva-Aljezur), que também serviram de habitação, não há vestígios de janela. Isto confirma a opinião de que as casas castrejas também as não possuíam.

A descoberta do castro de Coaña, em que há paredes quase inteiras, sem vestígio de janela, não deixa dúvidas, apesar do achado duma pequena soleira em Briteiros (1), que não podia ser de porta, e duma abertura numa casa do castro de Santa Tecla (2), a que chamaram janela, embora seja tão baixa que mais pareça uma entrada para animais que para utilização humana.

Pode-se dizer que, independentemente de qualquer caso esporádico, não deviam existir janelas nas casas circulares castrejas.

O problema das portas é mais complicado, visto que muitas ruínas não apresentam abertura nenhuma na parede cilíndrica, enquanto outras (Coaña por exemplo), chegam a apresentar não só a abertura da porta, mas até sinais de duas portas.

Como seria a entrada destas cabanas, onde se não vê sinal de porta em ruínas de parede, que vão até aos 0^m,70? Martins Sarmiento diz que essas portas ficariam «de quatro a cinco palmos acima do chão» (3), o que é muito aceitável. Porém, a ideia duma porta aberta numa parede quatro ou cinco palmos acima do solo, briga um pouco com a nossa ideia de porta. Parece-nos que está mais perto da verdade o Padre Jalhay, quando explica a ausência de portas nas casas por ele escava-

(1) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, pág. 28.

(2) Ignacio Calvo — *Monte de Santa Tecla, La Guardia (Pontevedra)*, 1920, lámina II.

(3) Citado por Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, pág. 27.

das e estudadas na Citânia de Sanfins, porque: «a entrada seria aberta no colmo ou na abóbada que as cobria» (1).

De facto, nós cremos que deve estar aí a solução, e quase que se sente o processo da evolução da porta nestas construções.

Nas cabanas todas construídas com materiais vegetais, por nós encontradas em Prime, Fragozela, a porta estava aberta na

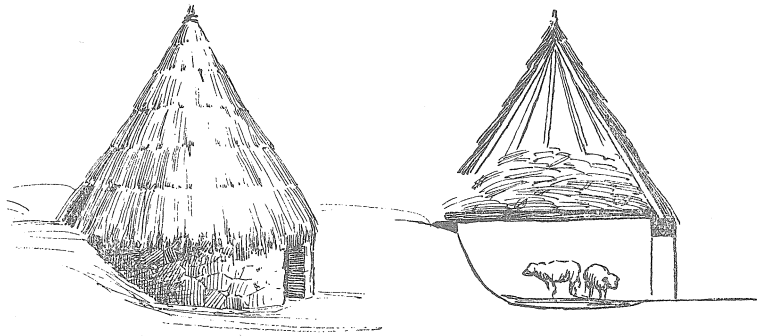


Fig. 4 — Construção cilíndrico-cónica de Prime (Fragozela, Viseu), e o perfil da mesma construção, onde se vê a porta do curral em baixo, e a entrada do palheiro aberta no próprio telhado.

(Desenho de Fernando Galhano).

giesta junto ao solo. Noutras cabanas idênticas, do mesmo lugar, mas assentes numa parede circular de pedra, a construção aproveitava a irregularidade do terreno, de maneira a que a entrada da parte superior se mantivesse também ao nível do solo (fig. 4). É pois possível que outrora, quando alguns homens passaram da construção vegetal a outra mista, com parede baixa de pedra, mantivessem a porta na parte vegetal e se limitassem a construir um pequeno tronco de cilindro de pedra, contínuo.

(1) Padre Eugénio Jalhay — *A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*, separata da revista «Brotéria», vol. XXXIX, fasc. 5, Novembro, 1944, pág. 18.

Como a parede era baixa, a entrada não oferecia grande dificuldade e a parede de pedra devia preservar melhor da humidade. Mais tarde, de invenção em invenção, chegaram à ideia da porta aberta na pedra, mais cómoda.

As choças dos Cabeçudos devem, pois, representar esta terceira fase da evolução, a que se seguiria uma quarta, que também está representada nos Cabeçudos e em Pedralva (Aljezur), (ver figs. 5 e 6).

É de presumir que depois das cabanas terem chegado à 3.^a fase, que é a mais típica e difundida dentro da Cultura Castreja, se fossem dando casos de variação individual, por influência de outras culturas, ou por inventiva própria. Devem estar neste caso, não só as construções de planta quadrangular, como mesmo as construções circulares ou arredondadas de paredes mais altas e de portas de umbrais altos e ornamentados, como é o caso da porta achada na Cidade de Âncora (1). A riqueza da ornamentação é mesmo indício de opulência a contrastar com a modéstia da maioria das casas, que se encontram pelos numerosos castros. Os achados de padieiras e umbrais destas portas apresentam uma altura entre 1^m,80 a 1^m,60 e uma largura que anda à volta de 1 metro (2).

As portas das choças dos Cabeçudos são bastante mais pequenas; 1^m,30 de altura por 0^m,80 de largura, e é natural que não fossem muito maiores as portas das cabanas castrejas mais humildes. Porém, outrora como hoje, vai-se dando uma diferenciação entre os indivíduos, e ao lado dos que não são capazes nem desejam ir além do tradicional, outros há mais inquietos e ambiciosos de novas formas, ou de opulência.

(1) Esta porta da Cidade de Âncora tem 1^m,75 × 0^m,97. Encontra-se no Museu Martins Sarmento, de Guimarães.

(2) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, 1948, pág. 28.

Desta diferenciação individual devia ter nascido também uma diferenciação social que transparece porventura nesses edifícios mais belos e de proporções maiores.

Joaquim de Carvalho, que faz uma curiosa interpretação sociológica desta cultura, reconhece que ela já tinha características duma civilização muito rudimentar, que a colocava acima duma sociedade primitiva (1).

Estes núcleos castrejos, que ainda deviam conservar traços de nomadismo pastoril, representavam pequenas autarquias inde-

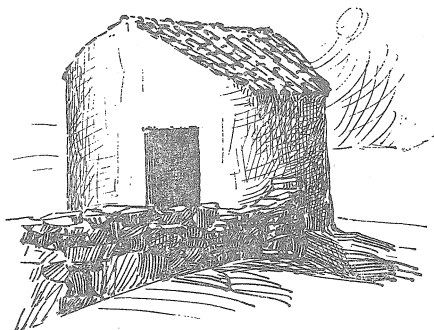


Fig. 5 — Casa recente da aldeia dos Cabeçudos. A tradição circular mantém-se, mas o telhado é de duas águas e as paredes são mais altas do que nas casas primitivas.

(Desenho de Fernando Galhano).

pendentes, onde os indivíduos eram iguais e a propriedade do solo colectiva (2).

Contudo, não se pode dizer que houvesse uma uniformidade absoluta entre eles, e alguns haveria entre os maiores, como a Citânia de Briteiros, em que a diferenciação social já existiria (3).

(1) Joaquim de Carvalho — *A Cultura Castreja*, separata do n.º 99 da revista «Ocidente», de Julho de 1946, pág. 7.

(2) Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 15.

(3) Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 18.

Martins Sarmiento, chega a admitir interdependência defensiva entre alguns castros (1).

Sendo assim, explica-se facilmente que nos grandes castros, ao lado das cabanas mais humildes, se erguessem outras duma classe aristocrática, que por sua vez obedecia a um chefe (2). É possível que em certos castros pequenos existisse maior uniformidade, própria dum clã em que não havia diferenças sociais,

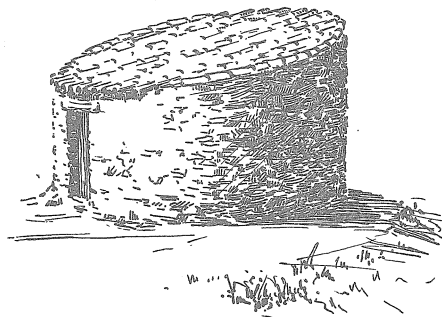


Fig. 6 — Desenho duma casa antigamente habitada em Pedralva, Aljezur.
O telhado duma só água já não existe.

(Desenho de Fernando Galhano).

como é frequente nas sociedades comunitárias resultantes da fixação de pastores nómadas patriarcais.

CONCLUSÃO

Considerações acerca das origens

Tem sido muito debatido o problema das origens destas construções circulares, defendendo uns a tese céltica, outros a

(1) Citado por Joaquim de Carvalho — *Obra cit.*, pág. 18.

(2) Alberto Sampaio — Ver Alberto Sampaio, relativo a nota 3 da página anterior.

pré-céltica, baseando-se cada um em argumentos de certo modo importantes.

Contam-se entre os defensores da primeira, homens de grande prestígio, como Bosch Gimpera (1), Schulten (2), Serpa Pinto (3), e outros que se baseiam em argumentos arqueológicos ou na interpretação de textos de escritores antigos. São talvez menos numerosos os que se opõem à tese céltica, mas não são de menos valor os seus argumentos, nem é menor a sua projecção científica internacional. Mendes Corrêa (4) e Mário Cardozo (5), põem objecções à teoria céltica, servindo-se, como os anteriores, de argumentos arqueológicos ou tirados da interpretação dos textos. O primeiro, porém, reconhece a complexidade do problema, e não toma atitude intransigente.

Richthofen (6), baseado no estudo das construções circulares espalhadas pela bacia do Mediterrâneo e em vários outros casos

(1) Bosch Gimpera — *Los Celtas en Portugal y sus caminos*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933, pág. 54.

——— *Etnologia de la peninsula ibérica*, Barcelona, 1932.

——— *La Formacion de los Pueblos de España*, México, 1945.

(2) Adolf Schulten — *Germanen und Gallier*, in «Forschung und Fortschritte», VIII, 1932, n.º 10.

(3) Rui de Serpa Pinto — *A cidade de Terroso e os castros do norte de Portugal*, Famalicão, 1932. (Apresentado ao 4.º Congresso Internacional de Barcelona, 1929).

(4) Mendes Corrêa — *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Porto, 1924.

——— *Lusitânia Pré-Romana*, in «História de Portugal», Barcelos, 1928, vol. I.

(5) Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso*, Guimarães, 1930.

(6) Bolko Frhr. von Richthofen — *Zur Bearbeitung der vorgeschichtlichen und neuen kleinen Rundbauten der Pyrenäenhalbinsel*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933.

——— *Zum Stand der Arbeiten über neuzeitliche Kleinbauten vorgeschichtlich-mittelmeerländischer Art und über die Urheimat der Hamiten*, in «Prähistorische Zeitschrift», vol. 22, 1933.

idênticos, conclui que tais construções são pré-célticas. Não só aparecem em regiões cuja população não é de origem indo-europeia, como a própria Cultura Castreja apresenta certas características que provam uma origem pré-céltica. A certa altura diz este pré-historiador: «...die Rundbauten mit Steinmauern in der wohl keltischen Castrokultur (sind) eine Uebernahme aus dem Kulturgut der bodenständigen Vorbevölkerung, — und zwar u. a. deshalb, weil diese Bauform in Gegensatz zur keltischen Kultur in allgemeinen unindogermanisch ist...» (1).

A esta objecção de Richthofen, pode-se acrescentar o caso da habitação céltica do centro de Espanha ser quadrangular e não redonda, como muito bem lembra Garcia y Bellido (2). Por sua vez, a relação que há entre as estelas em forma de casa e as «pedras formosas» das citânias portuguesas, são mais um elemento importante a ponderar, ao pôr a questão da forma da planta das casas célticas (3).

Como vemos, existem duas teorias arqueológicas, ambas apoiadas em elementos importantes, que não permitem uma solução satisfatória para ambas as partes.

No caso especial da cultura castreja, só novos achados e a revisão geral do problema poderão permitir que a Arqueologia se venha a pronunciar sobre o assunto definitivamente.

Nós, que só estudamos o problema da génese da habitação circular pelo aspecto etnográfico, independentemente do povo que

(1) Bolko Frhr. von Richthofen — *Obra cit.*, pág. 333.

(2) Garcia y Bellido — *Obra cit.*, pág. 216.

(3) Sobre este assunto ver o curioso estudo de Júlio Martínez Santa-Olalla — *Monumentos funerários célticos. As «pedras formosas» e as estelas em forma de casa*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933. Assim como do mesmo autor: *Las estelas funerárias en forma de casa en España*, in «Investigación y Progreso», vi, 1932, págs. 148-150.

construiu as Citânias, vamos procurar explicar a maneira como esse problema se nos apresenta.

A casa circular não está relacionada com nenhum povo em especial. Num determinado período da evolução de qualquer povo, quando este se sedentariza, procura construir cabanas ou abrigos, que o protejam das intempéries e dos ataques dos animais. Naturalmente que só lhe restam duas possibilidades: a construção rectangular e a redonda. É natural que nem sempre haja uma razão para construir desta ou daquela maneira, e temos de admitir que, em muitos povos, o acaso tivesse desempenhado o papel principal. Contudo, não é para excluir a hipótese de ter exercido influência no tipo da construção a forma de vida de cada povo.

Alguns etnólogos levaram tão longe a necessidade de generalizar que chegaram a atribuir a construção de planta rectangular (palafitas, canastros e grandes casas comuns) ao ciclo matriarcal-agrícola e as de planta circular aos ciclos de povos caçadores e pastores (1).

Naturalmente que não se pode atribuir carácter de infalibilidade a tais teorias, assentes na observação de numerosos factos, contudo incapazes de os abranger todos. Mas, não deixa de haver nelas um fundo de verdade, capaz de ajudar a esclarecer certos casos particulares.

Em geral, os pastores nómadas e os caçadores, obrigados a deslocarem-se com muita frequência, usam a tenda quase sempre de paus e peles de animais, de planta circular ou poligonal (2).

(1) J. M. de Barandiarán — *Breve história del hombre primitivo*, in «Anuario de Eusko-Folklore», XI, Vitória, 1931, págs. 176, 188, 190, 195. Citado por Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 56, nota 51.

(2) Não só as tendas de verão são de planta circular, em todo o círculo ártico, como mesmo os iglou de inverno. Ver Jean Gabus — *Vie et coutumes des Esquimaux Caribous*, Lausanne, 1944, págs. 51-73. Ver também André Leroi-Gourhan — *La civilisation du Renne*, Paris, 1936, pág. 137.

É natural que no momento em que estes povos começam a praticar a agricultura, que obriga à fixação, ou pelo menos a larga permanência num lugar, a tenda do nómada dê lugar à cabana primitiva, feita de paus e ramagens com cobertura de giestas ou de quaisquer outras plantas próprias para impedir que a chuva penetre no interior.

Tais choças circulares foram usadas em áreas muito maiores que hoje (1). Como já atrás vimos, não faltam indícios delas na região castreja e são inúmeros os vestígios que nos restam de fundos redondos de cabanas, de aldeias neolíticas, em muitos países (2). Estas cabanas neolíticas descritas por Decugis, que reproduz um plano duma aldeia de Ante (Marne) (3), são muito pequenas (aproximadamente 3^m,50 de diâmetro) e em geral espalhadas sem ordem dentro do recinto murado.

Desta mesma época há também, se bem que em menor número, cabanas quadrangulares muito pequenas (em média 3^m × 2,50) (4).

Por vezes, as cabanas pequenas dispõem-se à volta duma cabana maior, que porventura seria a do chefe (5). Na linha das habitações que já se deviam construir no neolítico devem estar as granjas de planta quadrangular com telhado de duas águas, aperfeiçoadas na Idade do Bronze e depois na do Ferro, que se estendem desde a fronteira oriental alemã até ao Atlântico, invadindo o norte de Espanha (6).

(1) Júlio Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 56.

(2) Henri Decugis — *Les étapes du droit*, Paris, 1946, tomo I, pág. 210.

(3) Henri Decugis — *Obra cit.*, fig. 6.

(4) Henri Decugis — *Obra cit.*, pág. 210.

(5) G. Goury — *L'Homme des cités lacustres*, tomo I, pág. 47 e seguintes ; pág. 102 e tomo II, pág. 370 e seguintes.

(6) Júlio Caro Baroja — *Los Pueblos de España*, Barcelona, 1946, pág. 57.

Quando se conhece só o emprego de materiais vegetais, é natural que a cabana circular seja a mais fácil de construir, e a sua semelhança com as tendas de muitos povos nómadas, leva fatalmente a associar estes dois tipos de abrigo. Isto permite-nos pensar que não é disparatada a ideia de que, pelo menos grande número de cabanas de planta circular, provenha de povos pastores ou caçadores nómadas, no momento da sua fixação temporária a um lugar da terra. Mais tarde, com o desenvolvimento da agricultura, esta fixação tornou-se definitiva e a técnica da construção progrediu, resultando daí a *petrificação* da cabana, segundo a expressão que Garcia y Bellido (1) usa, traduzindo o *Versteinerung* alemão (2).

O facto da cabana de pedra ter uma coluna ao centro, servindo de apoio à cobertura vegetal de forma cónica, assente numa parede de pedra baixa e cilíndrica, está absolutamente de acordo com a configuração de grande número de tendas transportáveis de povos nómadas.

Sente-se, na verdade, a técnica da construção da choça de colmo aplicada à construção com materiais mais resistentes, sobretudo nos muros.

Claro está que outros povos construíram cabanas quadrangulares, tão elementares como estas, de que provieram mais tarde as construções de planta rectangular. Mas há uma diferença, enquanto que as primeiras estavam condenadas a uma vida precária, pela sua incapacidade de desenvolvimento e de adaptação a formas de vida mais complicadas, como é a dos povos lavradores, que usam a casa não só para habitação, mas para celeiro,

(1) Garcia y Bellido — *El castro de Coaña. Nuevas aportaciones*, in «*Archivo Español de Arqueología*», n.º 48, Madrid, 1942, pág. 244.

(2) Adolf Helbok, Heinrich Marzell — *Haus und Siedlung im Wandel der Jahrtausende*, Berlin und Leipzig, 1937, pág. 32.

curral, armazém de aprestos agrícolas e de carros, etc., as segundas foram ganhando cada vez mais terreno por possuírem condições magníficas de progresso.

Hoje, ainda se encontram os dois tipos primitivos da cabana quadrangular e da circular, entre pescadores, pastores, ou populações de economia precária, cuja vida decorre no acanhado quadro da luta feroz pelo sustento quotidiano, que coloca o homem à margem do tempo e do devir histórico, irmanando-o àqueles que, em épocas remotas, construíram cabanas exactamente iguais.

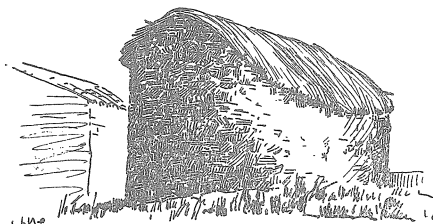


Fig. 7 — Palheiro da Serra do Caldeirão. A cobertura vegetal assenta sobre uma trave, formando duas pendentes. Dum dos lados a parede é bastante mais alta que nos palheiros de cobertura cónica.

(Desenho de Fernando Galhano).

Como dissemos, não foi um determinado povo que teve o privilégio de construir cabanas de planta circular. É até natural que, na origem da habitação de cada povo, fosse mais frequente este processo que o quadrangular, por ser mais elementar e mais semelhante à maioria das tendas. Foram sobretudo os povos que saíam duma fase de nomadismo pastoril os que, com certeza, mantiveram a técnica da construção da tenda, quando se fixaram e utilizaram materiais mais resistentes, resultando daí cabanas como as que nós vemos em Fragozela. Mais tarde acabou por se dar a petrificação da cabana, surgindo uma habitação como as que existem hoje na aldeia dos Cabeçudos.

Sendo assim, nada de extraordinário que as populações que habitavam o Noroeste Peninsular construíssem cabanas simples, de

planta circular, antes das primeiras invasões célticas. Estes novos invasores, embora portadores dum tipo de cultura comum, que lhes dava superioridade sobre as populações invadidas, sobretudo pelo conhecimento da técnica do ferro, eram em parte povos ganadeiros, semi-nómadas e que, muito possivelmente, apresentavam grandes diferenças entre si. É pois natural que o grupo ocidental, composto de celtas goidélicos, também usasse um tipo de construção idêntico, como era frequente entre os povos que conservavam vivos vínculos de nomadismo pastoril, o que é confirmado pelas construções de casas de planta circular, abundantes em regiões do Sul da Inglaterra e da Irlanda (1), em que se encontram também abundantes vestígios de cultura céltica. Neste caso, dar-se-ia um fenómeno de *sobreposição* cultural, no momento em que o povo invasor e o invadido se juntaram e fundiram.

Já uma vez expusemos vagamente esta ideia (2), que se nos apresenta hoje ainda mais aceitável, porque nos explica a perfeição que tal construção atingiu e a persistência com que se manteve na região durante tanto tempo.

Contudo, não somos hoje de opinião que outras construções circulares, existentes no país, se filiem nas mesmas populações, que por tradição tenham mantido essa maneira de construir até aos nossos dias. Precisamente na faixa ocidental do Norte de Portugal são muito menos frequentes as construções circulares usadas como habitação, ou que, segundo a tradição, o foram há poucas gerações. Pode-se mesmo dizer que quase não existem construções circulares na região portuguesa dos castros, pois não podemos incluir nesse tipo de construções, os fornos-cabanas, que servem de abrigos de pouca permanência, ou construções

(1) Aka Campbell — *Notes on the irish house*. I in «Folk-Liv», Stockholm, 1937: 2/3, págs. 207-234 e II, 1938: 2, págs. 173-196.

(2) Jorge Dias — *Las construcciones circulares*...

evoluídas, parcialmente arredondadas, que têm de ser estudadas à parte, e com muito cuidado. As cabanas redondas actuais, que conhecemos, são sobretudo beiroas, alentejanas e algarvias, prolongando-se pelo Norte de África; em Marrocos existem habitações absolutamente iguais aos palheiros algarvios (1).

Não cremos, portanto, que haja alguma identidade étnica, entre as actuais populações construtoras dessas cabanas e os antigos castrejos. Tudo leva a crer que a cabana circular seja apanágio de qualquer povo, que se encontre numa fase de economia pastoril ou precária e não dum povo no sentido étnico da palavra. Os habitantes dos castros, começaram por fazer as casas redondas quando se sedentarizaram, pelo conhecimento e prática da agricultura. Os progressos realizados através das gerações e mercê do impulso trazido pelas populações celtizadas ou célticas, que os invadem, leva esse tipo de cultura a um apogeu arquitectónico bastante grande, de que restam vestígios no Museu Martins Sarmiento. Porém, esses progressos não param. Da economia agro pastoril, de tipo provavelmente comunitário, em que a agricultura era rudimentar, passou-se, sobretudo no período da paz romana, com a consequente apropriação e exploração individualista do solo, a uma fase de agricultura intensiva, com progresso da técnica da estrumação e da aparelhagem agrícola. Esta mutação trouxe o abandono dos castros situados em lugares pouco cómodos para a cultura, visto que de início foram escolhidos por razões defensivas, e a habitação dispersa pelos vales acaba por ser toda de planta quadrangular, com telhados a princípio de duas águas, que depois se vem a complicar.

As actuais casas redondas, habitadas ou não, ou são propriedade de lavradores muito pobres em terras de tradição pasto-

(1) Possuímos uma fotografia dos Arquivos do Museu do Homem de Paris, de Marrakesch, Marrocos, que permite verificar essa identidade. Est. v.

ril, como as de Prime (Fragozela) (1), ou de população muito pobre, em terras incultas, e que tem o contrabando como fonte quase que exclusiva de economia, como a dos Cabeçudos, ou então estão em regiões serranas de xisto, pobres, em que se cultivava o centeio em queimadas antes da descoberta dos adubos, e cuja maior riqueza estava nas enormes cabradas, que ainda hoje se vêem em muito menores proporções, como é o caso da Serra Algarvia, sobretudo do Caldeirão.

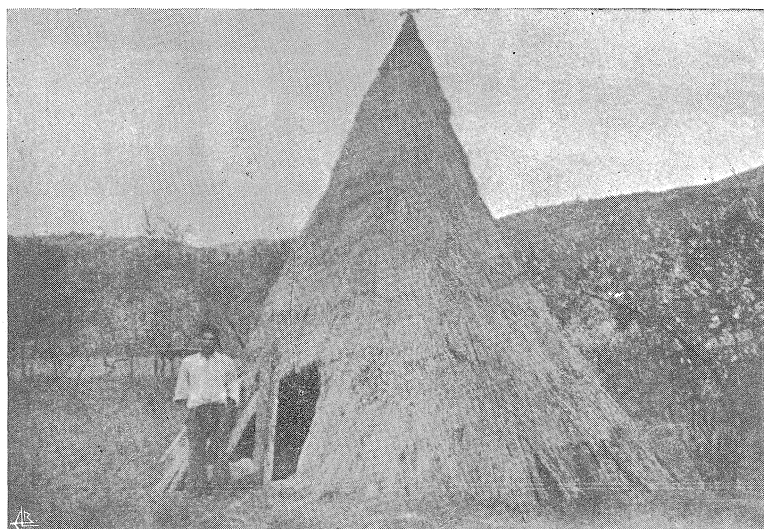
No Noroeste a humanidade superou, há muito, essa fase de evolução cultural e domina francamente a agricultura superior, ao passo que nestas regiões de que falamos, os homens lutam contra a adversidade em condições tais de inferioridade, que são obrigados a manter aspectos culturais extremamente arcaicos.

(1) Fragozela é ainda hoje um dos lugares de pernoita tradicional dos grandes rebanhos transumantes, que partem no princípio do verão do Vale do Mondego para ir pastar na Serra de Montemuro.

Ver Jorge Dias — *Les troupeaux transumants et leurs chemins*, Comunicação ao XVI^{ème} Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949.



Construção cônica de materiais vegetais em Prime (Fragozela, Viseu).



Outra construção cônica de materiais vegetais em Prime (Fragozela, Viseu).



Casa cilíndrico-cónica da aldeia dos Cabeçudos (Marvão).
É ainda hoje casa de habitação.



Construção cilíndrico-cónica de Prime (Fragozela, Viseu).



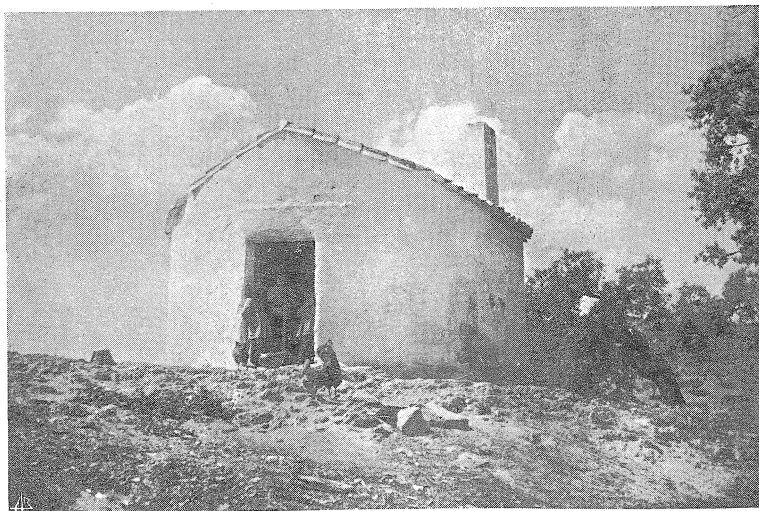
Casa em Pedralva (Aljezur). Foi habitada antigamente. O telhado
duma só água foi há pouco desfeito.



Casa recente de planta circular, da aldeia dos Cabeçudos (Marvão).
Construção derivada das cilíndrico-cónicas, mais antigas na região.



**Palheiro cilíndrico-cónico em Barranco Velho (Loulé). Muitas destas
construções foram habitadas há mais de oitenta anos.**



Casa habitada em Barrancos (próximo da barragem de António Vasques).

(Cliché Mariano Feio).

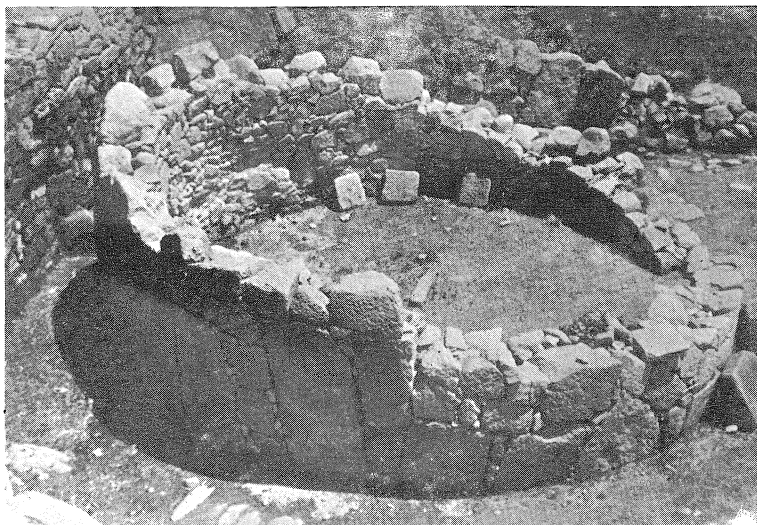


Casa cilíndrico-cónica de Marrocos (região de Marrakech).

(Cliché Th. Rivière, da Phototheque du Musée de l'Homme).



Palheiro cilíndrico-cónico em Santa Maria, Palheirinhos (Tavira).
É flagrante a semelhança com as construções marroquinas congêneres.



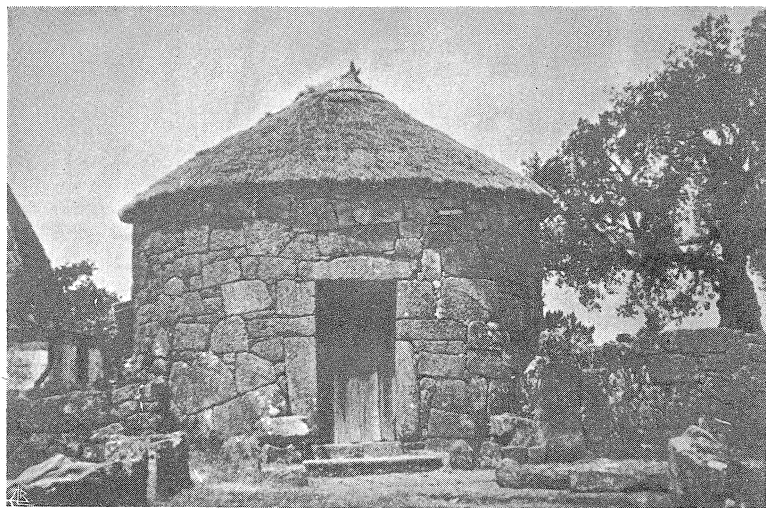
Ruína dum casa de planta circular da Citânia de Briteiros (Braga).



Casa de granito semi-circular da aldeia de Alturas do Barroso (Boticas).



Casa cilíndrico-cónica da aldeia dos Cabeçudos (Marvão). Reparar no vestíbulo de pedra que recorda os da Citânia de Briteiros.

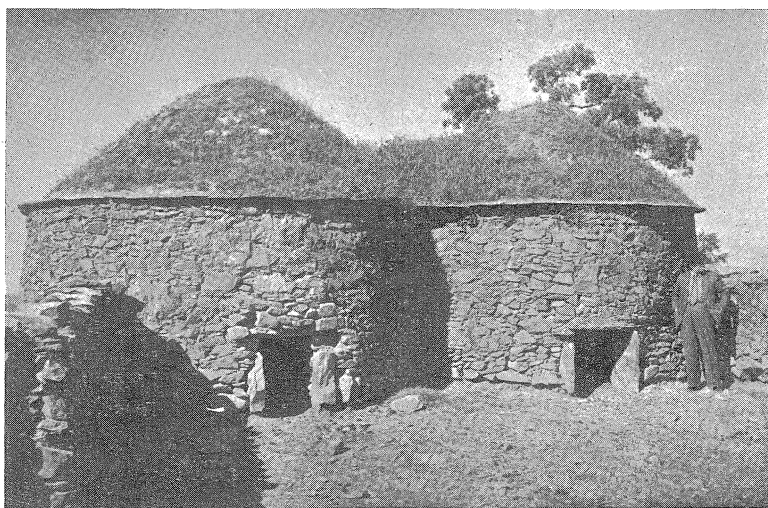


Reconstituição duma casa da Citânia de Briteiros, feita sob a orientação de Martins Sarmento.



Construções circulares com abóbada falsa de Barrancos (Monte Grande).

(Cliché Mariano Feio).



As mesmas construções vistas de frente.
Reparar nas dimensões minúsculas das portas.

(Cliché Mariano Feio).

VÁRIA

Indústria paleolítica de Ficalho (Baixo Alentejo)

A exploração da zona de Ficalho, na fronteira luso-espanhola do Baixo Alentejo, foi realizada por um dos signatários desta nota (A. V.), em Junho de 1945.

Os sítios percorridos são: o de *Sabrosa*, sobranceiro ao rio Chança, nas cotas entre 218 e 233 metros (marco geodésico), em terreno muito abundante de cascalho de quartzo, parte dele com algum rolamento; o leito e margens daquele afluente do Guadiana; a falda da Serra de Ficalho, ao longo do limite setentrional da povoação, em terreno de calcário (mármore branco).

A região merecerá prospecção mais demorada, principalmente nas abas da serra, dos lados de Nascente e Poente, que não chegaram a ser devidamente investigadas.

Eis o material recolhido e entregue ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal:

Sabrosa

Série I — Abbevillense (?) (Muito rolado). — Grande seixo, ou bloco, de quartzo, com muitos defeitos naturais da rocha, afeiçãoado em forma de *coup-de-poing* uniface, piriforme, sub-triangular. Apagou-se-lhe em grande parte o trabalho de lascamento. Mostra vestígios de utilização prolongada, em todos os bordos e na base.

Comp. 0^m,150; larg. 0^m,115; espes. 0^m,070.

Série II — Acheulense antigo e médio (Pátlna de vento, forte). — *Coup-de-poing* biface, cordiforme, muito irregular, de quartzo, com um dos bordos laterais regularizados por meio de seis lascas tiradas no anverso e três no reverso. Outro bordo apresentando indícios de talhe vertical muito rude. A rocha apresenta muitas imperfeições. Tem sinais de utilização.

Comp. 0^m,124; larg. 0^m,089; espes. 0^m,048 (N.º 8).

— Núcleo de quartzo, de forma ligeiramente oval poliédrica, trabalhado nas duas faces. Mostra preparações de planos de percussão.

Comp. 0^m,082; larg. 0^m,067; espes. 0^m,043 (N.º 1).

Séries III + IV — Moustiero-Languedocense. — Núcleo mustieróide, de quartzo, apresentando em 3/4 da sua periferia um gume cortante, ligeiramente ondulado. O objecto parece ter servido de machadinho ou de raspador semi-circular. Retoque da série IV.

Comp. 0^m,078; larg. 0^m,074; espes. 0^m,047 (N.º 2).

Série IV — Languedocense, com ligeiro lustro. — Calhau fusi-forme, de gneisse, cuja superfície primitiva ocupa o reverso e uma faixa na metade inferior do anverso. Trabalhado em um dos bordos laterais, à maneira de calhau raspador, mas afeiçoado em ponta em uma das extremidades. O centro do anverso e a metade superior da mesma face representam superfícies de mutilação provocada pela acção do fogo.

Comp. 0^m,091; larg. 0^m,050; espes. 0^m,031 (N.º 4).

— Pequena lasca de quartzo, mostrando alguns retoques. Serviu como raspadeira.

Comp. 0^m,026; larg. 0^m,028; espes. 0^m,010.

— Metade de uma pequena lasca de quartzo, sem interesse especial.

Margem portuguesa do Chança

Série II — Acheulense com pátina eólica. — Dois *coups-de-poing* bifaces, de quartzo, muito irregulares e de trabalho muito imperfeito. Um deles tem a ponta mutilada pelo fogo.

Dimensões actuais deste último: Comp. 0^m,070; larg. 0^m,054; espes. 0^m,023 (N.º 3).

Dimensões do outro: Comp. 0^m,080; larg. 0^m,046; espes. 0^m,023.

Falda meridional da Serra de Ficalho

Série II — Acheulense médio com pátina eólica. — Fragmento de *coup-de-poing* biface, oval, de calcário metamórfico, com a



1



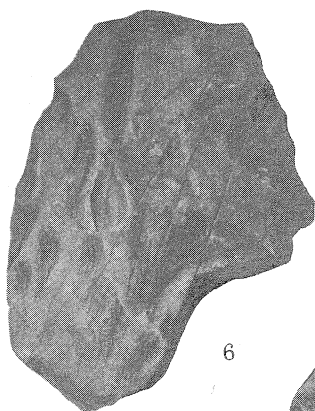
2



3



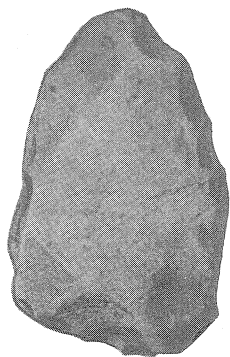
4



6



5



7



8

base irregularmente fracturada. O objecto devia ter sido uma *limande* e apresenta no verso regularizações nos dois bordos laterais bem como na sua extremidade arqueada.

Comp. 0^m,140; larg. 0^m,105; espes. 0^m,038 (N.º 6).

Séries III e IV — Acheulo-Languedocense, alterado superficialmente. — Grande fragmento sub-triangular, de mármore branco, com a base fracturada e apresentando algumas regularizações no anverso.

Comp. 0^m,144; larg. 0^m,100; espes. 0^m,043.

— Fragmento de um *coup-de-poing* biface, partido na base.

Comp. 0^m,089; larg. 0^m,070; espes. 0^m,034.

— Pequeno *coup-de-poing* biface, cordiforme sub-triangular.

Comp. 0^m,069; larg. 0^m,068; espes. 0^m,035.

— *Coup-de-poing* uniface, feito de uma lasca de calcário. Tem a superfície muito alterada e está trabalhado na periferia dos bordos do verso, por meio de pequenas lascas de regularização (N.º 7).

Comp. 0^m,120; larg. 0^m,079; espes. 0^m,024.

— Pequeno disco mustieróide, sub-circular, com preparação de planos de percussão e com retoques na periferia dos bordos.

Diâmetros: 0^m,044 × 0^m,041; espes. 0^m,013 (N.º 5).

— Fragmento de núcleo.

— Duas lascas sem particularidade mencionável.

Dimensões da maior: comp. 0^m,060; larg. 0^m,040; espes. 0^m,012.

Conclusões

O reconhecimento arqueológico realizado nos arredores de Ficalho teve as seguintes consequências:

1.º — É pela primeira vez que indústrias paleolíticas foram encontradas nesta região, mostrando a possibilidade de se fazerem colheitas mais abundantes e mais típicas não só deste lado da fronteira, mas também em território espanhol;

2.º — O material pré-histórico colhido apresenta características bastante curiosas, principalmente pela presença de alguns instrumentos de mármore da região, sendo os outros em maior parte em quartzo filoniano.

ABEL VIANA e GEORGES ZBYSZEWSKI.

Os terraços do Minho em Orense

O Rio Minho, que no troço internacional apresenta extensos e espessos depósitos de terraço, escalonados em níveis sucessivos, dos quais o mais elevado atinge 95-100 metros acima do leito actual, na estiagem, corre a montante da confluência com o Trancoso (pode dizer-se desde Melgaço) num vale estreito, encaixado, em que escasseiam os depósitos aluviais antigos ou modernos.

Além de Ribadavia, porém, o vale alarga de novo e os depósitos aluviais voltam a ocupar apreciável extensão. A bacia de Barbantes pertence a esta parte do vale.

Registam-se neste troço do rio diferentes níveis de terraços de acumulação, alguns deles cortados pelo caminho de ferro ou observáveis das janelas do comboio.

Junto de Orense pude verificar há pouco, durante algumas escassas horas que permaneci na cidade, a existência de pelo menos quatro níveis diferentes de terraços.

O mais elevado fica a cerca de 50^m acima do leito do rio: corresponde-lhe a plataforma em que assenta o edifício do Governo Civil, podendo ver-se ainda uma película de depósitos (com calhaus rolados, areia ou argila) nos cortes recentes.

Descendo em direcção à ponte, encontra-se cerca de 20^m mais baixo outro nível de terraço, com depósitos abundantes, constituídos por calhaus rolados.

Inferiormente, aparece um nível de terraço com 10-15 metros de cota.

Finalmente, antes de atingir o leito actual do rio, observa-se um terraço cuja altitude não vai além de 5-6 metros.

Os três primeiros níveis de terraços (5, 10-12 e 25-30 metros) foram reconhecidos, anteriormente, por Carlos Vidal Box, conforme refere num estudo recente (1).

(1) C. Vidal Box — *Contribución al conocimiento morfológico de las cuencas de los rios Sil y Miño*. «Bol. de la Real Soc. Esp. de Hist. Nat.». Tomo XXXIX, 1941 (págs. 121-153).

Verifica-se, deste modo, que o dispositivo dos terraços do Minho nas regiões do interior é idêntico ao que se observa nas vizinhanças do litoral. Com efeito, junto da foz registam-se os níveis de 5-6, 10-20, 30-40, 45-55 metros, havendo além destes, na parte correspondente ao troço internacional, níveis de terraços de 60-70, 75-80 e 95-100 metros acima do leito do rio.

*

* *

No degrau do terraço baixo, na margem esquerda do rio, a jusante da ponte de Orense, recolhi o biface acheulense que vai reproduzido na estampa junta.

Foi talhado num calhau rolado de quartzito; as superfícies de fractura estão muito bem patinadas.

Quanto a dimensões, tem 13^{cm} de altura, 9^{cm} de largura e 5^{cm} de espessura.

O exíguo tempo de que dispunha não me permitiu alargar para mais longe as pesquisas. De resto o meu principal interesse residia na observação dos níveis de terraço.

Lisboa, Novembro de 1948.

CARLOS TEIXEIRA.

Um «metate» em Vilarelho da Raia

Numa excursão que fizemos no verão de 1947, ao passar em Vilarelho da Raia, ao Norte de Chaves, vimos, a servir de lavadouro junto dum rego de água, uma pedra de forma estranha, que nos recordou imediatamente o antigo moinho usado pelos incas e aztecas antes da descoberta da América. Não era fácil de confundir aquela forma tão característica e exótica, com qualquer instrumento de origem europeia.

Já várias vezes tínhamos visto metates, em colecções de museus europeus, feitos de linda pedra esverdeada e adornados com figuras de animais belamente estilizados.

Nessas velhas civilizações americanas o «metate» era o vulgar moinho do milho ⁽¹⁾, que só se distinguia de outros exemplares pré-históricos europeus pela perfeição da forma e riqueza de

(1) George Peter Murdock — *Nuestros Contemporaneos Primitivos*. México, 1945, págs. 304 e 343.

acabamento e pela ornamentação artística; mas o princípio era o mesmo (2).

Constam duma pedra côncava de superfície lisa, sobre a qual se faz rolar um cilindro de pedra, que esmaga o grão e o reduz a farinha.

Na Europa, o aparecimento de moinhos circulares, a princípio manuais, feitos de duas pedras sobrepostas, acabou por se impor, e é ainda hoje esse sistema aperfeiçoado, que impera entre nós.

Contudo, o «metate» tem uma característica curiosa, que falta a qualquer outro moinho, isto é, umas pernas do mesmo material, que mantém a pedra afastada do chão. Provavelmente isto explica-se pela seguinte razão: os aztecas utilizaram o «metate» não só como moinho de farinha, mas também para moer chocolate, e para esse fim é costume aquecer a pedra por baixo, com um braseiro, antes de começar o trabalho (3).

Este achado do «metate» mexicano em Trás-os-Montes, teria sido uma surpresa muito grande, se não soubéssemos que com o uso do chocolate, também se tinha introduzido em Espanha o moinho empregado para moer o cacau pelos primitivos habitantes do México.

Mas a leitura dum estudo de Aranzadi, em que descreve circunstanciadamente a *pedra de chocolatero* (4), usada e feita em várias regiões de Espanha à imagem do «metate», não nos deixou margem para grande admiração.

De facto, não só o chocolate mas também o «metate», são elementos culturais americanos introduzidos na Europa (5), os quais sobretudo em Espanha tiveram uma difusão considerável.

Aranzadi interessado pela curiosa relação que descobriu entre o «metate» e a *pedra de chocolatero*, tratou de investigar a proveniência das segundas, pois não lhe pareceu nada provável que fosse importadas; não era admissível que, com pedreiros como os espanhóis, fosse necessário importar um instrumento tão pesado. De facto, verificou que se faziam em Astorga, em granito da região, aproveitando as pedras caídas da própria muralha, e que tal fabrico já vinha de velhos tempos.

O rebolo era de arenito por vantagem técnica. Havia também

(2) No Museu de Arqueologia do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, existe um exemplar de moinho primitivo europeu deste tipo.

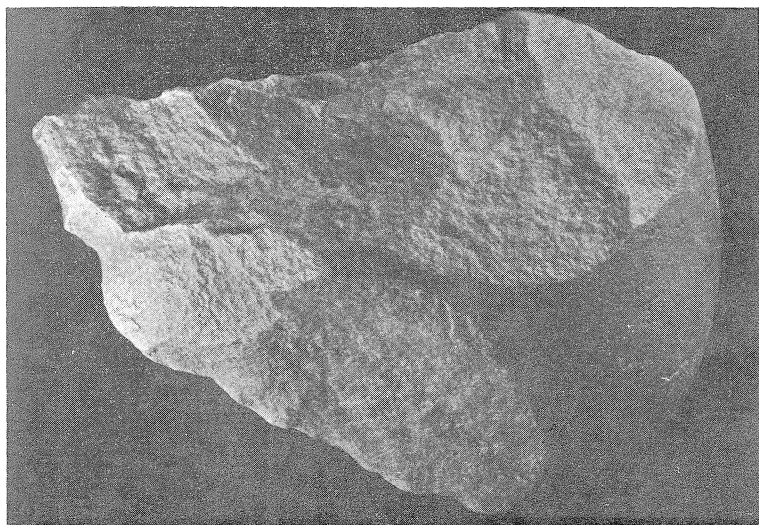
(3) L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, pág. 85.

(4) L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, págs. 79-87.

(5) Na obra acima citada faz referência ao uso da pedra do chocolatero no Sul da França.



B



A

moinhos de arenito e de pedra doce azulada, feitas em Zornoza-Amorebieta.

Os espanhóis mantiveram, pois, durante séculos a indústria das *pedras de chocolatero*, que copiaram dos «metates» aztecas, quando aprenderam a utilizar o chocolate, alimento ainda hoje muito popular em Espanha (6).

Embora sem sabermos qual a proveniência da pedra que

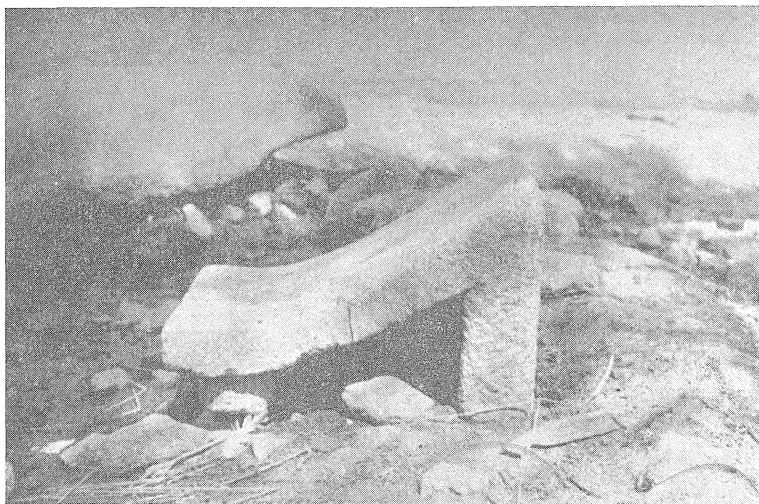


Fig. 1 — «Metate» fotografado em Vilarelho da Raia em 1947 e que já encontramos destruído em 1948.

vimos em Vilarelho, ficámos convencidos que devia ser de origem espanhola.

Porém, não podíamos perder tempo naquele momento, e tivemos de regressar só com o «metate» fotografado (fig. 1).

Um ano mais tarde, no verão de 1948, nova excursão pelo norte de Chaves permitiu-nos passar novamente em Vilarelho. Não nos esquecemos de perguntar pela pedra, que, infelizmente, como muitos outros objectos raros, fora vítima das fúrias da ignorância; já tinha sido partida.

(6) Se bem que os espanhóis tivessem recebido o uso do chocolate dos mexicanos, a maneira de o preparar é diferente. Em vez de pimento, colorau e papas de milho, deitam-lhe açúcar, e pode levar canela ou baunilha.

Foi então que nos contaram a sua história. Numa aldeia vizinha, espanhola — Rabel — vivia, há mais de 30 anos, um tal Juan, que vinha a Vilarelho fazer chocolate. Ele próprio torrava o grão que era moído em dois destes moinhos com uns *rebolos* de pedra. Depois misturava-lhe farinha, açúcar e um pouco de manteiga e fazia umas placas de chocolate, que algumas pessoas, iam vender pelas aldeias portuguesas. Ainda há restos dum caldeiro utilizado para tal fabrico e no telhado duma casa existe um rebolo a segurar as telhas à mistura com outras pedras (7).

Pedimos para ver o outro moinho que nos disseram ainda existir, e lá o fomos encontrar junto dum poço a servir também de pedra de lavar roupa. Porém, este era bastante diferente do primeiro, pois não tinha pés. Contudo viam-se por baixo duas

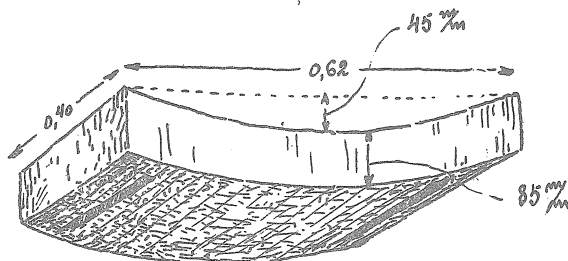


Fig. 2 — Outro «Metate» de Vilarelho da Raia ainda utilizado para lavar a roupa junto a um poço.

(Desenho de Fernando Galhano).

ranhuras profundas feitas no granito, que deviam servir para o apoiar em quaisquer suportes (fig. 2).

O primeiro «metate» que fotografámos era como os descritos por Aranzadi, mas mais baixo que o reproduzido por ele. Porém, ele mesmo diz que os de Astorga eram mais baixos que os de Barcelona, o que ainda os aproxima mais dos autênticos «metates» aztecas (8).

Diz Aranzadi, que o número de pés é geralmente três, dois à frente e um atrás, mas podem ser quatro, ou então, como em Astorga, dois muito largos. As nossas duas *pedras de chocolatero* não correspondem exactamente a nenhum dos casos descri-

(7) Informadora: Albertina Sanches, de 43 anos, filha dum Guarda-Fiscal, nascida no Porto, mas há mais de 30 anos em Vilarelho.

(8) L. de Hoyos y T. de Aranzadi — *Etnografía*, 1917, pág. 85.

tos. Uma, como dissemos, tem só umas incisões próprias para a colocar sobre um suporte qualquer e a outra tem três pés, mas o de trás é muito largo, e diferente dos dianteiros. No desenho reproduzido por Aranzadi, os três pés são iguais e facetados, enquanto que os de Vilarelho são redondos. Contudo não há

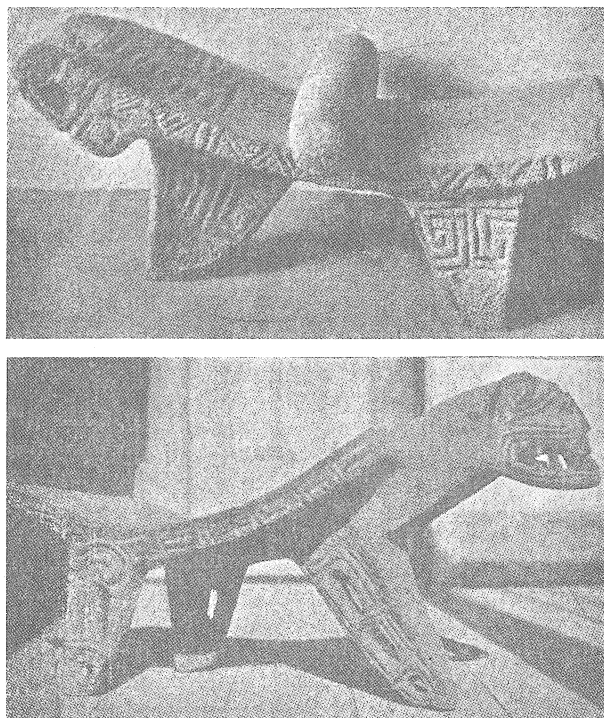


Fig. 3 — « Metates » ou moinhos de mão para moer milho — empregados pelos indígenas do Istmo — Costa Rica.

(Da *Summa Artis*, de José Pijoan).

dúvida que estas pedras vieram de Espanha e é natural que nunca se tivessem fabricado no nosso país, onde o consumo do chocolate parece não ter tido grande difusão entre o povo.

É possível que junto da fronteira o uso desta bebida tivesse sido maior por influência do país vizinho, como vemos pela existência desta fábrica primitiva, há trinta anos extinta.

Em Espanha continua a fazer-se e a gastar-se chocolate, a ponto de se ter incluído no racionamento durante a guerra, mas dos «metates» nada sabemos. Ainda se continuarão a fabricar das pedras da muralha de Astorga como em 1917? É possível que sim. Pena é que não se tivesse salvado esse exemplar curioso, talvez único na nossa terra. Mas quantos objectos curiosos não seguem o mesmo caminho!...

É provável que alguns museus estrangeiros conservem tais raridades, que a humanidade sempre gostará de contemplar mais tarde e que tão necessárias são para o estudo de certas culturas desaparecidas ou em vias de desaparecimento ⁽⁹⁾.

JORGE DIAS.

Achado arqueológico na Alemanha

Um dardo de teixo com 150.000 anos apareceu na charneca de Lueneburgo entalado entre as costelas dum elefante pré-histórico.

Causou enorme sensação a comunicação que o Prof. Jacob-Friesen de Hanover fez no último Congresso de Weinheimer acerca do achado dum elefante aparecido numa margueira em Lehringen, perto de Verdem no Aller.

Apesar do desleixo imperdoável daqueles que fizeram o achado, que não avisaram as entidades competentes contribuindo assim para a dispersão de valiosíssimos fósseis, por muitos coleccionadores de raridades, foi possível reconstituir um dardo de teixo com os diferentes pedaços do tórax que chegaram a Hanover. Os fragmentos de madeira, tão custosamente salvos, ajustavam-se perfeitamente e atingiram o comprimento total de 2^m,40.

Além deste exemplar de dardo, até hoje único no Mundo, apareceram também armas de caça de sílex nas costelas do mesmo elefante, o que contribui consideravelmente para ampliar os nossos conhecimentos sobre o homem dos tempos da pedra lascada (aproximadamente entre 183.000 até 118.000 a. C.).

J. D.

⁽⁹⁾ O Dr. Trebitsch, que veio a Espanha em 1913 buscar objectos etnográficos para o Museu de Viena, pediu para lhe mandarem um moinho destes de Barcelona. Citado por Aranzadi, *obra cit.*, págs. 83-85.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

WILHELM KOPPERS — *Der Urmensch und sein Weltbild* — Viena, 1949.

O problema do homem primitivo é visto, nesta obra, à luz da Biologia, da Antropologia, da Pré-história e da Etnologia.

Segundo o A., professor de Etnologia da Universidade de Viena, o evolucionismo, depois de ter penetrado na Biologia, fez a sua entrada na Etnologia atribuindo aos povos primitivos estados de comunismo, promiscuidade, canibalismo, assassinio dos velhos pelos novos e sacrifícios humanos.

Na pesquisa da origem da religião seguiu-se também o mesmo método, encontrando-se essa origem no medo, nos sonhos, depois na adoração dos fenómenos da natureza e dos corpos celestes, no feiticismo, no animismo, no totemismo e, finalmente, na magia. As bases psicológicas dos princípios animais da espiritualidade do homem, derivam da teoria de Levy-Bruhl, discípulo da escola de Durkheim, do pensamento pré-lógico do homem primitivo.

Contra esta teoria, apresenta o A. as opiniões de vários investigadores como Schmidt, Bernheim e as suas próprias, resultantes das observações em povos chamados primitivos, bem como do próprio Levy-Bruhl que, antes da sua morte, escreveu a J. Maritain declarando-se «de acordo com a filosofia tomista para chamar à mentalidade primitiva um estado da mentalidade humana, fundamentalmente diferente do estado da mentalidade moderna, mas da mesma natureza que esta. O espírito dos primitivos não está construído de forma diferente do nosso».

A respeito da proveniência do homem, as investigações da Etnologia mostram que as tradições dos povos primitivos contêm a criação do homem perfeito por um Ente superior; isto é, os primeiros homens aparecem como verdadeiros, não só corpórea e espiritualmente, como no ponto de vista religioso.

Em seguida, apoiando-se em Kälín, Portmann, Dessauer e outros, o autor mostra as dificuldades existentes para, no ponto de vista biológico, fazer descender o homem dos animais. No ponto de vista histórico (pré-histórico e paleantropológico), também essas dificuldades são grandes, pois a Etnologia tem como insustentável, actualmente, a teoria do alogismo ou pré-

-logismo de Levy-Bruhl e os pré-historiadores afirmam que os artefactos mais antigos dão testemunho da mentalidade completa do homem.

Baseado nas opiniões de Weidenreich, Sergi, Lebzelter e outros antropólogos, em face dos modernos achados de Steinheim, de Swanscombe e da Palestina, o A. discute a possibilidade de os caracteres humanos primitivos poderem derivar duma mestiçagem do «Homem de Neandertal» com o «Homo sapiens», ou de terem sido adquiridos. Contudo, o homem primitivo deve ter conhecido o fogo, e poderia trabalhar os seus utensílios de pedra e ferro. Em dois capítulos o A. resume as investigações que fez em povos primitivos da Índia e da Terra do Fogo, mostrando como as tradições destes povos contêm a doutrina da criação do homem por um Ente superior.

E assim o resultado das investigações histórico-culturais, em povos primitivos, é mais favorável a um monoteísmo primitivo do que às teorias conhecidas de uma ciência das religiões no sentido evolucionista; e é difícil explicar estas crenças tão uniformes, sem admitir a sua origem situada nos primórdios da humanidade.

Nesta obra, o A. faz uma síntese muito clara do estado actual dos novos conhecimentos sobre a origem do homem e da religião.

ALFREDO ATHAYDE.

LUIS PERICOT GARCIA — Grandeza y Miseria de la Prehistoria — Discurso de ingresso na Real Academia de Buenas Letras de Barcelona, 57 págs. Barcelona, 1948.

O ilustre A. actual orientador da Escola Arqueológica de Barcelona, aproveitou a ocasião de ocupar a sua cadeira de académico para fazer clara síntese do valor que os estudos arqueológicos — em especial os pré-históricos — têm para o progresso da ciência.

Divide o seu primoroso trabalho nos principais parágrafos: Pré-história e Etnologia, Seus métodos respectivos, Revelações da Pré-história, Os resultados dos estudos paleolíticos, Neolítico e períodos seguintes, Maravilhas da Arqueologia, A reconstrução da Pré-história da América, Geologia e Pré-história, Climatologia pré-histórica, Paleoantropologia, Geocronologia. Depois aborda o ingente problema do Paleolítico Superior de Espanha, época em que começam as criações artísticas do homem. Nasce a arte primitiva, arte maravilhosa, destacando-se a princípio na escultura para se tornar insuperável e «modernista» na pintura e gra-

vura. Precisando mais, inclina-se para a origem desta arte em terras de Espanha e área limítrofe da França.

Argumenta contra a ortodoxia dos esquemas sugeridos por Bosch-Obermaier mostrando, como os achados de Parpalló demonstram que a sequência europeia do Aurignacense, Solutrense e Magdaleniense chegou a regiões bem meridionais e diminui a importância até hoje dada ao Capsense. Para o A. o espírito europeu dominava toda a Península. Baseado em trabalhos que informam ser o Capsense uma indústria tardia, já do Paleolítico final, mostra como o esquema anterior deve ser invertido. A Península não era africana, antes europeia.

Pergunta por fim se houve realmente um Capsense remoto que irradiou até à Europa no Solutrense. Ou então como quer Miss Caton-Thompson, o Capsense não será senão um reflexo do Gravettense europeu, fenómeno isolado no meio duma África uniformemente Levallois-mousteriense, derivando até ao Solutrense (Still-Bay-Ateriense) com um *enclave* gravettense no Kênia e que bem pode proceder directamente da Ásia?

Depois de nos fazer uma breve mas clara síntese do neolítico peninsular e de abordar problemas da chamada época ibérica o A. termina a sua magistral lição, comparando sugestivamente a Pré-história com a Astronomia, ciências que têm o privilégio de dar ao homem a sensação da sua pequenez, a primeira no espaço, a segunda no tempo.

RUSSELL CORTEZ.

MARTÍN ALMAGRO BASCH — Prehistoria del Norte de África y del Sáhara Español — Barcelona, 1946.

Da autoria do Prof. da Universidade de Barcelona, Martín Almagro, editou o Conselho Superior de Investigações Científicas de Espanha um valioso estudo sobre a pré-história do Norte de África e do Sáhara Espanhol.

O trabalho, a todos os títulos notável, quer pelo poder de síntese do seu autor — que já em muitos outros trabalhos temos devidamente apreciado — quer pela grande soma de informações que contém, é de grande utilidade a todos os estudiosos na matéria.

O autor, depois dumas breves generalidades apresentadas com o intuito de introduzir no estudo os principiantes, e depois de se referir ao Quaternário da Europa e da África em geral e às suas culturas, aprofunda, em dois capítulos seguintes, a análise do Paleolítico Superior e do Neolítico da África do Norte. Foca, com elevação, os problemas mais importantes do Capsense,

principalmente no que respeita a estratigrafia, cronologia e área de expansão, e mostra quais as características e origem do Neolítico egípcio e das culturas do Neolítico de tradição capsense. A segunda parte do trabalho está preenchida por uma síntese do estado actual da investigação pré-histórica do Sáara espanhol, aludindo o autor, com cuidado, aos materiais arqueológicos, à arte pré-histórica e a restos de construções e enterramentos pré-islâmicos.

A documentação, quer em fotografias quer em desenhos, que acompanha o esgotante trabalho do ilustre professor de Barcelona, é excelente.

Porém, achamos do nosso dever confessar que, nalguns pontos de vista, nos encontramos em desacordo com Martín Almagro. Não vale a pena enumerar aqui todas as afirmações de que discordamos e, apenas, citaremos uma ao acaso para esse efeito.

Assim, por exemplo, a págs. 27, diz Almagro que «o Abevilense foi progressivamente substituído pelo Clactonense». No nosso entender, o Abevilense, indústria dominante, embora não exclusiva, de bifaces, foi substituído, progressivamente sim, mas pelo Acheulense, ao passo que o Clactonense, indústria de lascas e parcialmente contemporânea daquela, parece haver sofrido uma evolução independente. É isto, aliás, o que se depreende do próprio quadro que, a pág. 37, foi transcrito (sem indicação correspondente, por evidente lapso) de qualquer trabalho do Abade Breuil, seu idealizador.

Lapsos, expressões deturpadas do seu pensamento ou, mesmo, erros da nossa parte em grande número dos pontos em que discordamos, tudo isso não tira, de qualquer modo, o mérito da presente obra de Martín Almagro que, como já declaramos, bastante nos agradou no conjunto e em muitos pormenores, cuja soma supera e faz esquecer tudo o que, porventura, de mais discutível ou imperfeito se encontre na mesma.

J. CAMARATE FRANÇA.

VIRGÍNIA RAU — Les recherches et découvertes préhistoriques au Portugal à partir de 1940 — Estratto dalla «Rivista di Scienze Preistoriche», Vol. III, Fasc. 1-2, Firenze, 1948.

Trata-se duma breve mas completa e bem elaborada resenha do que, em Portugal, se tem feito e descoberto em matéria de

Pré-história, de 1940 a 1946, tanto na Metrópole como no Ultramar.

Não se limitando a historiar mas acompanhando a sua descrição de oportunas notas críticas, o trabalho da Doutora Virgínia Rau é um esplêndido elucidário da Pré-história portuguesa, de grande utilidade não só para os de fora, mas também para os próprios investigadores que, no país, se dedicam a esses estudos.

J. C. F.

EUGÉNIO JALHAY E AFONSO DO PAÇO — Lisboa há 4.000 anos — A Estação Pré-Histórica de Montes Claros (Monsanto) — Separata do volume I de «Lisboa e seu termo — Estudos e documentos». Lisboa, 1948.

Na Serra de Monsanto, perto do miradouro de Montes Claros, foi, há anos, descoberta pelo Sr. Dr. Leonel Ribeiro, uma estação eneolítica que tem sido objecto já de várias campanhas de escavações levadas a efeito sob a orientação competente dos Srs. Padre Eugénio Jalhay e Capitão Afonso do Paço.

Da descoberta e dos resultados dos primeiros trabalhos foi dada, em 1945, na «Revista Municipal», uma primeira notícia, através a qual já se vislumbrava o interesse que, para o estudo do Eneolítico peninsular, viria possuir a nova estação.

A presente nota, de que nos ocupamos, traz a público o que os seus consagrados autores puderam averiguar nas escavações efectuadas em 1946.

Entre o espólio recolhido, figuram um fragmento de machado de xisto anfibólico, vários percutores de xisto e de basalto, uma extraordinária abundância de micrólitos (segundo dizem os autores do trabalho), lâminas, pontas, raspadores, buris, elementos de foicinha e numerosos fragmentos cerâmicos, notando-se nestes uma predominância de decoração constituída por linhas incisas.

Em face do espólio fornecido pela estação, onde os dois arqueólogos vêem «uma indústria especificadamente microlítica, de raspadores, de pontas e de lâminas», no qual, ao lado de raros machados e pontas de setas, «a cerâmica, mesmo ornamentada, aparece com uma tal profusão que... neste particular nenhuma estação pré-histórica dessa época se lhe pode comparar no nosso País», e, estabelecendo paralelo entre as indústrias de Montes Claros e determinadas culturas africanas, chegaram à

conclusão E. Jalhay e Afonso do Paço de que a cultura desta estação «deriva do encontro ou fusão da denominada *neolítica de tradição capsense* ou *ibero-saariana*, com elementos já do Bronze mediterrâneo».

Depois de breves considerações cheias de interesse sobre o modo como essa «compenetração» se terá efectuado, os autores declaram que a estação de Montes Claros se poderá situar «num momento bastante avançado do nosso Bronze inicial».

Sem nos pronunciarmos por agora sobre a teoria dos Srs. E. Jalhay e A. do Paço, e mesmo sobre algumas dúvidas que nos suscita a inclusão de grande número de peças na *indústria microlítica*, não queremos deixar de felicitar os dois ilustres arqueólogos pelo seu feliz trabalho e de lhes manifestarmos a nossa congratulação pelo contributo que o mesmo traz para o estudo das relações da península com o Norte de África durante a nossa Pré-história.

J. C. F.

EUGENIO JALHAY — Um Vaso de Olaria Rutena na Citânia de Sanfins — Sep. «Brotéria», XLVIII, Lisboa, 1949.

A propósito de três humildes fragmentos de um vaso de *terra sigillata* aparecido durante os trabalhos, da campanha de 1948, realizados na citânia de Sanfins, o A., ilustre arqueólogo de Portugal, faz uma série de sugestões que merecem grande meditação e revelam o cuidado sempre posto nos seus trabalhos científicos e a consideração dos reais problemas que a investigação arqueológica suscita.

É um facto que a *terra sigillata* está por estudar tanto em Portugal como na vizinha Espanha. Ao contrário do que entre nós sucede, os arqueólogos espanhóis têm-se dedicado com mais afinco à tentativa utilíssima de estabelecer a cronologia e a localização dos vários achados desta espécie cerâmica. Muito teremos a esperar do magnífico estudo feito, sem pressas, sem improvisações, sem ânsia de marcar o assunto com prioridade, pela arqueóloga Carolina Martinez Munilla, que mesmo coadjuvada pela realidade do Instituto de Diego Velasquez, sente as enormes dificuldades a superar para, num trabalho sistemático, estudar os múltiplos achados.

Teria pois, como bem frisa o A., um grande interesse o estudo detalhado da nossa *sigillata* «tendo em vista não sòmente um estudo meramente arqueológico, mas ao mesmo tempo social e económico da dominação romana na Península». É tarefa que,

pela sua complexidão e gasto com deslocações, só poderá ser executada com o auxílio do Estado, pois terá de fazer-se comparação de formatos, de vernizes, de pastas, de marcas, etc., para, depois, estabelecermos qual a origem do seu fabrico, se *gala se italica*, provincial ou local, dado que em Portugal, deve tal cerâmica ter sido fabricada comparando a distribuição desses locais com a da que sabemos elaborada em várias províncias espanholas. A estas espécies de *sigillata* teríamos de juntar a *sigillata chiara* também vulgar no nosso país: para exemplo refiro achados desta cerâmica na Cidade Morta de Montemózinho, Penafiel — e assim ficaríamos a melhor conhecer os percursos comerciais nos tempos romanos, qual a intensidade de trocas económicas entre o que hoje é Portugal, a Gália e a Itália, etc. Obter-se-ia um mais exacto conhecimento da nossa Proto-História.

R. C.

MÁRIO CARDOZO — Correspondência epistolar entre Emilio Hübner e Martins Sarmiento — Coligida e anotada por...
Edição da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1947.

Finalmente conseguiu a benemérita Sociedade Martins Sarmiento publicar toda a correspondência trocada entre o seu fundador e patrono e Hübner, o notável e erudito arqueólogo a que a nossa terra tanto deve.

É por todos os modos uma edição utilíssima e de um arrojo a que não estamos habituados. A simples colectânea de cartas, curiosas e úteis para o esclarecimento de certos problemas, para a história da nossa investigação arqueológica, pela demais conhecida competência e maior devoção do seu anotador, resultou em mais uma meritória obra realizada pela Sociedade Arqueológica de Guimarães.

Magnífica iniciativa foi pois a publicação deste livro, em que as múltiplas questões suscitadas na «correspondência» são actualizadas mercê de densas e exaustivas anotações, de adequadas ilustrações, resultando daí uma obra de destacado valor e consulta imprescindível para quantos se interessam pelo estudo do passado do Norte de Portugal.

Bem elaborados índices valorizam e tornam mais fácil a consulta dos materiais que esta obra contém.

R. C.

JOSÉ PONS ROSELL — Restos humanos procedentes de las necrópolis de época romana de Tarragona y Ampúrias (Gerona) — «Trabajos del Instituto Bernardino de Sahagún de Antropología e Etnología» — Barcelona, 1949.

Estudo minucioso de 228 crânios, dos quais 139 masculinos e 72 femininos, e de 333 ossos longos de necrópoles romanas de Tarragona e Ampúrias. O tratamento matemático dos resultados conduz o A. a conclusões gerais de interesse. Na série craniológica predominam os mesodolicomorfos, entre os quais é possível distinguir os tipos mediterrâneo, cromagnonóide e eurofricano. Deve tratar-se sobretudo de populações indígenas, com fraca influência de elementos imigrantes. Por outro lado, não parece que o panorama antropológico do nordeste espanhol tenha mudado muito da época romana para os tempos actuais.

A monografia do Sr. Pons Rosell é enriquecida com gráficos, estatísticas e numerosos craniogramas.

MENDES CORRÊA.

ABEL VIANA, JOSÉ FORMOSINHO E OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA — O conjunto visigótico de Alcalar (Caldas de Monchique) — Separata dos n.ºs 33-34 da «Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores», Lisboa, 1949.

Os autores estudam quatro objectos de proveniência visigótica encontrados na necrópole argárica de Alcalar: «um anel, uma certã, uma lança e uma pequena fivela, tudo de bronze, com excepção da lança, que é de ferro».

Em virtude da maioria das sepulturas terem sido vandàlicamente destruídas, não podem os autores garantir «se algumas cistas do Bronze teriam sido aproveitadas para ossários na época visigótica, ou se os objectos visigóticos achados dentro ou junto delas eram provenientes de sepulturas visigóticas sobrepostas às do Bronze».

Alguns dos objectos encontrados não são muito frequentes em Portugal, o que, além do mais, acarreta sensível interesse para o trabalho, que é acompanhado duma razoável documentação gráfica e numerosa bibliografia.

J. C. F.

Adquisiciones del Museo Arqueologico Nacional — Edição do Cuerpo Facultativo de Archiveros Bibliotecarios y Arqueologos, Madrid, 1947.

Reatando uma antiga e louvável tradição, a Direcção do Museu Arqueológico de Madrid, a que preside o ilustre arqueólogo Dr. Taracena, publicou em excelente edição os materiais incorporados nas colecções do Museu, durante os anos de 1940 a 1947.

Para quem se dedica à investigação arqueológica fácil é avaliar o grande interesse desta e similares publicações que, em breves linhas, em termos sucintos, mas precisos, simultaneamente com adequadas ilustrações, põem ao dispor do especialista ou do simples curioso de arqueologia, os objectos que, por donativos das pessoas que antepõem ao interesse pessoal e particular o interesse geral, por depósitos de entidades públicas ou particulares, foram encontrados por acaso ou no decurso de escavações científicas e assim, naquele museu, podem ser estudados e referidos por qualquer.

Sumaria ao longo das suas 262 págs. e CXIX lâminas de estampas, materiais pertencentes ao: Paleolítico, Neo-eneolítico; Idade do Bronze; Idade do Ferro; Época Romana; tempos Paleocristãos e Visigodos; Árabes; Românicos e Góticos e Idade Moderna. Na terceira parte estudam-se os vários monumentos numismáticos que foram incorporados e vêm aumentar a já crescida colecção do Museu.

Um índice por autores e outro alfabético por matérias tornam fácil a consulta desta obra que, bom seria, fosse também levada a efeito entre nós para um maior progresso da nossa arqueologia.

R. C.

C. VAN RIET LOWE — Pinturas rupestres e a cultura do Zimbábue — «Bol. da Soc. de Estudos de Moçambique», Lourenço Marques, 1948.

O ilustre professor da Universidade de Witwatersrand, Prof. van Riet Lowe, director do Departamento Arqueológico do Estado Sul-Africano, ocupando-se das pinturas rupestres de Impey's Cave, perto de Zimbábue, apresenta as várias opiniões sobre as figuras humanas ali representadas, que sugeriram aproximações com tipos cretenses, egípcios, arábicos, etc. Com fundamento em muitos outros documentos de arte rupestre da África

do Sul e nos resultados do estudo das ruínas do Zimbábue e semelhantes, o A. admite a tese da sucessão de várias influências estrangeiras, entendendo, porém, que amplo inquérito se impõe.

Ora, para esse inquérito, van Riet Lowe declara ser essencial a contribuição de investigações em Moçambique. Não esquecendo os trabalhos já efectuados por Santos Júnior neste território, o professor sul-africano diz com a maior autoridade e entusiasmo que se impõem o prosseguimento e amplificação de tais trabalhos. É assim mesmo.

M. C.

ARLINDO DE SOUSA — O Nome de Lisboa — Publicação da Câmara Municipal de Lisboa, 189 pág. 1949.

O A. neste seu novo trabalho estuda as várias e prováveis origens do nome de Lisboa, assunto que, como muito bem diz, tem preocupado muitos filólogos e historiadores.

Mostrando uma grande erudição bibliográfica e recolhendo as citas de inúmeras obras que a antiguidade clássica nos legou relativas a Lisboa, procura referir muito do relativo aos vários nomes por que teria sido conhecida esta cidade e, associando às referências das fontes clássicas os ensinamentos revelados pela arqueologia militante, procura destruir, mostrar a inconsistência da lenda que atribui a Ulisses a fundação de Lisboa.

Porém, em certos capítulos, toma uma posição de grande originalidade, que por vezes, a meu ver, carece de suficiente base científica: — Assim a pág. 21 — «Os Gregos e o Nome de Lisboa» — afirma o autor «Não podemos deixar de sentir a influência da civilização grega na Península e, em grau elevado, em *Olísipo*». Se são grandes as influências directas dos gregos na Península, em especial na região do Levante, até ao presente, jamais foram encontrados em Lisboa quaisquer elementos que aos vários povos gregos possam ser atribuídos. Portanto, até hoje, não podemos tomar qualquer posição sobre a fixação dos gregos no estuário do Tejo. A pág. 24 refere o A. vestígios gregos em Panóias, onde tal coisa jamais apareceu! Panóias é um Santuário romano dedicado a Serapis, do séc. II de J. C.; época em que a romanização era lei e as populações da região de há muito que estavam pacificadas e integradas no Império de Roma. Sobre os nomes gregos recolhidos das epígrafes lisboetas, o A. parece desconhecer a importância, não na época helenística, mas já durante os tempos imperiais posteriores a Galba, do papel desempenhado pelos escravos gregos na economia romana. Muitos deles foram perpetuados por seguirem as normas religiosas

integradas nos cultos greco-orientais. Todos estes nomes e os demais de outras epígrafes do país, págs. 24 e 25, quase sempre foram recolhidos em terras onde se conhecem santuários dedicados às divindades orientalizantes.

Todavia desejaríamos que qualquer achado de objectos indiscutivelmente gregos, permitissem confirmar as vagas referências dos textos.

R. C.

JOSÉ ANTÓNIO DE ALMEIDA — *Tempos antigos e tempos medievais da vila de Soza* — 1 *plquette* de 48 págs. ilustr., Porto, 1949.

O Sr. Dr. José A. de Almeida manifesta nesta pequena brochura, muito ilustrada e de simpática apresentação material, o louvável afecto que o prende à terra que foi o seu berço.

Sugerindo uma etimologia, decerto muito conjectural, para Soza e referindo uma tradição de que Vagos estaria numa «ilha vaga» fronteira à remota cidade, o Sr. Dr. Almeida menciona os elementos históricos mais positivos que revelam a importância de Soza no começo da Monarquia e a localização, ali, de ordens monásticas, como os Templários, os freires de Santa Maria de Rocamador, etc. Ainda hoje se venera na igreja de Soza a imagem de Nossa Senhora de Rocamador.

Em 1088 uma doação do Conde Sisnando de Coimbra menciona uma igreja de S. Cristóvão *in ripa maris inter uilla socia et uilla illiano*. . . Teria também havido outrora marinhas de sal no canal do Boco, que representa uma relíquia dum antigo braço de mar.

Todos os leitores deste trabalho estimariam sem dúvida que a dedicação e a tenacidade do autor erguesse sobre uma terra de tão fulgente e indiscutível antiguidade, uma bem ordenada monografia, mais minuciosa. Seria um serviço prestado à sua terra natal e ao conhecimento do país, conhecimento de conjunto que assenta, em grande parte, nos depoimentos parcelares de monografias locais.

M. C.

HERMANN LAUTENSACH — *Portugal (1930-1943) mit Nachträgen* — «*Geograph. Jahrbuch*», 59, II, Gotha, 1948.

Nada menos de 827 as publicações sobre geografia física e humana de Portugal continental e ilhas adjacentes, que foram

registadas nesta nova bibliografia do ilustre professor Lautensach apenas para o período de 1930 a 1943.

É cientificamente meritória esta tarefa, mas ela tem para nós, Portugueses, um alto interesse. Congratulemo-nos por Lautensach não afrouxar no seu labor notável sobre a geografia de Portugal.

Não devemos deixar de mencionar nos nossos «Trabalhos» que três secções da nova bibliografia, tão incansavelmente e exaustivamente elaborada, se referem, sucessivamente, à Pré-história, à Antropologia e à Etnografia.

M. C.

LÉON PALES — *Le bilan de la Mission Anthropologique de l'A. O. F. (Janvier 1946 — Août 1948)* — «Direction Génér. de la Santé Publ.», Dakar, 1948.

O Dr. Léon Pales que desde 1945 dirige, com alta competência e a maior dedicação, as investigações antropológicas iniciadas, por deliberação oficial daquela data, em várias populações da África Ocidental Francesa, dá neste relatório a história das correspondentes actividades no período mencionado no título da brochura.

Num prefácio expõe o A. as condições de formação do organismo respectivo, relacionado especialmente, na origem, com a execução dos compromissos tomados em 1943 na Conferência das Nações Unidas, em Hot Springs, sobre questões de alimentação e nutrição das populações. Enumera também os apoios e colaborações que tem recebido do governo geral, dos serviços de saúde, do *Office* de Investigação Científica Colonial, dos laboratórios da metrópole, do I. F. A. N., etc.

Sucessivamente o Dr. Pales resume os trabalhos levados a efeito em Antropometria, Antropologia das Partes Moles, Fisiologia (crescimento, adaptometria, metabolismo de base), Química Biológica (Constituintes do sangue, vitaminas), Alimentação (inquéritos e análises alimentares), Psicologia, Patologia, Etnologia, Organização e campanhas realizadas, Bibliografia. Alguns números dão a ideia do labor feito: 546.770 mensurações antropométricas em 14.675 indivíduos, 502 inquéritos alimentares (quase exclusivamente familiares), 9.000 colheitas de *tests* psicológicos...

Colaboraram directamente com o chefe da missão Dr. Pales, além de outras pessoas, M.^{lle} de Saint Péreuse, M.^{me} Raoult, M.^{lle} Barbe e M. Loret, do ORSC (*Office de Recherche Scientifique Coloniale*).

O plano e a actividade desenvolvidos por esta missão são úteis e meritórios, servindo de exemplo a outros países, quer pela amplitude e interesse dos temas estudados, quer pela cooperação fecunda de tantos elementos, quer pelo nobre e elevado critério das entidades dirigentes que permitiram a organização e mantêm a continuidade dum esforço tão prestimoso.

M. C.

LUIS DE HOYOS SÁINZ — Antroposerologia española — «Rev. de la R. Acad. de Ciencias, de Madrid», t. XLII, Madrid, 1948.

O grande antropólogo espanhol, a quem se deve em 1932 o início dos estudos de seroantropologia no país vizinho, faz neste trabalho uma nova importante síntese dos elementos sobre a matéria, com base num magnífico pecúlio de mais de 50.000 observações de todas as províncias de Espanha. Trata-se apenas dos grupos clássicos, mas Hoyos Sáinz utiliza os vários índices e gráficos de apreciação da distribuição dos mesmos.

Os Portugueses não são esquecidos nos confrontos feitos, sendo evidente a sua proximidade hemática com as populações de algumas regiões do país vizinho.

M. C.

MILTON DA SILVA RODRIGUES — Contribuição para o estudo de algumas características sociais e biométricas de adolescentes da cidade de São Paulo — Fac. de Filosofia, Ciências e Letras de S. Paulo, 1948.

Resultados de observações feitas em 1942 na imponente massa de 20.852 indivíduos dos dois sexos. Sucessivamente, o A. expõe a distribuição das observações por territórios, séries, sexos, idades e, ainda, por nacionalidade dos avós, e estuda a estatura, o peso, o índice ponderal, o perímetro torácico e o índice cefálico, também nos pontos de vista geográfico, etário, da filiação étnica, etc.

Os índices cefálicos determinados acusam predomínio, em geral, da mesaticefalia, com maior tendência braquicéfala no sexo feminino e abaixamento do índice com o aumento da idade.

O confronto entre descendentes de 4 avós brasileiros e os de 4 avós portugueses é interessante, embora entre as duas nacionalidades, para muitos indivíduos, as diferenças sejam mais de critério oficial ou geográfico do que fundamentalmente de base antropológica. Há maior percentagem de braquicéfalos nos primeiros,

que se reflecte decerto nas médias correspondentes, mas as diferenças de médias são pequenas e dá-se o facto curioso de serem bimodais os polígonos de frequência dos índices cefálicos duns e doutros, havendo impressiva coincidência ou quase paralelismo nos polígonos dos dois grupos.

O trabalho do Prof. Milton da Silva Rodrigues é importante, consciencioso e meritório.

M. C.

ANTÓNIO PREVOSTI PELEGRIN — *Estudio del crecimiento en escolares barceloneses* — «Trabajos del Instituto Bernardino de Sahagún de Antropología e Etnología» — Barcelona, 1949.

Importante trabalho sobre 60 caracteres métricos, somatoscópicos e fisiológicos em 2.205 crianças barcelonenses de 7 a 14 anos de idade, de diferentes classes sociais.

Sucessivamente o A. estuda o ritmo do crescimento e as mudanças de proporções, várias correlações, o dimorfismo sexual, as diferenças sociais e os confrontos com outros grupos étnicos.

Não é fácil numa resenha bibliográfica deste género apontar todas as conclusões interessantes dum trabalho desta ordem. Limitamo-nos, quase ao acaso, a salientar a verificação duma curiosa despigmentação da íris no período escolar, ao contrário do que se passa com os cabelos, que escurecem frequentemente.

Há uma diferenciação social, que parece depender de diferenças neuro-endócrinas de classe para classe, diferenças que o autor não sabe ao certo se resultam de factores genéticos, originados por selecção, ou de acções peristáticas do ambiente social. Embora inclinando-se, em face dos resultados sobre gémeos, para que se trate duma selecção social, não crê que seja um fenómeno exclusivamente desta última natureza.

M. C.

Festschrift für Otto Tschumi — Frauenfeld, 1948.

Por ocasião do 70.º aniversário do Prof. Otto Tschumi, uma comissão composta pelos Profs. Otto Schlaginhausen, W. Flückiger, Walter Rytz, K. Keller-Tarnuzzer e Hans Vetter, promoveu a publicação dum volume contendo importantes trabalhos de arqueologia e antropologia pré-histórica, em homenagem àquele ilustre arqueólogo e professor.

Aí se discutem alguns aspectos de importantes problemas de

Arqueologia e se descrevem achados que explorações arqueológicas trouxeram à luz do dia.

Todos os trabalhos são acompanhados de valiosa documentação gráfica e os assuntos tratados por professores universitários, suíços e estrangeiros, o que faz com que este volume seja uma excelente contribuição para o estudo da Arqueologia da Suíça.

A. A.

Bulletin de la Société Suisse d'Anthropologie et d'Ethnologie —
24.º e 25.º anos. Berna, 1949.

O presente número deste Boletim, abrangendo os anos 1947-48 e 1948-49, contém numerosas e importantes comunicações científicas, que foram feitas à Sociedade Suíça de Antropologia, durante o período de tempo acima referido.

Os Profs. Pittard e Schlaginhaufen, bem como outros investigadores de Zurique e Genebra, colaboram com trabalhos de Antropologia física.

São também muito interessantes as comunicações de Pré-história como a de Fredrich Hautman sobre o paleolítico da África Central e a de Marc-Blauter sobre a mortalidade da população neolítica da Suíça Ocidental.

Fecha este número do Boletim com um trabalho de Sero-antropologia da autoria de N. Lahovary em que este investigador termina por afirmar que, para as comparações étnicas, são mais convenientes as séries de 4 grupos (fenotípicas) do que as de 3 (genotípicas) pois que o grupo AB, desprezado nestas últimas, se apresenta muito mais frequente do que era de prever pelo cálculo das probabilidades, em séries de povos eurasiáticos.

A. A.

OLIVEIRA VIANNA — Instituições políticas brasileiras — 2 vols.,
Rio, São Paulo, 1949.

Poderia à primeira vista parecer que a obra de evidente mérito que Oliveira Vianna acaba de publicar no Brasil, escapa ao âmbito das matérias versadas na nossa revista. A verdade, porém, é que poucos autores terão mostrado, como o sábio escritor, uma tão lúcida e justa compreensão das conexões e até da estreita unidade que existem entre certos aspectos do Direito e os estudos de Culturologia e de Antropologia.

O 1.º volume do novo e importante livro de Oliveira Vianna refere-se aos *Fundamentos sociais do Estado*, com o expressivo subtítulo de *Direito público e Cultura*. O 2.º trata da *Metodologia do direito público (Os problemas brasileiros da ciência política)*.

Se o 2.º volume, embora se refira a um povo, parece o mais distante da Etnologia, nem por isso deixamos de encontrar ali citações cuja simples menção indica as bases — senão as diretrizes — do estudo feito. São esses nomes os de Frobenius, Ralph Linton, Malinowski, Artur Ramos, etc.

Mas é no 1.º volume que a Etnologia e a Antropologia social têm uma interferência mais desenvolvida e *necessária*.

Três das grandes subdivisões desse volume apresentam títulos significativos: *Cultura e Direito*, *Culturologia do Estado e Psicologia política*.

Erraria, porém, quem supusesse Oliveira Vianna enfeudado ao «panculturalismo» de Frobenius e de Spengler, como também o não está à Antroposociologia racista, embora se tenha suposto o contrário. Registe-se a sua preferência pela concepção da *étnia* e pelas teses recentes de Ralph Linton, e a sua opinião de que «não basta a cultura para explicar o homem e sua personalidade».

Nem só o *meio* (Buckle), nem só a *raça* (Lapouge), nem só a *cultura* (Frobenius, Spengler, Boas): os «factores da civilização» são, além dos individuais, da personalidade, compreendidos nesta fórmula: *Raça + Meio + Cultura*.

Complexos culturais, anti-urbanismo colonial, direito público costumeiro, clãs feudais, parentais e eleitorais, etc., são, entre muitos outros, factos analisados subsequentemente. Ninguém duvidará perante isso como o grande etnólogo e sociólogo Oliveira Vianna, glória autêntica da mentalidade brasileira, serviu a sua própria cultura e o seu próprio pensamento de jurista ao elaborar este livro fundamental.

M. C.

MARCEL MAGET — Remarques sur l'Ethnographie Française Métropolitaine — Buts, Méthodes, Désignation — Separata do «Bulletin de la Société Neuchâteloise de Géographie» — Tome LV, fasc. 2, 1948, 19 págs.

O conservador do Museu Nacional de Artes e Tradições Populares de Paris, Marcel Maget, que com frequência debate questões de método no «Mois d'Ethnographie Française», põe com

clareza cartesiana os problemas de objecto, método e designação relativos à Etnografia Francesa Metropolitana.

O autor começa por mostrar a imprecisão de limites das ciências novas, que nascidas do sentimento poderoso, mas confuso, da urgência, não têm de entrada a possibilidade de se definirem com rigor. Daí resultam incursões por territórios já parcialmente desbravados por ciências próximas, que um dia podem vir a anexar definitivamente.

Maget divide o trabalho em 3 capítulos: 1.º Problemas e objectos; 2.º Método; 3.º Denominação.

No primeiro diz que uma ciência se define pelo objecto, mas também e sobretudo pelo método. A princípio a ciência nova aproveita métodos e técnicas já experimentados, mas só a pouco e pouco, ao tomar contacto com as realidades, é que elabora, aperfeiçoa e diferencia o seu método próprio.

Mesmo após estarem definidos o objecto e o método, pode ser contestada a etiqueta que designa a nova ciência. Embora o problema da terminologia seja muito menos importante que os primeiros é ele que em geral suscita mais discussões.

A Etnografia não escapou a estas dificuldades, sobretudo quando se começou a aplicar indiferentemente aos povos primitivos e aos civilizados.

Maget mostra que a Etnografia se encontra no ponto de confluência de diferentes perspectivas; é o centro de convergência e síntese de diversas tendências parcialmente valiosas: ambiente físico, substrato somático, evolução tecnológica, etc.

A Etnografia tem por objecto definir e explicar na medida do possível a heterogeneidade cultural que se verifica numa época dada, no conjunto da humanidade. Compete à Antropologia Cultural desvendar o que há de humano, de específico através desta heterogeneidade dos grupos. Como diz Maget, é notoriamente insuficiente e abusivo o uso duma psicologia sumária dos povos, que escolhe um elemento pitoresco para os classificar, elevando-o à categoria de sinal distintivo. Uma atitude mais científica dirige a atenção sobre factos culturais de significado mais profundo: a língua (na origem a Etnografia inscrevia as suas pesquisas no quadro das áreas linguísticas): a técnica (certo traço, como o arco, pode servir para caracterizar um círculo cultural ou Kulturkreis), etc. Uma análise mais delicada permite distinguir nas áreas primitivas, sectores e sub-sectores cada vez mais limitados, à medida que crescem o número de modalidades e de variantes.

Actualmente é preferível tentar definir um grupo cultural focando sucessivamente: 1) A soma dos traços culturais. 2) A fun-

ção real de cada um desses traços. 3) As associações entre traços culturais. 4) A estrutura.

*

De início, enquanto a Etnografia focava só os grupos humanos dos chamados povos primitivos, muito diferentes de nós e isolados do convívio de outros povos, a tarefa foi fácil. Nas nossas sociedades já este estudo é mais complexo. Nos povos históricos têm-se sobretudo estudado os aspectos brilhantes da civilização, que são sempre o produto da actividade criadora das elites, mas isso não basta para conhecer a cultura dum povo. Uma nação, além da capital e das cidades e vilas, das elites e burguesia, tem aldeias e casais isolados, tem camponeses, pescadores e artífices. Estes dois mundos exercem influências recíprocas.

Pará em breve cento e cinquenta anos que os precursores começaram a prestar atenção a estas regiões humanas até então abandonadas, dando origem a um tipo de pesquisa que em meados do séc. XIX tomou o nome de *Folclore*. O labor dos folcloristas veio de início preencher uma lacuna importante e fornecer materiais apreciáveis.

Mas com o andar dos tempos a investigação folclórica tornou-se insuficiente por estabelecer limites rígidos ao seu campo de acção, não podendo de maneira nenhuma satisfazer as necessidades dum saber mais amplo. O agente ficava limitado ao povo (difícil de definir), ao rural, ao infantil, e as ordens dos fenómenos estudados não iam além da literatura, da música e das crenças populares. Daí uma excessiva valorização do estético, das épocas remotas, sem procurar estabelecer relações com o conjunto da cultura.

Para conhecer a cultura total dum povo é necessário passar em revista a totalidade das instituições incluídas nesse povo e a totalidade dos grupos e sub-grupos culturais. São várias disciplinas que concorrem para este conhecimento, não só em relação ao passado, mas também ao presente, e ao lado delas veio alinhar a Etnografia. Mas, se o fim é comum, ela distinguir-se-á das outras por traços de método, cuja especificidade relativa se forma à medida que se vai aplicando.

De início é necessário ganhar uma certa objectividade e libertar-se de qualquer *a priori*; predilecção exclusiva pelos factos curiosos, comoventes, «pitorescos», ou dotados de valor estético que os faz escolher por um carácter particular e não pelo seu significado cultural total; prejuízos a favor duma certa imprecisão em relação aos «bons velhos tempos», procura de fenómenos

supostos muito antigos e capazes de revelar as «origens». A objectividade deve assentar na *observação directa* dos *traços materiais* e dos *comportamentos físicos* observáveis, indo do material ao espiritual.

Dada a vastidão do campo a estudar convém partir do simples para o composto, ou para o mais complexo.

Para estudar uma aldeia deve-se começar monograficamente pelos elementos característicos do equipamento material, pelos espécimes de indivíduos e sub-grupos bem escolhidos (empresas agrícolas, ou de artes e ofício, família, etc.) que o compõem. Para lá da aldeia atingir-se-á, por extensão progressiva, a região, a província, a nação, à qual se chegará por integrações sucessivas de monografias cada vez mais amplas.

A *monografia intensiva* é, sem dúvida, o processo mais característico da pesquisa etnográfica, quer a monografia se reporte sobre um conjunto, ou um grupo cultural.

A monografia dum grupo, por exemplo a dum grupo mais facilmente definido no estado actual, a comunidade aldeã, tenderá à descrição exaustiva de todos os comportamentos colectivos que aí se podem observar, elaborando-se pela integração de monografias de objectos, de pessoas, de sub-grupos. Note-se bem; integração e não justaposição. À própria escolha da monografia deve presidir grande escrupulo.

O método etnográfico procede sobretudo *pelo contacto directo*, pela *observação* dos factos. Depois pela *informação*, pela qual sonda os espíritos e as memórias. A informação completa a observação e serve ao mesmo tempo para verificar a sua exactidão.

A Etnografia é sobretudo uma ciência do presente, mas a informação permite-lhe recuar no tempo. Primeiro vai tão longe quanto vai a memória dos homens mais velhos, mas pela consulta de arquivos e da história pode ir bastante mais longe. Podia-se mesmo falar na etnografia de povos desaparecidos, mas como isso se tornou uma preocupação dominante da História não é necessário atribuir-lhe denominação especial.

Na descrição do actual é preciso distinguir um programa de urgência. Como só a parte brilhante das culturas nacionais foi estudada, é necessário fazer um inventário rápido e tanto quanto possível completo de tudo aquilo que até aos nossos dias foi descuido pela investigação, sobretudo do que ainda resta das formas de vida pré-maquínista. A equipa etnográfica que tem de fazer um inventário e caracterizar um determinado grupo local, deve estabelecer as descrições parciais que devia obter dos especialistas. A musicologia, a tecnologia, a linguística não são em

si etnografia, ou disciplinas etnográficas, não se confundem mais com ela do que a geologia se confunde com a geografia. Mas sobre um determinado grupo cultural, cada uma contribui, na ordem dos fenómenos próprios, à descrição do conjunto.

Muitos erros cometidos provieram de dar o primado a tal ou tal factor de explicação: fisiológico, geográfico, tecnológico, económico, sociológico, histórico, etc. Na realidade, cada factor de explicação pode ter em certos casos preponderância a ponto de diminuir os outros. Mas o erro consiste em querer generalizar ao conjunto humano, certa predominância verificada legitimamente para alguns casos. A Etnografia deve procurar apreender a realidade sem preconceitos de escola ou atitudes tomadas *a priori*. Como ciência de equipa deve aproveitar os trabalhos dos especialistas e por sua vez pode fornecer às outras ciências casos concretos de grande utilidade.

De maneira resumida a Etnografia podia-se definir assim: partindo da verificação da heterogeneidade cultural do ambiente humano no espaço e no tempo, a Etnografia tem por tarefa contribuir para a descrição e a explicação desta heterogeneidade (razão por que entra na Antropologia Cultural Geral). A sua marcha essencial é o estudo monográfico, mas por razões de método deve-se afastar das grandes descrições fundadas sobre a observação de actividades superiores dos grupos humanos. Ela toma o problema pela base e dirige a actividade monográfica sobre grupos de pouca extensão, os grupos comunais, para passar por integrações sucessivas destes grupos elementares, às regiões e à nação.

*

Maget diz que embora Etnografia não seja palavra etimologicamente adequada ao conceito que esta ciência hoje tem, o mesmo sucede a muitas outras palavras derivadas de raízes gregas e latinas. Ainda sob o ponto de vista etimológico a palavra Etnografia é preferível a folclore. Uma palavra de étimos gregos entra na categoria das palavras eruditas sem ter o aspecto de vetustez que tem folclore, mesmo para um inglês, pois é formado por duas palavras envelhecidas e intencionalmente roubadas à linguagem desusada, precisamente em alusão às características arcaicas do objecto que se propunha estudar.

Etnografia tem além disso a vantagem de já existir e de ser empregada com sucesso para designar, a princípio, o estudo de povos com culturas muito diferentes das culturas europeias. Não há razão científica nenhuma para restringir o seu sentido, aos

olhos de cada povo, ao sentido de xenografia. Isso resulta dum complexo de superioridade em relação aos vizinhos, que confina com o racismo. É, de facto, mais difícil de aplicar às culturas mais complexas e aos grupos numéricamente superiores. Mas se a legitimidade da aplicação é admissível, não há razão nenhuma para lhe dar outro nome, quando se trata do seu próprio grupo ou de outros. Diz mais que a palavra Etnografia progride e está hoje implantada em vários países, entre os quais Portugal, ao passo que Folclore tende a regressar à sua acepção primitiva. Por outro lado, as pesquisas no género das que qualifica de Etnografia tomam outras designações, como Antropologia Cultural nos Estados Unidos. Porém, Etnografia tem a vantagem de ser mais curta e de emprego mais fácil que uma expressão composta.

*

Este estudo de Marcel Maget é notavelmente claro e bem desenvolvido. Ele contribui para dar bases verdadeiramente científicas à Etnografia francesa e mostrar os perigos que ela por vezes corre e tem corrido, quando os seus cultores se deixam arrastar por preconceitos que muitas vezes têm por base sentimentalismos descabidos, ou falsas ideias de superioridade em relação a outros grupos humanos. Que essa necessidade de valorizar o seu seja uma tendência instintiva do homem, e portanto se encontre entre os indivíduos que são objecto da Etnografia, compreende-se, mas que o próprio homem de ciência assim proceda é indesculpável.

Alguns pontos do estudo de Maget tem menos interesse para nós portugueses, visto que há muito são pontos assentes e indiscutíveis. A designação *Etnografia* está, depois de Leite de Vasconcelos, definitivamente lançada entre nós. Da mesma maneira o grande mestre soube-lhe dar a amplidão de conceito que a escola francesa procura hoje defender com vigor e de maneira louvável. A nossa tradição de povo navegador e colonizador tirou-nos possíveis veleidades racistas e talvez daí a tendência a aplicar indiferentemente os métodos etnográficos aos povos ditos primitivos e à nossa própria população. Da mesma maneira, a base do método da escola de Leite de Vasconcelos foi a *observação directa* e a *informação*. Contudo, o trabalho de Maget tem um rigor lógico e uma clareza de linha que não é fácil encontrar em trabalhos nossos. Além disso, há algumas novidades, como a da monografia intensiva como base do trabalho etnográfico, e a integração de monografias que partindo do mais simples para o mais complexo acabarão por dar o quadro mais perfeito de toda a nação.

Maget fala-nos ainda na monografia de grupo e do trabalho por equipas, coisa que só há pouco começa a ser defendida e praticada em Portugal.

Chamamos a atenção dos etnógrafos portugueses para este trabalho de Marcel Maget, não só pela maneira exemplar como está realizado, mas sobretudo pela necessidade de se chegar o mais breve possível a uma certa unidade de pontos de vista.

Maget é um jovem com grande vocação teórica para os problemas de método, que tem lutado denodadamente pelo triunfo duma Etnografia rigidamente científica e em bases universais. Só um esforço sincero de nós todos pode conduzir à uniformidade de pontos de vista, que permita uma real colaboração internacional capaz de produzir frutos verdadeiros.

J. D.

J. CARO BAROJA — Los Pueblos de España, Ensayo de Etnología — Barcelona, 1946, Editorial Barna — 495 págs., 4 estampas coloridas, 61 fotografias, 26 desenhos.

Julio Caro Baroja, depois do magnífico estudo de «Los Pueblos del Norte de la Península Ibérica» (1), teve a feliz ideia de estender a toda Península a análise histórico-cultural que fizera a uma pequena parte dela.

É preciso dizer-se que só uma mentalidade invulgarmente erudita tinha a coragem de atacar tal problema com a vastidão de que foi capaz Caro Baroja.

Na primeira parte a análise começa nos tempos mais recuados da pré-história, e entra pela proto-história, discutindo todos os problemas dos antigos povoadores. Apesar de tratar de problemas gerais de etnologia, de arqueologia e linguística, nos quais é com frequência original, nunca se lhe nota um momento de fraqueza.

Na segunda parte estuda os povos antigos da Península, apoiando-se em dados de toda a ordem, num esforço magnífico de reconstituição do passado, até à sua completa romanização.

Na terceira parte Caro Baroja procura fazer uma análise etnológica das actuais populações da Península, relacionando o presente com o passado.

(1) Madrid, 1943.

O autor foca os principais problemas da cultura, desde a habitação, economia, mitologia, folclore, com tal abundância de notas e riqueza de erudição que chegam a causar assombro. Não é de mais dizer-se que Baroja é hoje uma das maiores figuras da Etnologia europeia, pela sua invulgar erudição, profunda seriedade de pensamento, clara inteligência e vivo espírito crítico.

Pouca gente maneja como ele uma bibliografia tão vasta, não só da especialidade como das ciências afins, o que lhe permitiu realizar uma obra única e verdadeiramente notável. Compete agora à investigação directa trabalhar no campo, nas diferentes regiões da Península, a fim de completar com novas contribuições a magnífica construção de Julio Caro.

Para os investigadores portugueses este estudo de Caro Baroja tem o interesse especial de focar muitos problemas que são comuns à Espanha e a Portugal, razão porque esta obra não pode faltar na biblioteca de qualquer etnógrafo português.

J. D.

WILHELM KOPPERS — *Die Bhil in Zentralindien* — «Institut für Völkerkunde an der Universität Wien». Editores Ferdinand Berger, Horn-Wien, 1948. 338 págs., XVI estampas.

Este livro representa o produto de quase dois anos de investigação directa (1938-39) junto dos Bhil e outros povos até agora pouco conhecidos da selva do Noroeste da Índia Central. O valor do material que esta obra oferece aos estudiosos da Etnografia é considerável. Wilhelm Koppers, professor de Etnologia na Universidade de Viena, que tem uma larga prática dos problemas teóricos e práticos da ciência que ensina, não se limitou a certos aspectos etnográficos dos Bhil. O seu livro contém cultura material, economia, vida social, festas, religião, magia, usos e costumes, tudo estudado pormenorizadamente.

O autor aproveita a bibliografia existente e relaciona, sempre que pode, os Bhil com os povos vizinhos, procurando ao mesmo tempo determinar-lhes a evolução cultural.

Parece-lhe que os Bhil entroncam num velhíssimo povo de cultura venatória, muito anterior aos pré-arianos.

Nos nossos dias a Etnografia não pode circunscrever-se ao reduzido campo de acção dum só país. É necessário abrir a curiosidade a amplos horizontes, procurando relacionar as actividades culturais de todos os povos, para melhor compreendermos o nosso. Nós, portugueses, que nunca tivemos preconceitos rácicos

e que fomos dos primeiros a interessar-nos pelos povos de regiões distantes, devemos acolher com satisfação esta tendência da Etnografia contemporânea que vem de encontro à nossa maneira de ser. Se muitas características distinguem os povos, muitas outras também são comuns a populações geograficamente distantes (1). Portanto, a leitura de obras neste género é também indispensável a quem se dedica aos estudos etnográficos metropolitanos.

Wilhelm Koppers teve como intérprete o missionário holandês Leonhard Jungblut, bastante familiarizado com o idioma local. Deve-se talvez à necessidade de intermediário a falta de caracterização psicológica que só é possível pela convivência directa com o povo.

J. D.

EMÍLIO WILLEMS — Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo — Faculd. de Filos., Ciências e Letras, São Paulo, 1948.

O ilustre professor de Antropologia da Universidade de S. Paulo realizou em 1941 um vasto inquérito junto dos professores de todas as escolas públicas daquele progressivo Estado, em que havia 20 % ou mais de japoneses ou descendentes de japoneses, tendo previamente elaborado um plano desse inquérito, o qual, circunscrito a perguntas simples, nem por isso deixou de beneficiar de algumas desenvolvidas observações próprias daqueles professores. Foram interrogados 6.023 alunos japoneses ou descendentes de japoneses, dos quais 1.433 não falavam português ao matricularem-se, 3.875 o falavam com dificuldade e 2.263 o falavam, passando, facilmente, duma língua à outra.

O Prof. Willems estuda a religião e as festas cívicas e religiosas entre os alunos e famílias e reúne em quadros elucidativos os resultados sobre vários elementos culturais, desde os ergológicos até aos da cultura não material, organização da família, etc. É muito curiosa, por exemplo, a atitude perante o casamento civil brasileiro, em vista da situação da mulher. Os casos individuais de consciência multiplicam-se, mas parece que as

(1) Para exemplo basta citar o uso de passar uma criança doente através dum buraco feito num tronco de árvore, como se vê na figura 3 da estampa XI deste trabalho. No 3.º volume dos *Estudos*, de A. C. Pires de Lima, a páginas 155 vem um desenho de Emanuel Ribeiro em que se vê a mesma prática usada para curar as crianças rendidas. Este costume também se conhece em Espanha e em outros países europeus.

duas instituições matrimoniais, a japonesa e a brasileira, continuam lado a lado, com funções distintas.

A raça, a cultura e a classe social desfavorecem a miscigenação, sobretudo a segunda. « O maior obstáculo à miscigenação é a própria organização da família japonesa e a ausência de padrões capazes de estimular a aproximação espontânea dos sexos ». A mulher japonesa é preferida pelo imigrante japonês pela sua obediência e pela diferença nos preliminares do casamento entre Japoneses e Ocidentais. Um mundo de problemas.

O Prof. Willems anuncia novas pesquisas directas *in loco*. Mas este seu trabalho é já do mais alto valor, dando a medida da transcendência e complexidade dos processos de *aculturação* em populações tão heterogêneas. Não queremos deixar de registar ainda a meticulosidade, o pormenor e a inteligência que presidiram à escolha, pelo ilustre professor brasileiro, dos elementos culturais a que se referiu o inquérito.

M. C.

CHARLES WAGLEY — Regionalism and cultural unity in Brazil —
« Social Forces », vol. 26, 1948.

O ilustre professor de Antropologia da Columbia University, de Nova-Iorque, que ainda recentemente visitou, com vagar e interesse, Portugal para estudar nas regiões originárias certas manifestações da influência social portuguesa no Brasil, fornece neste breve mas sugestivo artigo uma impressão geral da personalidade cultural brasileira na América em conjunto e na América Latina em particular.

Muitas passagens do substancial estudo suscitariam naturalmente reflexões ou desenvolvimentos, mas é difícil fazer uma síntese a um tempo tão breve como, em geral, bem informada e justa.

O Prof. Wagley, observador inteligente e culto, conhece profundamente o Brasil onde tem estado com demora e onde realizou um importante trabalho de antropologia social, em colaboração com Eduardo Galvão: *The Tenetehara Indians of Brazil — A culture in transition* (Nova-Iorque, 1949).

Estamos certos do interesse e simpatia com que o ilustre professor e antropólogo se encontrou ultimamente em contacto com a vida do povo português, neste descobrindo as fortes raízes de muitas manifestações actuais da cultura e da psicologia dos brasileiros.

M. C.

IGNACIO DE ASSO — *História de la Economía Política de Aragón* — Zaragoza, 1798 — Edição do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Zaragoza, 1947 — Prólogo e Índices de José Manuel Casas Torres.

Bem avisado andou o C. S. I. C. em reeditar a obra de Ignacio de Asso, pelo enorme valor documental que encerra. Nesta obra encontram-se dados precisos sobre os problemas económicos da época, sobretudo os relativos à agricultura, que o autor conheceu a fundo.

O trabalho de Casas Torres, que salienta no Prólogo o interesse deste estudo para os que se dedicam à Geografia Humana, é muito maior do que à primeira vista pode parecer. De facto, os índices analíticos, que ocupam mais de cento e meio de páginas, são uma obra exaustiva que multiplica imenso o valor inicial do trabalho. José Manuel Casas Torres é destes homens de ciência libertos de preocupações mesquinhas e para quem a ciência está muito acima da sua pessoa. Por isso não se poupou ao trabalho de enriquecer uma obra que não é sua. Para ele vai toda a nossa admiração.

J. D.

JOSÉ MANUEL CASAS TORRES Y ANGEL ABASCAL GARAYOA — *Mercados Geográficos y Ferias de Navarra* — Monografía de la Institucion «Principe de Viana» y la Estacion de Estudios Pirenaicos — Zaragoza, 1948.

Os autores continuam neste livro um trabalho, que vêm realizando há alguns anos, sobre feiras e mercados geográficos.

É indiscutível o interesse que tal estudo tem para quem se dedica aos problemas geo-económicos, e que é enormemente facilitado pelo método cartográfico adoptado pelos dois conhecidos investigadores. Os mapas permitem reconhecer as relações mercantis dos núcleos de população. O seu fim não é delimitar províncias naturais, como as entendia Dantin Cereceda, mas na verdade as linhas fundamentais das «regiões humanas» de Navarra.

Mercado, no sentido geográfico, é o lugar a que cada um vai habitualmente comprar e vender. Embora o mercado medieval tivesse nascido dum privilégio real, com o andar dos tempos só deviam prosperar aqueles que tinham condições naturais para tal.

Na introdução lemos considerações curiosas acerca de mercados e feiras e seus diferentes tipos. Os mercados são

permanentemente um centro mercantil a que todos vêm, num determinado dia, vender e comprar mercadorias e que depois abandonam. O caso mais expressivo deste último tipo deve ser Irurzum.

Enquanto que o mercado se realiza com frequência, a feira só tem lugar uma ou duas vezes por ano.

Os autores utilizaram um método duplo, por inquérito escrito e pelo conhecimento directo do país.

Os mapas de mercados reflectem indirectamente a distribuição da população de Navarra.

O livro magnificamente ilustrado e documentado tem um resumo em francês, inglês e alemão, o que era para desejar fosse imitado pelas vantagens de difusão internacional que se podem alcançar.

J. D.

RAMÓN VIOLANT Y SIMORRA — *El Pirineo Español* — Madrid, 1949 — Editorial «Plus Ultra», 649 págs.

Este bellissimo livro, com excelente ilustração e muito bem apresentado, representa o trabalho aturado de muitas e penosas caminhadas pelos vales e encostas do Pirenéu espanhol. Violant y Simorra é o caso típico do etnógrafo por vocação, daquele que sente nascer em si uma paixão invencível pelos problemas do homem e da terra. Sacrificando tudo pelo grande amor da Etnografia, Violant y Simorra conseguiu, como autodidacta, ser hoje um dos maiores, porque não dizer o maior etnógrafo de campo, de Espanha. Independentemente das suas qualidades profissionais, há dois traços do seu carácter que definem o homem. Primeiro, dedica a Fritz Krüger, o grande etnógrafo-filólogo alemão, este livro como sinal de gratidão por Krüger ter sido o primeiro a estudar os seus queridos Pirenéus. Segundo, chama a prefaciá-la sua obra Júlio Caro Baroja, o maior teórico espanhol da Etnografia. Só um homem rico de interioridade, sem recalcamientos nem complexos, é capaz de associar humildemente à sua obra, dois grandes nomes, dentro da mesma ciência. Um tal homem é não só digno de admiração como de estima.

De facto Violant y Simorra pode perfeitamente aliar-se a esses grandes nomes, pois se lhes deve, aquilo que todos nós devemos aos que nos precederam ou ao nosso lado trabalham; a sua verdadeira estatura como investigador directo é de molde a não sofrer receio de confronto com ninguém.

El Pirineo Español é um estudo etnográfico dos mais completos que conhecemos. O autor, apoiando-se na bibliografia especial existente, não deixa nada por tratar. Faz um estudo, do Pirenéu físico, em todos os vales principais. Depois estuda o homem, a sua economia, a habitação, a vida doméstica, os ritos de passagem (nascimento, casamento e morte), organização social e pecuária, a caça e a pesca, a vida pastoril, a vida agrícola, crenças, mitos e superstições, festas populares, representações, danças e desportos. É um trabalho bem ordenado, vivo, e com enorme riqueza de dados novos colhidos pelo autor. Além do prazer espiritual a leitura de tal livro torna-se indispensável para nós, pelas possibilidades de comparação que oferece em relação às nossas regiões pastoris do norte.

Parece que a Península Ibérica desperta e caminha a passos largos para uma época de apogeu da Etnografia, cuja importância é crescente em todo o mundo culto.

J. D.

RICHARD WEISS — *Volkskunde der Schweiz (Grundriss)* — Erlenbach — Zürich, 1946. Edit. Eugen Rentsch — 436 págs., 10 estampas, 8 mapas e 314 fotografias.

Richard Weiss escreveu um manual da Etnografia Suíça — verdadeira obra-prima de método e síntese — que se pode considerar indispensável a qualquer especialista europeu.

Na primeira parte trata com profundidade os problemas gerais, expondo com rigor lógico o que entende por Etnografia e quais os métodos a aplicar ao estudo, definindo a sua posição pessoal perante a ciência etnográfica. Richard Weiss não pretende ser um «coleccionador folclórico» nem se esforça pela conservação «dos bons velhos tempos», é simplesmente um homem de ciência positiva, que tem por objecto o estudo do «volkstümlich», étnico, em todas as classes sociais.

Para ele: «*Etnografia é a ciência da vida do povo. A vida do povo consiste nas relações de permuta actvantes entre povo e cultura popular, enquanto estas são determinadas pela comunidade e pela tradição*».

Em relação aos limites de *Volkskunde* (Etnografia) e da *Volkskunde* (Etnologia), Weiss é um continuador da escola etnográfica germânica, que estabelece distinção entre o elemento popular das sociedades cultas, objecto da *Volkskunde* e o estudo das

sociedades primitivas, não estratificadas que são do domínio da Volkskunde.

Não há dúvida que esta cisão entre duas ciências que têm como objecto o estudo da vida do povo, pode trazer graves prejuizos, como muito bem tem dito Marcel Magão no *Le Mois d'Ethnographie Française*.

Ninguém melhor que Ruth Benedict ⁽¹⁾ soube mostrar o que há de prejuízo egocentrista na nossa atitude perante os chamados povos primitivos. De facto, a Etnografia estuda o *povo e a sua cultura*, e não há necessidade de estabelecer distinção entre este e aquele povo. Pode mesmo dizer-se que o excepcional valor da actual etnografia americana (Social Anthropology) provém de se ter enriquecido, inicialmente, no estudo dos núcleos humanos primitivos.

Porém, não deixa de existir diferença entre a sociedade estratificada dos povos históricos e a sociedade, mais ou menos planificada, dos povos primitivos. Por isso, o elemento diferenciador de ordem psicológica — Volkstümlich —, encontrado por Richard Weiss, parece-nos muito subtil e próprio dum bom representante duma escola de grande vocação filosófica, como é a germânica.

A segunda parte do livro, consagrada à descrição sintética da Etnografia Suíça, não é em nada inferior à primeira. O autor soube dar uma visão magnífica de todas as manifestações da cultura do povo Suíço, colocando-se no centro dos problemas. Não esquece o ambiente, o género de vida, as condições materiais em que a vida decorre, tendo como objectivo último o problema do carácter popular suíço.

É curioso verificar-se que a Etnografia está a ser hoje o ponto de encontro de correntes inicialmente tão diversas, o que contribui para o seu rápido apogeu. A escola germânica, pelo estudo do tradicional, chega, como acabamos de ver na obra de Richard Weiss, ao estudo universal da cultura dum povo e do seu próprio carácter.

A escola francesa, levada pela própria tendência universalista do seu génio, tende a englobar os estudos do homem, fugindo a distinções que lhe parecem artificiais. A escola americana, que parte do estudo dos primitivos, aplica hoje, com enorme sucesso, o mesmo método a todos os grupos humanos, indistintamente, preocupada sobretudo com o estudo das comunidades, das relações do grupo e das aculterações que nele se verificam. Em face disto, não poderemos dizer que Leite de Vasconcelos, o fundador da escola portuguesa, não foi um precursor?

(1) Ruth Benedict — *Patterns of Culture*.

Porém, esta obra de Richard Weiss não marca só uma tendência, é, além disso, uma das realizações mais bem acabadas no género, que honram não só o homem, mas a nação a que esse homem pertence, e que tão grandes etnógrafos tem produzido.

J. D.

AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA — Estudos etnográficos, filológicos e históricos — (3 vol. das «Tradições populares de Santo Tirso»). Edição da Junta de Província do Douro-Litoral, Porto, 1948 (566 págs., 95 grav.).

O director do Museu de Etnografia e História continua neste volume a reunir trabalhos seus dispersos por várias revistas de difícil consulta, tornando assim acessível ao investigador e ao curioso dos estudos populares o riquíssimo manancial coligido paciente e criteriosamente durante uma vida de esforço e amor ao seu povo.

Não se pode encarecer demasiado o valor desta obra, tão rica nos elementos directamente colhidos do povo e valorizada por numerosas notas que facilitam a comparação com casos e fenómenos análogos registados por outros investigadores.

Augusto César Pires de Lima que se considera discípulo de Leite de Vasconcelos, o fundador da Escola Etnográfica portuguesa, é um verdadeiro temperamento de etnógrafo, com todas as quantidades de simpatia indispensáveis ao trabalho de recolha.

Para obter do povo a confissão do seu mundo íntimo é necessário ganhar-lhe a confiança, e isso só se consegue quando o calor humano apaga as barreiras que as diferenças de altura e posição social, em geral, estabelecem.

Os assuntos, ordenados em capítulos, não foram só colhidos em Santo Tirso. No fim do volume um índice analítico, feito com cuidado, facilita muito a consulta da obra. Pena é que nem todos os autores se dêem ao cuidado de completar os seus estudos desta maneira tornando assim penoso o trabalho de quem tem de os consultar. A ilustração, abundante, foi bem escolhida.

Quando o IV volume dos Estudos estiver impresso, poder-se-á dizer que a Etnografia Portuguesa ficou sensivelmente enriquecida com uma obra de grande importância, que nenhum etnógrafo poderá dispensar.

J. D.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

(Antigos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»)

VOL. XII — FASC. 1-2

SUMÁRIO:

CARLOS DE ARAÚJO JORGE:

Morfologia do seio maxilar (pág. 5).

J. CAMARATE FRANÇA:

A estação pré-histórica do Alto das Perdizes (pág. 16).

G. ZBYSZEWSKI E A. VIANA:

Grutas de Maceira (Vimeiro) (pág. 114).

JORGE DIAS:

O problema da reconstituição das casas redondas castrejas
(pág. 126).

Vária: — Indústria paleolítica de Ficalho (Baixo Alentejo)
(A. VIANA e G. ZBYSZEWSKI); Os terraços do Minho em
Orense (CARLOS TEIXEIRA); Um «metate» em Vilarelho
da Raia (JORGE DIAS); Achado arqueológico na Alema-
nha (J. D.) (pág. 169).

Revista bibliográfica: — ADQUISICIONES DEL MUSEO
ARQUEOLOGICO NACIONAL (187); ALMAGRO (131); AL-
MEIDA (189); ASSO (204); BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ
SUISSE D'ANTHROPOLOGIE ET D'ETHNOLOGIE (193); CAR-
DOZO (185); CARO BAROJA (200); CASAS TORRES Y GA-
RAYOA (204); FESTSCHRIFT FÜR OTTO TSCHUMI (192);
HOYOS SÁINZ (191); JALHAY (183, 184); KOPPERS (179,
201); LAUTENSACH (189); MAGET (194); PERICOT GAR-
GIA (180); OLIVEIRA VIANNA (193); PAÇO (183); PALES
(190); PELEGRIN (192); PIRES DE LIMA (208); RAU (182);
RODRIGUES (191); RIET LOWE (187); ROSELL (186); SOUSA
(188); VIANA (186); VIANA, FORMOSINHO e FERREIRA
(186); VIOLANT Y SIMORRA (205); WAGLEY (203); WEISS
(206); WILLEMS (202).